

FREE BOOKS

GABRIEL LAMBERT



ALEXANDRE DUMAS

ALEXANDRE DUMAS

GABRIEL LAMBERT

(Romance)

Tradução de Antônio José Leite Lobo
com a participação de Paulo Soriano

2019

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL

SUMÁRIO

SOBRE A OBRA	5
GABRIEL LAMBERT	7
I – O FORÇADO	8
II – HENRI DE FAVERNE	28
III – O SALÃO DA ÓPERA	41
IV – OS PREPARATIVOS	55
V – A ALAMEDA DE LA MUETTE.....	66
VI – O MANUSCRITO.....	79
VII – O DUELO.....	84
VIII – O FORÇADO.....	97
IX– A NOTA DE QUINHENTOS FRANCOS ..	110
X – UMA PARTE DO VÉU DESCOBERTO	120
XI – UMA TERRÍVEL CONFIDÊNCIA	134
XII– PARTIDA PARA PARIS	154
XIII – CONFISSÃO	169
XIV – APÓS A CONFISSÃO	188
XV – A FLORISTA	201
XVI – CATÁSTROFE.....	213

XVII – A CADEIA BICÊTRE	237
XVIII – UMA VIGÍLIA DE REI	257
XIX – O ENFORCADO	268
XX – O INQUÉRITO SUMÁRIO.....	295
CRÉDITOS	300

SOBRE A OBRA

Em maio de 1835, numa viagem a Toulon, Alexandre Dumas depara-se com um homem misterioso, condenado perpetuamente às galés. O famoso escritor está certo de que já conhecera aquela arredia criatura, mas não se recorda em que circunstâncias. Isto o intriga. O nome do prisioneiro – Gabriel Lambert – nada lhe acrescenta. Mas, ao descobrir o codinome pomposo pelo qual o forçado fora conhecido nas altas esferas de Paris, vem-lhe à memória uma cena em que o desconhecido duela com um de seus mais íntimos amigos. Mas isto é muito pouco para o curioso escritor. Firme no intento de descobrir a trajetória do infeliz condenado, Dumas, sem renunciar ao enredo ágil e instigante, revela-nos uma trágica narrativa, na qual o atribulado protagonista assume a dimensão de um anti-herói

marcado pela ambição e covardia extremas. Gabriel Lambert talvez seja um dos mais odiosos personagens da Literatura Universal, um homem inescrupuloso, instável, esquivo, mas dotado de um talento excepcional.

Romance escrito em 1843 – no ano seguinte viriam a lume “Os três mosqueteiros” –, “Gabriel Lambert” poderia ser objeto de estudo da moderna psicologia, tal é perspicácia com a qual o grande escritor francês examina a alma de um homem atormentado, dotado de um pérfido caráter e de um comportamento excêntrico, que alterna períodos de euforia e depressão profundas...

GABRIEL LAMBERT

I – O FORÇADO

Por volta do mês de maio de 1835, eu me encontrava em Toulon.

Morava numa pequena casa de campo, que um amigo deixara à minha disposição.

Esta casinha está situada a cinquenta passos do forte Lamalgue, justamente à frente do famoso reduto que viu surgir, em 1793, a sorte alada de um jovem oficial de artilharia que veio a ser, primeiro, o general Bonaparte e, depois, o imperador Napoleão.

Eu havia me retirado para lá com a louvável intenção de trabalhar. Tinha em mente um drama bem íntimo, bem sombrio, bem terrível, que pretendia passar da mente ao papel.

Esse drama terrível seria o *Capitão Paul*¹.

Mas eu percebi uma coisa: para um trabalho profundo e constante, são necessários quartos estreitos, paredes apertadas e um dia enegrecido por véus de cor sombria.

Os vastos horizontes, o mar infinito, as gigantescas montanhas – especialmente quando tudo isso é banhado pelo ar puro e dourado da Provença – levam-nos direto à contemplação, e nada há que melhor afaste alguém do trabalho que a contemplação.

O resultado é que, em vez de executar Paul Jones, eu sonhava com Don Juan de Marañã².

A realidade tornava-se um sonho; o drama, metafísica.

¹ Dumas realmente escreveu, em 1838, o drama *Paul Jones*, ou *Paul le Corsaire*.

² Drama de Dumas, encenado em 1836.

Assim, eu não conseguia trabalhar, pelo menos durante o dia.

E, admito, contemplava esse Mediterrâneo azulado, com sua palheta de ouro, essas montanhas gigantescas, belas em sua terrível nudez, esse céu profundo e melancólico à força de ser límpido.

Tudo isto me parecia mais belo de se ver do que aquilo que eu poderia redigir, ou pareceria interessante de se ler.

É verdade que à noite, quando podia fechar as persianas aos raios tentadores da lua, quando podia desviar o meu olhar daquele céu todo cintilante de estrelas, quando podia isolar-me em meu próprio pensamento, eu retomava algum controle sobre mim mesmo. Mas, como um espelho, meu espírito tinha conservado o reflexo das preocupações do dia e, como eu disse, não eram elas criaturas humanas com suas paixões terrestres que surgiam diante de mim: eram lindos anjos que, por ordem de Deus, atravessavam com o movimento de suas asas estes espaços infinitos. Eram

demônios proscritos e escarnecedores que, sentados sobre algum rochedo nu, ameaçavam a terra. Era, enfim, uma obra como a Divina Comédia³, o Paraíso Pedido⁴ ou como o Fausto⁵ que despontava, e não uma composição como Angèle ou Antony⁶.

Infelizmente, eu não era Dante, Milton ou Goethe.

³ Poema escrito pelo escritor renascentista italiano Dante Alighieri (1265 – 1321) entre 1304 e 1321.

⁴ Poema publicado, em 1667, pelo escritor clássico inglês John Milton (1608-1674).

⁵ Poema trágico, redigido em forma de obra teatral, do escritor romântico Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832), cuja primeira parte foi publicada definitivamente em 1080, e, a segunda, em 1832.

⁶ Dramas de Dumas, encenados em 1833 e 1831, respectivamente.

Depois, ao contrário de Penélope⁷, o dia vinha destruir o trabalho da noite.

Amanhecia. Eu fui acordado por um tiro de Canhão. Saltei da cama.

Abri as janelas. Torrentes de luz invadiram meu quarto, afugentando diante de si todos os pobres fantasmas da minha insônia, espantados pelo clarão diurno. Então vi avançar majestosamente, levantada a âncora, um magnífico navio de três pontes – o *Triton* ou o *Montebello* – que, exatamente à frente de minha casa, como para minha particular recreação, fazia

⁷ Na mitologia Grega, Penélope, filha de Icário, era a mulher de Ulisses. Este, tendo acudido à Guerra de Tróia, tardava a retornar ao lar, findo o conflito. Pressionada pelo pai, Penélope prometeu casar-se novamente sob a condição de que só o faria quando terminasse de tecer um sudário que fazia para Laerte, seu sogro. Durante o dia, à vista de todos, Penélope tecia o pano, mas, à noite, sorrateiramente, desfazia todo o trabalho do dia.

manobrar a sua equipagem ou exercitar os seus artilheiros.

Vieram, depois, os dias de tempestade. Eram os dias em que o céu tão puro se condensava de nuvens sombrias, em que esse Mediterrâneo imensamente azulado tornava-se cor de cinza, em que a brisa tão doce transformava-se em furacão.

Enquanto o vasto espelho do céu se enrugava, aquela superfície tão calma começava a ferver como que abrasada por alguma fornalha subterrânea. As maretas pareciam vagas; as vagas, montanhas. A loura e doce Anfitrite⁸, como um gigante rebelado, parecia querer escalar o céu, torcendo os braços nas nuvens, e bramindo com essa voz poderosa que, quem a ouviu uma vez, jamais a esquecerá.

Se bem que meu pobre drama caía cada vez mais no esquecimento.

⁸ Deusa do mar, esposa de Possêidon.

Eu deplorava um dia esta influência dos objetos externos sobre minha imaginação ao comandante do porto, e declarava que estava de tal maneira incapaz de reagir contra estas impressões, que me confessava vencido. E que, a contar do dia seguinte, estava definitivamente resolvido a me entregar, durante todo o tempo que estivesse em Toulon, unicamente à vida contemplativa.

Em consequência disso, eu lhe perguntei a quem poderia me dirigir para alugar uma barca, pois era esta a primeira necessidade da nova existência que o espírito, em sua vitória sobre a matéria, me forçava a adotar.

O comandante do porto respondeu-me que pensaria no meu pedido e procuraria me satisfazer.

No dia seguinte, abrindo a janela, percebi, a vinte passos abaixo de mim, balançando-se, próxima à praia, uma encantadora barca que poderia navegar

tanto a remos como a velas, equipada por doze forçados.

Estava a pensar que uma barca como aquela era justamente o que me calhava, quando o guarda-forçados, avistando-me, atracou o bote, saltou à praia, e se encaminhou à porta de minha chácara.

Avancei ao encontro do honorável visitante.

Ele me entregou um bilhete, que tirou do bolso.

O bilhete dizia o seguinte:

“Meu caro metafísico:

Como não convém desviar os poetas de sua vocação e, conforme me parece, o senhor está, no momento, distraído da sua, eu lhe envio a barca que me pediu. O senhor poderá dispor dela todo o tempo em que ficar em Toulon, entre o abrir e o fechar do porto.

Se alguma vez os seus olhos, cansados de contemplarem o céu, se dirigirem à terra, aí achará em torno do

senhor doze homens fortes que facilmente o transportarão e, também, a sua visão do ideal à realidade.

É desnecessário dizer que não convém deixar-lhes à vista joias ou dinheiro.

Como o senhor sabe, a carne é fraca, e se, segundo um velho provérbio, ‘não convém tentar a Deus’, com muito maior razão não convém tentar o homem, principalmente quando este homem já sucumbiu à tentação.

Todo seu.”

Chamei Jadin⁹ e o informei de nossa boa sorte. Para a minha grande surpresa, ele não recebeu a notícia com o entusiasmo que eu esperava: a sociedade com a qual iríamos conviver lhe parecia um tanto frenética.

Entretanto, como, depois de um lançar de olhos sobre a nossa tripulação, ele

⁹ Louis Godefroy Jadin (1805 – 1882), pintor francês, amigo de Dumas.

divisou, debaixo dos barretes que as ornavam, algumas cabeças a caráter, tomou mui filosoficamente a sua decisão, e, fazendo sinal a nossos novos servidores para que não se mexessem, levou uma cadeira para a praia. E, tomando um lápis, começou um esboço da barca e sua terrível tripulação.

Com efeito, cada um desses doze homens que lá estavam – calmos, afáveis, obedientes, esperando nossas ordens e procurando preveni-las – havia perpetrado um crime.

Uns eram ladrões.

Outros, incendiários.

Outros mais, assassinos.

A justiça humana havia passado sobre eles. Eram entes degradados, repelidos do mundo: não eram homens; eram coisas. Não tinham mais nomes: tinham números.

Reunidos, formavam um todo. O total era essa coisa infame que se chama *calceta* – a pena de trabalho forçado.

Decididamente, o comandante do porto me tinha feito deles um singular esboço.

Entretanto, eu não me aborrecia em ver de perto esses homens, cuja mera pronúncia de seu nome num salão causaria pavor.

Aproximei-me deles, que se levantaram, tirando rapidamente os seus barretes.

Esta humilhação tocou-me.

– Meus amigos – disse-lhes –, sabeis que o comandante do porto vos pôs à minha disposição por todo o tempo de minha estada em Toulon?

Nenhum deles respondeu, quer por palavras, quer por gestos.

Era como se eu estivesse falando a homens de pedra.

– Espero – continuei – ficar satisfeito com vossas pessoas. Quanto a mim, tranquilizai-vos: estareis satisfeitos comigo.

O mesmo silêncio.

Compreendi que tal comportamento vinha da disciplina.

Tirei do meu bolso algumas pequenas moedas, que lhes ofereci para beberem à minha saúde. Mas nenhuma mão se moveu para recebê-las.

– A eles é proibido receber qualquer coisa – disse-me o guarda-forçados.

– Por que isso? – perguntei.

– Eles não podem ter dinheiro! – ele me respondeu.

– Mas o senhor não lhes pode permitir que bebam um copo de vinho até que estejamos prontos?

– Ah, com isto eu convenho perfeitamente.

– Muito bem. Mande buscar o que almoçar na taverna do forte. Eu pagarei.

– Eu bem tinha dito ao comandante – disse o guarda-forçados, sacudindo ao mesmo tempo a cabeça e os ombros –, bem eu tinha lhe dito que o senhor os faria folgar... Mas, enfim, já que eles estão a seu serviço, é preciso que façam a sua vontade...

– Olá, Gabriel! Vai ligeiro ao forte Lamalgue. Traz-nos pão, vinho e um pedaço de queijo.

– Eu estou na calceta para trabalhar e não para ser empregado em suas incumbências – respondeu o prisioneiro a quem esta ordem havia sido dirigida.

– Ah, é justo! Esqueci-me que tu és um grande senhor para empregar-te em tal serviço, senhor doutor. Mas como se trata de dar o que almoçar a ti e aos outros...

– Já tomei minha sopa e não estou com fome – respondeu o condenado.

– Desculpa-me... Bem, Rossignol não será tão orgulhoso. Vai, Rossignol, vai meu filho.

Com efeito, realizou-se aquela predição do honrado carcereiro.

Aquele a quem falou – e que sem dúvida devia o seu nome¹⁰ ao abuso que

¹⁰ Em francês, *rossignol* designa não apenas o *rouxinol*, mas também *gazua*, instrumento utilizado para abrir uma fechadura ou cadeado.

tinha feito do instrumento engenhoso, com cujo socorro tinha chegado a substituir a chave que faltava – levantou-se, arrastando juntamente seu companheiro, porque, como se sabe, todo homem na cadeia está acorrentado a outro. Ele se encaminhou para a taverna que tinha a honra de nos vender seus alimentos.

No entanto, eu lancei o olhar para o recalcitrante, cuja resposta mui pouco respeitosa, com grande admiração minha, não teve qualquer resultado funesto. Tinha ele, porém, a cabeça voltada para o outro lado, e como manteve esta posição com uma perseverança tal que parecia o resultado de uma firme resolução, não pude vê-lo.

Apesar disto, não deixei de notar seus cabelos louros, um tanto ruivos. Tornei a entrar na chácara na firme intenção de o examinar em outra ocasião.

Confesso que a curiosidade que sentia de conhecer o meu interrogado me fez almoçar com pressa.

Eu apressei Jadin, que não compreendia o motivo de minha impaciência, e retornei à praia.

Os novos serviçais não estavam tão adiantados quanto nós.

O vinho, o pão branco, o queijo do forte Lamalgue formavam para eles algo extraordinário, a que não estavam habituados, e prolongavam a refeição para saborearem um tanto mais.

Entre todos, Rossignol e seu companheiro pareciam apreciar no mais alto grau esta grande sorte.

Não esquecerei que o guarda-forçados, por seu lado, tinha-se humanizado a ponto de comer com seus subordinados, com a única diferença de que aqueles tinham uma garrafa para cada parilha, e ele tinha duas para si mesmo.

Quanto àquele que ele tinha designado sob o poético nome de Gabriel, sem dúvida seu companheiro de grilhão não renunciara à comida: tinha-o forçado a sentar-se com os demais. Mas, sempre

entregue ao seu acesso de misantropia, o orgulhoso condenado olhava desdenhosamente para os que comiam, sem tocar em nada.

À minha frente, levantaram-se todos os condenados que, como já disse, não haviam acabado a refeição. Mas eu lhe fiz o sinal para que acabassem o que haviam começado, e eu os esperaria.

Aquele que queria evitar o meu olhar já não tinha meios de fugir da minha inquirição.

Examinei-o, pois, muito a meu gosto, apesar de ele ter puxado o seu barrete até os olhos para escapar a esse exame.

Era um homem de vinte oito a trinta anos e, ao invés de seus companheiros, sobre cuja rude fisionomia era fácil ler-se as paixões que o tinham levado à posição abjeta em que estavam, tinha ele uma dessas feições apagadas, nas quais de certa distância não se pode distinguir traço algum.

A barba, que ele tinha deixado crescer em todo o seu desenvolvimento, mas que era pouca, e de uma cor enganosa, não podia dar à sua fisionomia um caráter distintivo.

Seus olhos, de um pardo pálido, erravam vagamente de um objeto a outro, sem serem animados de expressão alguma. Seus membros eram delgados e pareciam não terem sido destinados pela natureza a trabalhos fatigantes: o corpo a que eles pertenciam não parecia capaz de energia física alguma.

Um dos sete pecados mortais que trabalham na terra em nome do inimigo do gênero humano, aquele debaixo de cuja bandeira ele se tinha alistado, era, evidentemente, a preguiça.

Eu teria bem depressa voltado a minha vista desse homem, que eu estava certo não poder oferecer-me para estudo senão um criminoso de segunda ordem, se por acaso uma vaga lembrança não

houvesse despertado em mim: eu já havia visto aquele homem antes.

Infelizmente, como já observei, era uma dessas fisionomias nas quais nada deixa um traço, e que, à falta de outras razões particulares, não podem produzir em nós qualquer impressão.

Entregue completamente à convicção de que eu não o via pela primeira vez – o que a sua persistência em evitar o meu olhar reforçava –, era-me, contudo, impossível lembrar-me de onde e em que ocasião eu o tinha visto.

Aproximei-me do guarda-forçados e perguntei-lhe como se chamava aquele de meus convivas, que mal honrava a refeição por mim proporcionada.

– Chama-se Gabriel Lambert – respondeu-me ele.

Este nome em nada ajudou minha memória. Era a primeira vez que eu o ouvia.

Julguei, pois, que me enganara, e como Jadin aparecia à porta de minha casa, fui ao seu encontro.

Jadin trazia nossas duas espingardas, pois o nosso passeio não tinha outro fim senão caçar aves marinhas.

Troquei algumas palavras com Jadin, recomendando a ele que examinasse com atenção o homem que era objeto de minha curiosidade.

Mas Jadin não se recordava de maneira alguma de tê-lo visto antes e, assim como a mim, o nome de Gabriel Lambert lhe era perfeitamente estranho.

Durante este tempo, os nossos forçados acabavam de findar a sua refeição e se levantavam para retomar o seu posto na barca. De nossa feita, aproximamo-nos dela. Mas como, para alcançá-la, era preciso saltar de pedregulho em pedregulho, o guarda fez sinal àqueles desgraçados de entrarem no mar até os joelhos a fim de nos ajudar no trajeto.

Mas eu notei que, em vez de nos oferecer a mão para ponto de apoio, como fazem comumente os marinheiros, eles nos apresentaram o cotovelo.

Seria esta uma ordem dada anteriormente?

Era na humilde convicção de que sua mão era indigna de tocar a de um homem honesto?

Quanto a Gabriel Lambert, ele já estava na barca com o seu companheiro, em seu posto de costume, e com o remo na mão.

II – HENRI DE FAVERNE

Nós partimos. Embora fosse grande o número de gaivotas que adejavam em torno de nós, minha atenção estava fixa num único ponto. Quanto mais olhava para aquele homem, tanto mais me parecia que, em dias muitos próximos, ele tivera alguma relação com a minha vida.

Em que lugar? E como? Eis do que eu não podia me lembrar.

Duas ou três horas se passaram nessa pesquisa obstinada de minha memória, sem que eu houvesse chegado a qualquer resultado.

De sua feita, o forçado parecia de tal modo preocupado em evitar as minhas investigações que comecei a penetrar-me da impressão que esta pesquisa poderia nele produzir, e procurei voltar a minha atenção noutro objeto.

Sabemos, porém, muito bem da exigência do espírito quando quer empregar-se com alguém. O meu, todavia, voltava-se sempre para aquele homem.

E o que mais me estranhava na convicção de não me ter enganado era que, todas as vezes que eu voltava os meus olhos de seu lado para outro, procurando prestar atenção noutra objeto, uma força superior me levava novamente àquele homem. Era ele quem, por seu turno, me olhava.

O passeio assim se passou. Duas ou três vezes desembarcamos.

Nesta época, eu me ocupava em coordenar os últimos acontecimentos da vida de Murat¹¹, e uma parte desses acontecimentos havia-se passado nestes mesmos lugares em que nos achávamos. Eu queria não só que Jadin me fizesse um

¹¹ Joachim-Napoléon Murat (1767 — 1815), cunhado de Napoleão Bonaparte, foi marechal do Império napoleônico e, depois, rei de Nápoles entre 1808 e 1815.

desenho destes lugares, como também queria eu mesmo fazer deles uma simples investigação.

De momento em momento, eu me aproximava do guarda-forçados com a intenção de interrogá-lo. Mas todas as vezes encontrava o olhar de Gabriel Lambert, que era tão humilhado, tão suplicante, que eu guardava para outra ocasião a explicação que queria pedir.

Às cinco horas da tarde, estávamos em casa.

Como o resto do dia devia ser empregado em jantar e trabalhar, despedi o meu guarda-forçados e sua comitiva, marcando-lhes nosso encontro para o dia seguinte, às oito horas da manhã.

Quanto a mim, não podia pensar em outra coisa senão naquele homem.

A todos nós muitas vezes acontece procurar lembrarmos de um nome, sem conseguir. Entretanto, sabemos perfeitamente esse nome. Esse nome foge, por assim dizer, diante de nossa memória:

estamos a cada instante prestes a pronunciá-lo, já nos soa aos ouvidos, temos já sua forma no pensamento – um brilho fugidio o esclarece, vai sair de nossa boca com uma exclamação e, de repente, esse nome escapa de novo, entranha-se cada vez mais na obscuridade, chega a desaparecer de todo, por mais que perguntemos a nós mesmos se foi em sonho que ouvimos tal palavra. E, por mais que o espírito se esforce para descobri-la, vai ela mesma perder-se na obscuridade, e tocar até os limites da loucura.

Eis o que me aconteceu toda a tarde e parte da noite.

Era realmente algo espantoso: não era sonho que eu tivera, nem fantasma que houvesse aparecido a mim.

Estava certo da realidade.

Esperei a manhã com impaciência.

Às sete horas, pus-me à janela para ver a barca chegar.

Eu a vi sair do porto, semelhante a um ponto negro, mas, à medida que

avançava, sua forma tornava-se mais distinta.

Tomou, então, o aspecto de um grande peixe que nadava à superfície do mar, bem depressa os remos começaram a tornar-se distintos, e o monstro parecia andar sobre a água ajudado por doze patas.

Pouco a pouco, os indivíduos e os traços de suas feições tornaram-se distintos.

Mas, chegado a este ponto, procurei inutilmente reconhecer Gabriel Lambert. Ele não estava lá e dois novos prisioneiros tinham substituído a ele e seu companheiro.

Corri à praia.

Os forçados julgaram que eu tinha pressa de embarcar e saltaram à água para fazerem cadeia de braços. Mas eu fiz sinal de que queria falar com o seu chefe.

Ele veio. Perguntei por que Gabriel Lambert não tinha vindo com os outros.

Respondeu-me que, sendo atacado durante a noite de uma violenta febre, pudera ser dispensado do seu serviço, o

que, mediante atestado médico, lhe foi concedido.

Enquanto eu falava com o guarda-forçados, acima de cujos ombros podia ver a barca e os homens da tripulação, um dos presos tirou um bilhete de seu bolso, mostrando-o a mim.

Era aquele que se chamava de Rossignol.

Entendi que Gabriel tinha achado um meio de me escrever e que Rossignol tinha-se encarregado de trazer-me a mensagem.

Respondi por um aceno de compreensão ao sinal que ele tinha feito e, agradecendo ao guarda-forçados, o dispensei civilmente.

– Senhor, deseja falar com ele? – perguntou-me o guarda. – Neste caso, doente ou não, eu o trarei amanhã.

– Não – respondi. – Mas, não o vendo hoje entre os seus camaradas, interessei-me, e procurei saber do motivo de sua ausência. Parece-me que esse homem está acima daqueles com quem convive.

– Sim, sim – disse o guarda-forçados.
– É um dos nossos cavalheiros e tem belo porte. Isto se vê com facilidade.

Pretendia perguntar ao guarda-forçados o que ele entendia por um de seus “cavalheiros”, quando observei que Rossignol, puxando consigo o seu companheiro de ferros, levantou uma pedra e ocultou debaixo dela, depois de ter-me mostrado, a carta de que era portador.

Desde logo, como bem se vê, dominava-me um único desejo: possuir aquela carta.

Despedi o guarda-forçados com um cumprimento que significava nada mais ter a dizer-lhe. E fui sentar-me perto da pedra.

Ele retornou imediatamente, tomando o seu lugar na proa do bote.

Durante este tempo, levantei a pedra e me apossiei da carta. E, coisa célebre, não sem uma certa emoção.

Tornei a entrar em casa. A carta era escrita sobre papel grosso, mas

adequadamente dobrado, e com uma certa elegância.

A letra era pequena, bem talhada e que daria honra a um escrevente de profissão.

Trazia o seguinte sobrescrito:

“Ao senhor Alexandre Dumas.”

Aquele homem também havia me reconhecido.

Abri a carta com velocidade e li o seguinte:

“Senhor,

Observei os esforços que fez para me reconhecer, e o senhor deve ter observado os que eu fazia para não ser reconhecido.

O senhor compreende que, no número de todas as humilhações a que estamos sujeitos, uma das maiores é o de nos acharmos, face a face, no miserável estado em que nos achamos, com um

homem que já tínhamos encontrado no mundo.

Fingi, pois, ter febre para me poupar hoje a esta humilhação.

Eis, senhor, se o seu coração se condói de um desgraçado que, bem conhece, não tem direito algum à piedade, não exija que eu retorne para o seu serviço. Atrevo-me, até, a pedir-lhe mais: nada indague a meu respeito. Em troca desta graça, a qual lhe suplico de joelho, dou-lhe minha palavra de honra que, antes de deixar Toulon, far-lhe-ei saber o nome sob o qual o senhor me conheceu. Assim, saberá de mim, com esse nome, tudo o que deseja saber.

Rogo que o senhor atenda à súplica de quem não ousa confessar-se.

Seu muito humilde servo,
Gabriel Lambert.”

Como o sobrescrito, a carta, redigida na mais bela letra inglesa que se pode ver, indicava um certo hábito de estilo, ainda

que os três erros de ortografia¹², que ela continha, denunciavam falta total de instrução.

A assinatura era ornada de uma dessas rubricas complicadas, que somente se encontram no fim do fim do nome de certos notários de província.

Era uma mistura singular de vulgaridade de origem e de elegância adquirida.

Esta carta nada me dizia presentemente, mas prometia-me para o futuro tudo o que desejava saber.

¹²¹² Como não conservamos na tradução (e nem era possível, atenta a diversidade das línguas) os erros ortográficos que continha a carta mencionada, e aos quais o autor se refere, julgamos, para maior inteligência do leitor, que deveríamos apresentar o seguinte endereço, no qual o leitor poderá confrontar o original: <http://www.gutenberg.org/files/46747/46747-h/46747-h.htm> . (Nota dos tradutores.)

Depois, senti-me tocado de piedade dessa natureza mais elevada ou, como se quiser, mais baixa que as outras.

Não havia um resto de grandeza na sua humilhação?

Resolvi, pois, conceder-lhe o que me pedia.

Disse ao guarda-forçados que, longe de desejar que Gabriel Lambert tornasse a entrar para o meu serviço, era o primeiro a pedir que me desembaraçasse desse homem que me desagradava.

Depois não falei mais a tal respeito, e também ninguém procurou conversar comigo.

Fiquei ainda quinze dias em Toulon e, durante esse tempo, a barca e sua tripulação estiveram sempre às minhas ordens.

Mas, adiantadamente, informei a eles acerca da minha partida.

Desejava que esta notícia chegasse a Gabriel Lambert.

Queria ver se ele se lembrava da palavra de honra que me havia dado.

O último dia se passou sem que coisa alguma me indicasse que meu homem se dispunha de alguma forma a cumprir a sua promessa – e, confesso, arrependia-me já da minha descrição –, quando, observando os meus serviçais, vi Rossignol deitar um olhar à pedra sob a qual eu já tinha encontrado uma carta.

Este lançar de olhos era tão significativo que o compreendi no mesmo instante. Respondi num sinal que queria dizer: “entendo perfeitamente.”

Entretanto, assim que estes desgraçados – desesperados por me deixarem, porquanto os quinze dias que passaram comigo tinham sido quinze dias de festa – se afastavam da quinta remando, corri para levantar a pedra, e debaixo dela achei uma carta.

Uma carta escrita à mão, mas que qualquer um juraria ter sido impressa.

Nesta carta eu li:

“O visconde Henri de Faverne.”

III – O SALÃO DA ÓPERA

Gabriel Lambert tinha razão. Somente este nome me dizia, se não tudo, ao menos uma parte do que eu desejava saber.

– É verdade – Henri de Faverne! – exclamei. – Henri de Faverne, é isso mesmo! Com que diabos eu não o reconheci?

É verdade que eu somente tinha visto aquele que assim se chamava por duas vezes, mas isto fora precedido de circunstâncias tais que suas feições se haviam profundamente gravado em minha memória.

Foi na terceira representação de *Robert le Diable*¹³. Eu passava um entreato

¹³ Opera composta por Giacomo Meyerbeer (1791 -1864), com libreto de Eugène Scribe (1791 – 1861) e Casimir Delavigne (1793 – 1843). Estreou em 21 de novembro de 1831 na Ópera de Paris.

com um dos meus amigos, o barão Olivier d'Hornoy.

Tinha-o encontrado nesta mesma noite depois de uma ausência de três anos.

Afazeres de interesse o tinham chamado a Guadalupe, onde sua família possuía bens consideráveis e havia apenas um mês que estava de volta da colônia.

Grande foi o meu prazer em revê-lo, pois éramos outrora inteiramente amigos.

Duas vezes, indo e vindo, cruzamos com um homem que, em cada uma das vezes, olhou o meu amigo com uma afetação que nos surpreendeu.

Íamos encontrá-lo uma terceira vez, quando Olivier me disse:

– A ti é indiferente passear no corredor em vez de andar aqui?

– Sim – respondi. – Mas, por quê?

– Já te digo – ele me respondeu.

Demos alguns passos e nos achamos no corredor.

– Porque – continuou Olivier – nós cruzamos duas vezes com um homem...

– Que te olhou de uma maneira estranha e eu percebi. Quem é esse homem?

– Não posso dizer precisamente, mas sei que ele dá ares de querer travar disputa comigo. Entretanto, isto eu não quero nem um pouco.

– E desde quando, meu caro Olivier, tu temes os embates? No passado, tu tinhas a fatal reputação de procurar antes as rixas que fugir delas.

– Sim, sem dúvida, mas eu me bato apenas quando é preciso. Mas tu deves saber que não se duela com todo mundo.

– Entendo. Esse homem é um vigarista.

– Não tenho certeza disto, mas temo...

– Neste caso, meu caro, tens razão de sobra. A vida é um capital que não se deve arriscar senão contra outro capital quase equivalente. Aquele que pensar de outra maneira, pensa mal.

Neste momento, a porta de um camarote se abriu e uma linda moça fez

para Olivier um aceno gracioso, que queria dizer: “Vem cá!”

– Perdão, meu caro. Preciso deixar-te.

– Hás de demorar muito?

– Não, mas continua o teu passeio no corredor. Antes de dez minutos, estarei de volta.

– Assim está ótimo.

Continuei a passear sozinho durante o tempo indicado, e achava-me do lado oposto àquele de onde tinha-me separado de Olivier, quando ouvi, inesperadamente, um grande rumor, e todos os transeuntes se dirigiram para o lado de onde vinha o barulho. Como os demais, para lá segui e vi saindo por entre um grupo Olivier que, percebendo-me, correu para mim, segurando-me no braço, dizendo:

– Vem, meu caro. Saíamos!

– O que aconteceu? – perguntei. – Por que estás tão pálido?

– Aconteceu o que eu tinha previsto. Aquele homem me insultou e é preciso que

eu duele com ele. Mas vem depressa à minha casa, ou à tua. Eu te contarei tudo.

Descemos rapidamente uma das escadarias. O desconhecido descia pela outra, oposta. Trazia no rosto um lenço tingido de sangue.

À porta, ele e Olivier se encontraram.

– Não vos esqueçais, senhor – disse o desconhecido, em voz alta, como se desejasse que todos ouvissem –, que eu vos espero amanhã às seis horas, no bosque de Boulogne, alameda de La Murette.

– Pois bem, sim, senhor! – disse Olivier, erguendo os ombros. – Está combinado.

E deu um passo para trás, a fim de deixar passar o seu adversário, que saiu, envolvendo-se em seu capote, com a visível pretensão de amedrontar.

– Oh, meu Deus! – disse a Olivier. – Meu caro, quem é esse senhor? Tu vais mesmo duelar por causa disto?

– Por Deus, é indispensável que eu duele.

- E por que é indispensável?
- Porque ele levantou a mão para mim e eu lhe dei uma bengalada na cara.
- É verdade?
- Foi uma cena de patifes, tudo que há de mais ridículo. Sinto vergonha por isto. Mas, infelizmente, é a verdade.
- Mas, quem é esse vilão, que se julga autorizado a erguer a mão sobre pessoas como nós, obrigando-as a bater-se em duelo?
- Quem é? É um senhor que diz chamar-se o visconde Henri de Faverne.
- Henri de Faverne? Não o conheço.
- Nem eu.
- Bem! Como tu tiveste uma disputa com um homem que não conheces?
- Justamente por não o conhecer é que tive com ele uma disputa. Isto te admira? O que dizes?
- Fico admirado com isto.
- Vou te contar. Mas faz um ótimo tempo. Tu queres, em vez de estarmos

encerrados entre quatro paredes, vir até La Madeleine?

– Como quiseres.

– Eis o caso: esse Sr. Henri de Faverne tem cavalos magníficos e joga como louco, sem que se saiba de onde vem semelhante fortuna. Em suma, paga bem o que compra ou o que perde. Até aqui, nada a dizer. Mas, como está, ao que parece, a ponto de se casar, pediram-lhe alguma explicação sobre essa fortuna da qual dispunha com tanta prodigalidade. Respondeu que pertencia a uma família de provincianos ricos que tinham consideráveis bens em Guadalupe. Como eu chegara justamente de lá, vieram tomar informações comigo e perguntaram-me se conhecia um visconde de Faverne em Point-à-Pitre. É preciso te dizer, meu caro, que conheço em Point-à-Pitre tudo que merece ser conhecido e, de uma extremidade da ilha à outra, existe tanto visconde de Faverne como aqui na minha mão. Tu compreendes. Eu disse francamente o que sabia, sem desconfiar

que o que eu dizia era de grande importância. Afinal de contas, como é verdade, eu o diria em todo caso. Ora, parece que a minha negativa em conhecer esse senhor pôs obstáculo a seu projeto de casamento. Ele disse em boa e sonante voz que eu era um caluniador e que me faria arrepender por minhas calúnias. Eu não me perturbei com isso. Mas esta noite encontrei-me com ele, como viste, e percebi, como sabes, que teria alguma altercação com esse homem. Quanto ao mais, meu caro amigo, presenciaste quando evitei a disputa. Mas, o que queres? Não estava em minhas mãos fazer mais. Deixei o salão, tomei o corredor. Entrei no camarote da condessa M..., que, como sabes, é provinciana, e nunca ouviu falar desse senhor nem de algum outro Faverne. Eu pensava estar tranquilo. Enganei-me! Ele me esperava na porta do camarote. Tu sabes o resto. Amanhã, duelamos. Tu ouviste.

– Sim, às seis horas da manhã. Mas como isso foi acertado?

– Eis o que mais ainda prova que vou duelar não sei com que espécie de pelintra. Quem já viu que os próprios adversários acertassem tais coisas? Quem são as testemunhas? Além disso, um duelo às seis horas da manhã? Reparaste nisto? Quem é que duela às seis horas da manhã? Esse senhor, pois, foi em sua mocidade um camponês. Quanto a mim, sei que hei de estar de manhã de mau humor e que vou duelar muito mal.

– Como! Tu, duelando mal?

– Sem dúvida. Duelar é coisa séria, que diabo! Procuram-se todas as comodidades para o amor e não se concede a menor fantasia em matéria de duelo! De minha parte, o que sei é que duelo sempre às onze horas e meio-dia e que, em geral, tenho-me saído bem. Amanhã às seis horas – nota isto –, no mês de outubro... Morremos de frio, trêmulos, sem que tenhamos dormido bem.

– Está bem! Mas entra e trata de dormir.

– Sim, trata de dormir bem... É fácil dizer isto. Quando se tem de duelar de manhã, há sempre alguma coisa a ser feita, como uma espécie de testamento, uma carta a escrever à sua mãe ou à sua amante. Tudo isso nos ocupa até duas horas da manhã. Depois, dormimos mal. Porque, olha, é uma verdade: por mais corajoso que se seja, a noite que precede um duelo é sempre má. E, para estar no bosque de Bologne às seis horas, é preciso levantar-se às cinco! Levantar-se à luz da lamparina! Compreendes que nada há de mais interessante?... Esse senhor que tenha cuidado consigo. Eu não o pouparei. Disso, dou-te a minha palavra. A propósito, conto contigo como minha testemunha.

– Essa é boa...

– Leva as tuas espadas. Eu não quero usar as minhas. Ele poderia dizer que eu as sabotara.

– Tu pretendes duelar com espada?

– Sim, prefiro. A espada mata tão bem quanto uma pistola e não estrofia. Uma má

bala te leva um braço, é preciso cortá-lo e eis-te maneta. Leva as tuas espadas.

– Pois bem, estarei aqui às cinco horas.

– Às cinco horas? Como achas divertido o levantar-se às cinco horas?

– Ora, quanto a mim é indiferente. É a hora em que me deito.

– É justo, contanto que as coisas se passem entre pessoas capazes, e que tu sejas minha testemunha. Faz-me lutar como quiseres. Mas, põe-me a duelar às onze horas ou meio-dia e verás, palavra de honra que, então, não haverá comparação: ganharei cem por cento.

– Ora, vamos, estou certo que a tua atuação será excelente.

– Darei o máximo de mim. Mas, pela minha honra, eu preferiria duelar à tarde, por mais quente que estivesse, como um soldado em sentinela, a ter que me levantar amanhã em semelhante hora. Entretanto, tu, meu caro, que não tens testamento a

fazer, vai deitar-te. Vai e recebe minhas desculpas em nome desse senhor.

– Eu te deixo, meu caro Olivier. Mas é para que possas aproveitar o teu tempo. Tu tens alguma outra recomendação a me fazer?

– A propósito, preciso de duas testemunhas. Vai ao clube e avisa a Alfred de Nerval¹⁴ que eu conto com ele. Isto não vai incomodá-lo; ele ficará jogando até essa hora e tudo ficará arranjado. Precisamos ainda... não sei, palavra de honra, onde estou com a cabeça... precisamos ainda de um médico. Se eu perfurar aquele senhor, não vou desejar sugar-lhe o sangue. Prefiro que lhe façam uma sangria.

– Tens alguma preferência?

– Quanto a quê?

– Quanto ao médico.

¹⁴ Alfred de Nerval é um dos protagonistas do romance *Pauline*, publicado por Dumas em 1838.

– Não. Eu temo a todos eles igualmente.

– Chamemos Fabien. Não é o seu médico? É o meu também. Ele vai prestar-nos esse favor com grande prazer.

– A menos que ele receie ficar em falta junto ao rei, porque tu sabes que ele está a serviço de Sua Majestade.

– Fica tranquilo. Ele não se importará com isso.

– Também penso assim. Porque Fabien é um excelente moço, dá-lhe minhas desculpas por fazê-lo levantar-se tão cedo.

– Ora, ele está habituado a isto.

– Para algum parto. Não para um duelo.

– Mas estou falando demais. E tu estás de pé, quando deverias estar na cama. Vai deitar-te, meu caro amigo. Vai. Boa noite. E coragem!

– Juro por minha fé que não sei de nada – disse Oliver, bocejando. – Porque, na realidade, não fazes ideia do quanto me

aborrece ter de lutar com um pelintra daquela espécie.

Dizendo estas palavras, Olivier entrou em casa e eu me dirigi à casa de Fabien, seguindo depois para o clube.

Apertei a sua mão ao me despedir. Senti a sua mão sacudida por um movimento nervoso.

Não entendi mais nada. Olivier tinha uma quase fama de duelista. Como, pois, um duelo o impressionava tanto neste momento?

Não importa: eu estava menos seguro de como ele se portaria de manhã.

IV – OS PREPARATIVOS

Corri à casa do médico e de lá ao clube.

Alfred prometeu não se deitar e Fabien de estar de pé na hora acertada. Ambos deveriam estar na casa de Olivier às cinco e quarenta e cinco.

Cheguei às quatro e meia para lhe dizer que tudo ficara arranjado conforme os seus desejos.

Encontrei-o sentado à mesa, acabando de escrever algumas cartas.

Ele não havia deitado.

– Bem, meu caro amigo Olivier, como estás? – perguntei.

– Acho que muito mal. Estás vendo o homem mais cansado do mundo. Como previ, não tive tempo de dormir um só minuto. E veja o fogo que tenho. Pois bem: não tenho como me aquecer. Lá fora faz frio?

– Não, o tempo está úmido e cai uma neblina espessa.

– Estaremos bastante felizes se não chover torrencialmente. Um duelo na chuva, com os pés na lama, como é divertido! Se aquele homem não fosse um covarde, teria marcado o nosso encontro para mais tarde, ou nos bateríamos a coberto. Mas ele pode ficar tranquilo. O seu problema é fácil de resolver. Não darei ensejo a um segundo duelo. Quanto a isto, eu te dou a minha palavra.

– Tu falas, meu caro, com a certeza de que irás matá-lo.

– Oh, tu sabes muito bem que jamais podemos ter a certeza de que mataremos o adversário. Só os médicos podem responder por tal. Não é assim, Fabien? – acrescentou Olivier, sorrindo, estendendo a mão ao médico que acabava de entrar. – Mas eu lhe darei uma bela espetada, eis tudo.

– Da espécie daquela que deste, na véspera de tua partida para Guadalupe, no

oficial português? O que fiz então? Fiz o quanto pude para desviá-lo daquele duelo, não é verdade? – disse Fabien.

– Oh, com esse foi diferente. Ele escolheu o mês de maio e, além disso, em vez de me lançar nas ventas, brutalmente, a hora de sua conveniência, ele me pediu, polidamente, a minha. Meu caro, imagina um embate prazeroso. Nós nos enfrentamos em Montmorency, num belo dia, às onze da manhã. Tu te lembras, Fabien? No pequeno arbusto que estava ao nosso lado havia uma tutinegra, que cantava. Adoro os pássaros. Duelando, eu ouvia essa tutinegra cantar. Ela voou somente ao movimento que fizeste ao ver o meu adversário cair. Com que nobreza ele caiu, não viste? Saudando-me com a mão. Era um homem de verdade, aquele português. Verás que o outro cairá como um boi salpicando-me lama.

– Ora, meu prezado Olivier – disse-lhe eu –, então tu és um São Jorge para falares assim de antemão?

– Não, eu atiro até muito mal, mas tenho o pulso firme e, ao enfrentar o adversário, mantenho um sangue frio do diabo. Além disso, desta vez, enfrentarei um covarde.

– Um covarde... que te veio provocar?

– Isso não depõe em favor dele. Pelo contrário, ainda mais confirma o que digo. Tu bem viste que, em vez de enviar-me tranquilamente suas testemunhas, como fazem as pessoas decentes, veio ele em pessoa insultar-me e, além disto, passou duas vezes perto de mim sem fazer mais que me olhar. Depois que me viu desviar do seu caminho, julgou que eu o temia. Ele é um homem que tem a necessidade de embater-se com alguém bem colocado para se reabilitar. Não é um duelo que ele me propõe: é uma especulação que ele empreende. No mais, tu verás tudo no campo de luta. Ah, mas eis aqui Nerval, finalmente. Pensei que não viria.

– Não é culpa minha, meu caro – disse, ao entrar, o que vinha chegando. – Mas não estou atrasado.

Ele olhou para o relógio:

– Cinco horas. Eu estava ganhando cerca de trinta mil francos de Valjusion e consenti-lhe a desforra até que saísse perdendo apenas dez mil. Agora me recordo. Ah, vais à luta agora?

– Oh, meu Deus, claro que sim!

– Alexandre acabava de me falar sobre o duelo no momento em que eu perdia duzentos luíses, de sorte que eu mal o ouvi. Tu não ganharias se tivesses vinte e nove em trunfo e a primeira à mão?

– Certamente eu teria ganhado.

– Pois bem! Acho cinco de paus. Esse imbecil do Larry, que tinha dado as cartas, deu três para si só e, estupidamente, como tudo o que faz, deu o ás e o rei a outro. Eu já perdia dez mil francos quando tive a boa

lembrança de recuperá-los no *écarté*¹⁵ com Valjuson, de sorte que não perdi e nem ganhei. Tu não jogas, Fabien?

– Não.

– Tens muita razão. Não conheço coisa alguma mais estúpida que o jogo. É um mau hábito que adquiri e gostaria de abandoná-lo. Será que não existe algum remédio, doutor, mas um remédio agradável, um remédio moral, junto a um bom regime higiênico? A propósito, onde diabos d’Harville foi buscar seu abominável cozinheiro? Na casa de algum ministro constitucional? Ele nos deu ontem um jantar, do qual ninguém pôde provar. Tu temes isso, então não foste. Fizeste bem. Mas, ao caso! Onde é o encontro?

– No bosque de Bologne, junto a La Muette.

¹⁵ Jogo de cartas, praticado em duplas, com um baralho de 32 cartas, excluindo-se do baralho comum as cartas do 2 ao 6.

– Oh, as clássicas tradições! Meu caro, depois de tua viagem a Guadalupe, os duelos não são mais lá. São em Clignancourt ou Vincennes. Há lá belos lugares que Nestor descobriu. Tu sabes que ele é o Cristóvão Colombo desses mundos. Lá, ele bateu-se com Gallois¹⁶. Um belo duelo. Tu sabes como ambos são valentes. Deram-se reciprocamente três golpes de espada e se despediram satisfeitos como deuses. *Numero Deus impari gaudet*¹⁷. Tu sabes – hein! – como mantenho o meu latim. E quando penso que, em detrimento de mim, entregaram a banca a esse imbecil de Larry, que me fez perder, com seu três de paus, um monte de duzentos luíses!...

¹⁶ É possível que Dumas aluda a Evariste Galois (1811 – 1832), notável matemático francês, morto aos 20 anos, em consequência de um duelo, em Paris, em 31 de maio de 1832.

¹⁷ “Deus gosta de números ímpares”, frase do poeta romano Virgílio (70 a.C – 19 a. C), constante das *Éclogas* (VII, 75).

– Tu contarás isto mais tarde. Mas creio, senhores – continuou Olivier –, que é tempo de partir. Não é preciso fazer-nos esperar.

– Como vamos lá?

– Tenho uma espécie de carruagem com espadas dentro – respondi-lhe. – Uma carruagem que tem um ar bastante honesto. Não se terá dúvida sobre o que ela contém.

– Muito bem, desçamos!

Nós descemos. Tomamos assento e ordenamos ao cocheiro que nos levasse ao bosque de Bologne, junto de La Muette.

– A propósito – disse Alfred, quando o carro começou a rodar –, talvez eu tenha um duelo futuramente.

– Como assim?

– Por tua causa.

– Por minha causa?

– Sim. Lembras-te que disseste, outro dia, na casa da senhora de Méranges, que não conhecias em Guadalupe nenhum Sr. de Faverne?

– Sim, perfeitamente.

– Ouvi isto jogando uma partida de uíste. Isto tinha-me entrado em um ouvido e saído por outro quando, antes de ontem, quem é que se propôs a associar-se ao clube? Um Sr. Henri de Faverne, que se faz chamar visconde, e que, estou certo disto, não é mesmo visconde coisa nenhuma. Então eu disse que era impossível admitir aquele homem; que não existiam os tais Faverne; que tu conhecias Guadalupe como a tua algibeira e que jamais tinhas ouvido falar de semelhante gente. Assim, ele foi recusado. Afinal, foi bom de mão, porque ele é um belo jogador. Eis aqui todo negócio: parece que ele soube que eu me pronunciei contra ele e por isto já deve estar de olho em mim. Também isto está ao teu dispor. Quando ele estiver farto de me querer, que venha me dizer. Eu o espero. A propósito, com quem tu vais duelar?

– Com ele.

– Ele quem?

– Com o teu Henri de Faverne.

– Como? Se é a mim que ele procura, por que irá duelar contigo?

– Ele soube que as notícias vieram de mim e, muito naturalmente, voltou-se contra mim.

– Oh, um instante! Um instante – exclamou Alfred. – Quero dizer a ele...

– Não lhe dirás nada. Esse senhor é um miserável, com quem não se deve falar. Além do mais, o teu caso não tem relação alguma com o meu. Ele me insultou, e sou eu quem deve duelar. Isto é tudo. Depois de mim, terás a tua vez.

– Ah, sim! Com isso arranjás-te bem, quando te metes. Mas eu te peço que não o mates de todo. É com esta condição que eu o deixo para ti. Queres um charuto?

– Não, obrigado.

– Não sabes o que estás rejeitando. São verdadeiros charutos do rei da Espanha, que Vernon trouxe de Havana. Não fumas, doutor?

– Não.

– Fazes mal.

E Alfred acendeu o seu charuto, encostou-se a um canto da carruagem, e, completamente entregue à agradável ocupação que acabava de criar, abismou-se na voluptuosidade do fumo.

V – A ALAMEDA DE LA MUETTE

Enquanto isto, um dia pálido e pestífero acabava de despontar, e aos poucos divisamos o bosque de Bologne envolto em denso nevoeiro.

Uma carruagem rodava à frente da nossa, e como tomou a porta Maillot, ficamos certos de que era a do nosso adversário. Ordenamos, pois, ao cocheiro que a seguisse. Ela se encaminhou para a alameda de La Muette, perto da qual parou. A nossa se ajuntou a ela, estacou, e nós descemos.

Aqueles senhores já haviam descido.

Lancei então um rápido olhar para Olivier.

Uma mudança completa havia-se operado nele. O movimento que o agitava na véspera tinha desaparecido inteiramente. Estava calmo e frio. Uma ligeira ruga entre as suas sobrancelhas era a

única contração perceptível em seu rosto. Nem uma só palavra saía de sua boca.

Seu adversário apresentava um aspecto inteiramente oposto. Falava alto, ria descompassadamente, gesticulava com força. Mas, apesar de tudo isto, seu rosto enrugado estava pálido e contraído. De tempo em tempo, um espasmo nervoso apertava-lhe o peito e o forçava a bocejar.

Nós nos aproximamos de suas testemunhas, que o forçaram a se afastar.

Então ele deu alguns passos e se pôs a bater na terra com tanta força, com a chibata que tinha na mão, que a quebrou.

Os preparativos dos combates foram de fáceis de regular-se.

O Sr. de Faverne havia marcado a hora; Olivier, a seu turno, escolhera as armas. Todo o arranjo era, pois, impossível: a questão limitava-se pura e simplesmente em saber-se se o combate terminaria à primeira ferida ou se se deixaria à vontade dos combatentes cessá-lo quando quisessem.

Olivier se pronunciou sobre a questão. Era um direito de sua posição de ofendido. O cruzar das espadas só cessaria com a queda de um dos dois adversários.

As testemunhas discutiram um instante, mas foram obrigadas a ceder. Não a conhecíamos. Eram pessoas da amizade do Sr. Henri de Faverne e, apesar de seu tom ralhador, e de suas maneiras de suboficiais, nós as achamos bastante adequadas às funções que ora exerciam.

Apresentamos as espadas, que eles examinaram.

Durante esse exame, voltei a atenção a Olivier.

Ele estava ocupado em fazer notar um erro heráldico que tinha escapado ao brasão, sem dúvida improvisado, de seu adversário. O visconde morria de raiva.

Ao aproximar-me, ele me tomou à parte.

– Eis aqui – disse-me ele – duas cartas. Uma para minha mãe; a outra para...

Ele não pronunciou nome algum, mas me mostrou o nome escrito na carta. Era o de uma jovem donzela, que ele amava, e com quem estava a ponto de desposar-se.

– Não podemos saber o que vai acontecer. Se eu não for feliz no embate, envia esta carta a minha mãe. Quanto à outra, caro amigo, peço que a entregue em mão própria. Eu prometi a ela.

Depois, à proporção que se aproximava o momento do combate, seu rosto tornava-se mais e mais calmo.

– Meu caro Olivier – disse-lhe –, começo a crer que esse homem fez mal em te insultar e que vai pagar caro por sua imprudência.

– Sim – disse o doutor –, sobretudo se o seu sangue-frio é real.

Um sorriso deslizou dos lábios de Olivier.

– Doutor – disse ele –, no estado de saúde ordinária, quantas vezes o pulso de um homem, que não tem motivo para agitação, bate por minuto?

– Sessenta e quatro a sessenta e cinco vezes, aproximadamente – respondeu Fabien.

– Toma-me o pulso, doutor – disse Oliver, estendendo a mão a Fabien.

Fabien puxou o seu relógio. Apoiou seu dedo sobre a artéria e, no fim de um minuto, disse:

– Sessenta e seis pulsações. É maravilhoso o controle que tens sobre si mesmo. Ou o teu adversário é um São Jorge, ou em breve será um defunto.

– Meu caro Olivier – disse Alfred –, estás pronto?

– Espero que sim.

– Pois bem! Então, senhores – disse ele –, podemos começar?

– Sim, sim! – exclamou o Sr. de Favere. – Sim, agora mesmo, com os diabos!

Olivier olhou para ele com um ligeiro sorriso de desprezo. Depois, vendo que ele tirava a casaca e o colete, imitou o seu comportamento.

Foi então que apareceu uma nova diferença entre estes dois homens.

Oliveira se mostrou com um asseio encantador. Ele tinha se aprontado esmeradamente para a luta. Sua camisa era da mais fina cambraia, vestida pela primeira vez e guarnecida de delicadas pregas. Sua barba fora recentemente feita. Seus cabelos caíam ondulados, como se tivessem saído há pouco do cabeleireiro. Inteiramente ao contrário, os cabelos do Sr. de Faverne denotavam uma noite agitada.

Via-se que ele não se penteava desde a véspera e o quanto aquela cabeleira estava desarranjada pela agitação da noite. Sua barba estava crescida e sua camisa de morim era evidentemente a mesma com que se deitara.

– Decididamente, o homem é um maltrapilho – murmurou Olivier.

Entreguei-lhe uma das espadas, enquanto estendia a outra a seu adversário.

Olivier tomou a sua pela lâmina e parecia apenas olhá-la. Parecia que pegava numa bengala.

O Sr. de Faverne, ao contrário, tomou a sua pelo cabo. Brandiu-a duas ou três vezes e depois, para torná-la mais firme na mão, amarrou-a com um lenço.

Então Olivier tirou unicamente as suas luvas, mas julgou inútil usar da precaução que o seu adversário tomara. Somente nesta ocasião reparei na sua mão: tinha ela a brancura e a delicadeza da mão de uma dama.

– Estou pronto, senhor! – disse o Sr. de Faverne. – Às vossas ordens?

– Às vossas ordens! Eu vos espero – respondeu Olivier.

– Avante, senhores! – disse Alfred.

Os adversários, que estavam a dez passos um do outro, aproximaram-se. Observei que, quanto mais Olivier se aproximava, mais o seu aspecto se tornava belo e risonho.

Completamente ao contrário, a fisionomia de seu adversário tomou um caráter de ferocidade tal que eu jamais observara em suas feições. Uma nuvem sanguinolenta cobriu-lhe os olhos e uma cor cinzenta tingiu-lhe o rosto.

Comecei a pensar como Olivier: esse homem era um infame. No momento em que as espadas se cruzavam, por entre os beiços entreabertos, cerrados convulsivamente, os seus dentes afloravam.

Ambos os adversários se puseram em guarda em face um do outro. Ao passo em que a posição de Olivier era simples, fácil e elegante, a de seu adversário, ainda que enquadrada nas regras da arte, era rude e angulosa.

Via-se que esse homem havia, já em certa idade, aprendido o jogo das armas, ao passo que ou outro, como verdadeiro gentil-homem, tinha adquirido o hábito de manejar a espada desde a sua infância.

O Sr. de Faverne começou o ataque: seus primeiros golpes foram vivos,

cerrados, precisos. Mas, uma vez dados, afastou-se, admirado com a resistência de seu adversário. Com efeito, Olivier tinha desviado esses golpes com a mesma facilidade com que o faria em um simples treino.

Quanto mais lívido se tornava o Sr. de Faverne – se era mesmo possível tornar-se mais lívido – tanto mais Olivier se mostrava risonho.

Então o Sr. de Faverne mudou de posição, retrocedeu, e, separando as pernas, à maneira dos mestres italianos, recomeçou os mesmos golpes, acompanhando-os, porém, desses gritos que, para aterrorizar o inimigo, os prebostes de regimento costumam dar.

Mas esta mudança de ataque não teve a menor influência sobre Olivier. Sem recuar um só passo, sem se afastar uma só polegada, sem precipitar um só de seus movimentos, tinha ligado a sua espada à de seu oponente, precedendo-a

alternativamente, como se adivinhasse os golpes que deveria repelir.

Tinha ele, na realidade, como já disse, um sangue frio terrível.

O suor corria pelo rosto do Sr. de Faverne que, vergado à fadiga, via baldados seus esforços. As veias de seu pescoço e de seus braços engrossavam como cordas, mas sua mão estava visivelmente cansada e, bem se via que, a um primeiro ataque um tanto enérgico de seu adversário, sua espada cairia se não estivesse amarrada à mão pelo lenço.

Olivier, ao contrário, continuava a manejar com a sua.

Víamos em silêncio esse jogo terrível, cujo resultado nos era fácil de prever.

Como Olivier dissera, podia-se bem crer que o Sr. Faverne era um homem perdido.

Finalmente, passados alguns instantes, um sorriso mais característico deslizou dos lábios de Olivier, que simulou um ou dois golpes. Depois apareceu em

seus olhos um brilho luminoso. Caiu sobre o adversário e – de um só ataque, mas tão enérgico e cerrado, que os nossos olhos não puderam seguir – atravessou-lhe o corpo com a espada.

Mas, sem tomar a precaução usual em casos semelhantes, sem dar um passo para trás, deixou cair a sua espada sanguinolenta e esperou.

O Sr. de Faverne deu um grito, pôs a mão esquerda sobre a ferida, sacudiu a mão direita para deixar cair a espada que, atada a seu punho, lhe pesava como uma clava. Depois, passando de uma palidez lívida para uma palidez cadavérica, bambaleou um instante e caiu desfalecido.

Olivier, sem o perder de todo de vista, voltou-se para Fabien.

– Agora, doutor – disse ele com sua voz habitual, e sem demonstrar o menor vestígio de emoção –, creio que o resto te pertence.

Fabien já estava junto do ferido.

A espada não apenas lhe atravessara o corpo, como ainda enterrara na ferida a camisa flutuante, tanta era a profundidade do golpe. O sangue, que escorria da folha da espada, montava a mais de dezoito polegadas.

– Toma, meu amigo – disse-me Olivier –, eis aí a tua espada. Não é de admirar que ela me serviu tão bem. Em que casa a compraste?

– Na casa de Devismes.

– Faz-me, pois, o favor de comprar-me um par semelhante.

– Fica com elas. Tu as manejava muito bem. Não seria bom tomá-las de ti.

– Obrigado, fico feliz em tê-las para mim.

Depois, voltando-se ao ferido, disse:

– Creio que o matei. E isso não me agrada. Não sei por que, mas me parece que esse desgraçado não deve morrer pelas mãos de um homem honrado.

Como mais nada tínhamos a fazer ali, pois o Sr. de Faverne estava entregue aos

cuidados de Fabien – um dos mais hábeis médicos de Paris –, subimos em nossa carruagem, enquanto o ferido era levado para a sua.

Duas horas depois recebi um magnífico cachimbo turco que Olivier me enviou em compensação de minhas espadas.

À noite, fui pessoalmente fazer minha visita ao Sr. de Faverne. No dia seguinte, mandei meu empregado, e no terceiro, uma carta. Finalmente, como no terceiro dia soube que, graças aos cuidados de Fabien, ele estava fora de perigo, deixei de me preocupar com ele.

A meu turno, recebi dois meses depois uma carta sua.

Depois disso, parti para uma viagem e não o tornei a ver senão nas galés.

Olivier não se enganara quanto ao futuro desse homem.

VI – O MANUSCRITO

Compreende-se muito bem quanta seria a minha curiosidade em saber dos acontecimentos que haviam conduzido às galés esse homem que, segundo o seu próprio dizer, eu havia encontrado no mundo. Muito naturalmente, lembrei-me de Fabien, que, tendo-o curado da horrível ferida imposta por Olivier, devia saber desse homem pormenores curiosos.

Então, ao voltar a Paris, foi Fabien a primeira pessoa que visitei. Não me enganei. Fabien, que tem o costume de escrever todos os dias o que faz e observa, foi à sua secretária e, dentre muitos papéis separados uns dos outros, tirou um que me entregou.

– Toma, meu amigo – disse-me ele. – Acharás neste papel todas as notícias que desejas, mas não os percas. Esse caderno faz parte de uma grande obra que pretendo

fazer sobre as doenças morais de que tenho tratado.

– Oh, diabos! Meu amigo – disse-lhe –, nestes papéis há um grande tesouro para mim.

– Quanto a isto, caro amigo, fica tranquilo. Se eu morrer de um certo aneurisma que de tempo em tempo fala muito mal aos ouvidos do meu coração, e quando eu for somente poeira, ou esperar que nela me torne, esses cadernos serão teus, e o meu testamenteiro os mandará para ti.

– Agradeço a tua intenção, mas espero nunca receber o caderno que tu me prometes. Tendes apenas três ou quatro anos a mais que eu.

– Agradeço a lisonja, mas tenho doze ou treze anos a mais que tu, se não me engano. Mas, de que serve a idade em tais circunstâncias? Conheço certo idoso de setenta anos que é mais jovem do que eu.

– Que é isso? Tu, doutor, tem ideias como estas?

– Eu as tenho justamente por ser médico. Queres ver a doença que tenho? Olha.

Ele me mostrou um desenho ricamente elaborado, que representava a anatomia do coração.

– Fiz este desenho segundo meus estudos e para o meu uso particular – continuou ele –, a fim de julgar materialmente, por assim falar, o meu estado. Tu o vês: é um aneurisma. Algum dia, esse tecido que vês arreventará. Quando? Não sei. Pode ser hoje ou daqui a vinte anos. Do que estou certo é de que arreventará. Então, em três segundos, terei deixado de viver. E numa bela manhã, quando tu estiveres almoçando, alguém te dirá:

‘– Esse pobre Fabien, tu o conheces?

– Sim. O que houve?

– Morreu subitamente.

– Que pena. E quando foi?

– Oh, meu Deus. Foi quando tomava o pulso de um doente. Ficou vermelho,

depois empalideceu, caiu sem dar um só grito, levaram-no: estava morto.’

Falarão disto dois dias na cidade, oito dias na escola de medicina, quinze no instituto, e tudo está acabado. Adeus, Fabien.

– Estás louco, meu amigo.

– Será mesmo assim, como eu tive a honra de te dizer. Mas, mil vezes perdão. Preciso te deixar. Esperam-me no hospital. Eis o teu caderno. Tira uma cópia dele e faz com ela o que quiseres. Adeus.

Apertei ainda uma vez a mão de Fabien em sinal de agradecimento e comecei a pensar nele. Ora alegre, ora triste. Triste por causa da predição que ele me acabava de fazer, e alegre pelos fatos que o seu caderno me faria conhecer.

Então entrei em casa, vesti o meu robe de chambre, estendi-me numa grande poltrona, alonguei os pés até os ferros da chaminé e abri meu precioso memorial.

Copio literalmente, sem nada mudar, a narrativa de Fabien.

VII – O DUELO

“Em... de outubro de 18...

Esta noite, vieram-me dizer, a uma hora da manhã, que um duelo teria lugar entre o Sr. Henri de Faverne e o Sr. Olivier D’Hornoy, e que este último me pedia para acompanhá-lo até o campo de combate.

Dirigi-me à sua casa às cinco horas em ponto.

Às seis horas, estávamos em La Muette, lugar do encontro.

Às seis e quinze, o Sr. de Faverne caía ferido de um golpe de espada.

Imediatamente, lancei-me a ele, enquanto Olivier e suas testemunhas entravam em sua carruagem e tomavam o caminho de Paris. O ferido estava sem sentidos.

Parecia-me, evidente, que a ferida, se não mortal, era das mais graves: a ponta

triangular do ferro entrou do lado direito e saiu muitas polegadas do lado esquerdo.

No mesmo instante, pratiquei-lhe uma sangria.

Eu havia recomendado ao cocheiro que tomasse, quando voltássemos, a avenida de Neuilly e os Campos Elísios, não só por ser este o caminho mais curto, mas, sobretudo, porque, podendo a carruagem rodar continuamente sobre a terra, deveria fatigar menos o ferido.

Chegando à altura do arco do triunfo, o Sr. de Faverne deu alguns sinais de vida: sua mão se agitou e, parecendo procurar o lugar de uma dor profunda, ele a deteve no peito.

Dois ou três suspiros abafados, que fizeram esguichar o sangue de sua dupla ferida, saíram a custo de sua boca. Enfim, entreabriu os olhos, viu suas duas testemunhas e, fixando depois os olhos em mim, reconheceu-me. Após um esforço, murmurou:

– Ah, é o senhor, doutor? Não me abandone, por piedade. Estou muito mal.

Depois, abalado por este esforço, fechou os olhos. Uma ligeira espuma avermelhada umedeceu-lhe os lábios.

Era evidente que tinha o pulmão lacerado.

– Fique tranquilo – disse-lhe. – É verdade que o senhor está gravemente ferido, mas não mortalmente.

Ele não me respondeu, não abriu os olhos, mas apertou-me fracamente a mão com a qual eu lhe tomava o pulso.

Enquanto a carruagem caminhava sobre a terra lisa, tudo ia bem. Mas, ao chegar à Praça da Revolução, o cocheiro viu-se obrigado a trafegar por ruas calçadas, e então o sacolejo da carruagem maltratava o doente a tal ponto que perguntei às testemunhas se alguma delas morava perto para, assim, poupar o ferido do caminho que restava fazer até a rua Taitbout.

Mas o Sr. de Faverne ouviu esta pergunta, não obstante a sua semi-inconsciência, e exclamou:

– Não, não! Levai-me para casa!

Convencido de que a impaciência moral contribuía para aumentar o mal físico, abandonei imediatamente a minha primeira ideia, e deixei o cocheiro continuar o seu caminho.

Após dez minutos de angústias, durante os quais eu via a cada solavanco contraírem-se dolorosamente as feições do ferido, chegamos à rua Taitbout, número 11.

O Sr. de Faverne morava no primeiro andar.

Uma das testemunhas subiu rapidamente, a fim de prevenir os criados de que viessem ajudar a transportar o seu amo. Desceram dois lacaios de librés ricas e agaloadas em todas as costuras.

Eu tenho o hábito de avaliar os homens não só por eles mesmos, mas também por aqueles que os cercam. Examinei, pois, os dois criados. Não

observei neles qualquer interesse pelo ferido. Era evidente que eles estavam há pouco tempo a serviço do Sr. de Faverne, e que esse serviço não lhes inspirava qualquer simpatia em favor de seu amo.

Atravessamos uma série de quartos que me pareceram suntuosamente mobiliados, mas que não pude examinar com vagar, e chegamos ao quarto. O leito ainda estava desfeito, como o tinha deixado o seu dono.

Ao longo da armação dos cortinados, do lado da cabeceira, ao alcance da mão, estavam duas pistolas e um punhal turco. Eu e os dois criados estendemos o ferido sobre a cama. As testemunhas, julgando inútil a sua presença, já haviam partido.

Vendo que a ferida não tinha mais sangue a verter, apliquei o curativo.

Quando terminei, o ferido fez sinal aos criados para que se retirassem. Ficamos a sós.

Apesar do pouco interesse que eu tinha, até então, pelo Sr. de Faverne, já que

este somente me causava aversão, o isolamento em que eu ia deixá-lo me enterneceu. Todavia, eu não poderia permanecer com ele mais tempo. As minhas ocupações diárias exigiam a minha atenção e já eram sete e meia da manhã. Às oito, eu deveria estar na Caridade.

– O senhor tem alguém que possa render-lhe cuidados? – perguntei.

– Ninguém – ele me respondeu, com voz surda.

– O senhor não tem um pai, uma mãe, um parente?

– Ninguém.

– Uma companheira?

Ele sacudiu a cabeça, suspirando, e tive a impressão de que ele pronunciava o nome de Louise, mas de forma tão inarticulada que fiquei em dúvida.

– Então, eu não posso abandoná-lo assim – disse-lhe.

– Mande-me uma enfermeira, senhor – balbuciou o ferido. – Eu pagarei a generosidade.

Levantei-me para partir.

– O senhor já vai? – disse-me.

– Eu preciso ir. Tenho os meus doentes. Se eles fossem ricos, talvez eu tivesse o direito de fazê-los esperar. Mas eles são pobres. Devo ser pontual.

– O senhor voltará ainda hoje?

– Sim, se for este o seu desejo.

– Certamente, doutor. E o mais cedo possível, não é?

– O mais cedo que eu puder.

– O senhor me promete?

– Prometo.

– Então, adeus.

Dei dois passos para a porta e o ferido fez um movimento, como para me deter e dizer alguma coisa.

– O que mais o senhor deseja? – perguntei.

Ele deixou cair, sem me responder, a cabeça no travesseiro.

Aproximei-me dele.

– Pode falar. Se estiver em meu poder prestar ao senhor algum serviço, qualquer que ele seja, conte comigo.

Ele pareceu tomar uma resolução.

– O doutor me disse que o ferimento não era mortal?

– Disse.

– O senhor garante?

– Acredito que sim. Mas, se o senhor tem alguma premência de que se queira desincumbir...

– Isto quer dizer, não é verdade, que de um momento para o outro eu posso morrer?

– Eu lhe disse que a ferida não era mortal, mas lhe disse, também, que era grave.

– Senhor, eu posso confiar em sua palavra, não é verdade?

– Nada devemos pedir àqueles de quem duvidamos.

– Não, eu não duvido do senhor. Tome – acrescentou, apresentando-me uma chave que desprende de uma corrente

pendente a seu pescoço. – Abra com esta chave a gaveta da secretária.

Fiz o que ele pedia.

Ele se levantou um pouco, apoiando-se no cotovelo. Tudo o que lhe restava de vida parecia ter-se concentrado em seus olhos.

– Vê, aí, uma carteira? – ele indagou.

– Aqui está ela.

– Ela está cheia de papéis de família que interessam só a mim. Doutor, jure-me que, se eu morrer, o senhor queimará a carteira.

– Eu prometo.

– Sem nada ler.

– Está fechada a chave.

– Oh, uma carteira fechada é bem fácil de abrir-se.

Larguei a carteira imediatamente.

Embora a frase contivesse um insulto, ele me inspirou mais desgosto do que cólera.

O doente percebeu que me ofendera,

– Perdão – disse-me. – Cem vezes perdão. O tempo que passei nas colônias deixou-me desconfiado. Lá nunca sabemos com quem falamos. Perdão. Tome de volta a carteira e me prometa que irá queimá-la, se eu morrer.

– Prometo, pela segunda vez.

– Obrigado.

– O senhor tem mais alguma coisa a me dizer? Não há na mesma gaveta muitas cédulas bancárias?

– Sim. Duas de mil, três de quinhentos. Tenha a bondade de me entregá-las, doutor.

Peguei as cinco notas e as entreguei. Ele as amarrotou em sua mão e fez uma bola que atirou debaixo do travesseiro.

– Obrigado – disse, extenuado pelo esforço que acabara de fazer. Depois, deixou-se cair sobre o travesseiro.

– Ah, doutor! – murmurou. – Acho que vou morrer. Salve-me e essas cédulas serão suas. O dobro, o triplo, se for preciso.

Corri para ele, que estava novamente desfalecido.

Chamei um criado e, imediatamente, fiz com que o ferido aspirasse num frasco de sais ingleses.

Passados uns instantes, percebi, pelo movimento de seu pulso, que recuperava a consciência.

– Bem – murmurou ele –, ainda não foi desta vez.

Depois, entreabrindo os olhos e fixando-me, disse:

– Doutor, agradeço ao senhor por não me ter abandonado.

– Todavia – disse-lhe – é, enfim, necessário que eu parta.

– Sim, mas venha aqui o mais depressa possível.

– Estarei aqui ao meio-dia.

– E até lá o senhor acha que haverá algum perigo?

– Penso que não. Se o ferro tivesse tocado algum órgão vital, o senhor estaria morto agora.

– O senhor mandará uma enfermeira?

– Sim. Mas, enquanto ela não chega, o seu criado não poderá deixá-lo.

– Sem dúvida – disse o criado – que eu posso ficar com o meu senhor.

– Não, não! – exclamou o ferido. – Vai para junto de teu camarada. Vai, eu quero dormir. Se ficares, impedirás o meu sono.

– Não é prudente ficar sozinho – disse-lhe.

– É muito mais imprudente ainda – disse-me ele – ficar com um velhaco, que pode me assassinar para roubar-me. O buraco está aberto – ele cresceu em voz baixa – e, introduzindo-se uma espada na ferida, é possível achar o coração que o meu adversário não tocou.

A ideia do que havia se passado pelo espírito daquele homem causou-me horror. Com tais ideias, quem era aquele homem?

– Não, não. Pelo contrário – cresceu –, tranque-me aqui, leve a chave e entregue-a à enfermeira, recomendando a ela não me

deixar, de dia ou de noite. É uma mulher de bem, não é assim?

– Responsabilizo-me por ela.

– Pois bem, adeus!

– Pois bem, até o meio-dia.

Saí e, seguindo as suas instruções, tranquei-o no quarto.

– Dê duas voltas – disse ele. – Duas voltas!

Dei mais uma volta na chave.

– Obrigado – disse-me, com a voz fraca.

Afastei-me.

– Vosso amo quer dormir – disse eu aos lacaios que riam na antecâmara. – E como ele teme que entrem em seu quarto sem serdes chamados, ele me entregou esta chave para a enfermeira que virá.

Os lacaios trocaram um singular olhar, mas nada responderam.

VIII – O FORÇADO

Eu saí.

Cinco minutos depois, estava na casa de uma enfermeira, a quem dei precisas instruções e que imediatamente se encaminhou para a morada do Sr. Henri de Faverne.

Voltei por volta de meio-dia à sua casa, como lhe prometera.

Ele ainda dormia.

Lembrei-me logo de retomar os meus afazeres e de voltar mais tarde.

Mas ele havia recomendado com tanta insistência à enfermeira que me rogasse para que eu o esperasse acordar, caso viesse, que me sentei na sala, arriscando-me assim a perder uma meia hora desse tempo sempre muito precioso para um médico.

Aproveitei aquela ocasião para lançar um olhar indagador ao meu redor e, para

acabar, se me fosse possível, de formar, pela visão dos objetos exteriores, uma opinião positiva sobre esse homem.

À primeira vista, todos os objetos me pareceram de elegante aspecto. Somente depois de os examinar separadamente foi que reconheci ver apenas o quadro de uma suntuosidade de mau gosto. Os tapetes eram de uma cor resplandecente, talvez os mais belos que as lojas de Sallandrouze podiam fornecer, mas em nada harmonizavam com a cor das tapeçarias ou com a do mobiliário.

Por toda parte sobressaía o ouro: as molduras das portas e do teto eram douradas. Das cortinas, pendiam ricas franjas áureas. A tapeçaria mal se mostrava, por estarem encobertas pelos numerosos quadros que adornavam as paredes, e que continham gravuras de vinte francos ou mal tiradas cópias de quadro de mestres, que, naturalmente, o ignorante comprador as tinha tomado por originais.

Quatro prateleiras se mostravam nos quatro ângulos da sala. Em meio a algumas preciosidades chinesas, sobressaíam os marfins de Dieppe e porcelanas modernas trabalhadas com tanto mau gosto que não deixavam a quem as visse a mínima vontade de crer que tinham sido colocadas ali como representações da Saxônia.

O relógio e os candelabros eram do mesmo gosto, e uma mesa coberta de livros ricamente encadernados completava o todo, oferecendo um prospecto deveras medíocre das leituras habituais do senhor da casa.

Tudo era novo e parecia ter sido comprado há três ou, no máximo, quatro meses.

Eu acabava este exame – que não tinha me feito conhecer nada de novo, mas que antes confirmava a opinião que eu formava de me encontrar na casa de um homem que enriquecera há pouco tempo; e o mau gosto, que mal chegara a reunir em torno dele, ostentava as insígnias, mas não

a realidade da elegância –, quando a enfermeira entrou, dizendo-me que o doente acabava de se acordar.

Imediatamente, passei da sala ao quarto. Lá, o estado do doente absorveu toda a minha atenção. Entretanto, à primeira observação, percebi que o estado do doente não tinha piorado; ao contrário, todos os sintomas continuavam a ser favoráveis.

Prontamente, eu lhe assegurei – pois os meus temores continuavam a existir, e a febre, que o agitava, o aterrorizava de uma maneira penosa de se ver em um homem – que o seu estado muito se aproximava de uma melhora. Como, pois, este homem tão fraco havia cumprido o ato de coragem de insultar um homem como Olivier, conhecido pela facilidade com que duelava, e como, tendo-o insultado, comparecera, mesmo assim, ao campo de luta?

Era um mistério cujo segredo devia ter sido objeto de um cálculo supremo, ou antes resultado de uma cólera incalculável.

Pensei, finalmente, que algum dia tudo me seria patente, pois poucos segredos podem obstinar-se a escapar aos olhos do médico.

Menos preocupado pelo seu estado, pude então examinar a sua pessoa.

Ele era como a sua morada: um composto de anomalias.

Tudo o que o artifício havia podido aristocratizar num homem tinha tomado um certo grau de elegância: seus cabelos, de um louro esquisito, estavam cortados à moda, suas raras suíças estavam dispostas com regularidade.

Mas a mão, que ele me estendia para tomar-lhe o pulso, era comum, e os cuidados que, sem dúvida, há bem pouco tempo ele empregara, em nada tinham podido corrigir sua rudez natural. As suas unhas eram malfeitas, como que roídas, vulgares. E as botas, que ele tinha deixado nessa mesma manhã perto de seu leito, indicavam que seu pé era, como sua mão, de uma origem plebeia.

Como já disse, o ferido tinha febre e esta, conquanto forte, mal deixava uma pequena expressão em seus olhos que, conforme observei, jamais se dirigiam fixamente a um homem ou objeto. Em compensação, um movimento e volubilidade extremos caracterizavam o seu falar.

– Ah, o senhor chegou finalmente, meu caro doutor – disse-me. – Pois bem, o senhor vê que eu ainda não morri. O senhor é um grande profeta. Diga-me, doutor: estou fora de perigo? Essa maldita estocada! Foi bem dirigida. Passa a vida duelando esse espadachim, esse caluniador, esse miserável Olivier?

Eu o interrompi:

– Perdoe-me o que vou dizer. Eu sou médico e amigo do Sr. d’Hornoy. Foi a ele quem eu acompanhei ao lugar do encontro, não ao senhor. Eu o conheço desta manhã, senhor; ele, há dez anos. Compreende, pois, que, se o senhor continuar a insultá-lo, me

verei forçado a pedir-lhe que procure um dos meus companheiros para tratá-lo.

– Como, doutor? – exclamou o ferido.

– O senhor irá abandonar-me no estado em que me encontro? Seria terrível. Sem falar que as suas práticas acharão poucos que as paguem como eu.

– Senhor!

– Oh, sim! Eu sei. Os senhores todos se fingem de desinteressados, mas quando chega, como se diz, o quarto de hora de Rabelais¹⁸, sabem muito bem apresentar sua conta.

– É possível, senhor, que se possa com justiça fazer tal censura a alguns dos meus colegas, mas eu lhe mostrarei, quanto a mim, não prolongando as minhas visitas além do prazo estritamente necessário, que

¹⁸ Expressão que indica o momento em que devem ser pagas as despesas daquilo que se consumiu, ou seja, a hora de pagar a conta. Françoise Reblais (1494 – 1553) foi um célebre literato e humanista do renascimento francês.

não é o meu defeito dominante a avidez por dinheiro de que o senhor culpa os meus colegas.

– Ora, vamos, o senhor está zangado!

– Não, apenas respondo ao que o senhor me diz.

– Note que é necessário que desculpe o meu falar. O senhor não ignora que nós, gentis-homens, não prestamos algumas vezes atenção ao que falamos. Perdoe-me, pois.

Eu me inclinei; ele me estendeu a mão.

– Já tomei o seu pulso. Está tão bom quanto pode estar.

– Vamos, vejo que o senhor está me odiando porque falei mal do Sr. Olivais. Ele é seu amigo, confesso que agi mal. Mas é natural que eu não goste dele, a se ter, além disso, o golpe de espada que ele me deu.

– Do qual o senhor foi a causa – respondi-lhe –, e de uma maneira que não era possível recuar.

– Sim, eu o insultei. Mas eu queria bater-me com ele, e quando queremos bater-nos com alguém, é preciso insultar... Perdão, doutor, o senhor pode me fazer o obséquio de tocar a campainha?

Puxei o cordão da campainha e um dos criados entrou.

– Da parte do Sr. Macartie, veio alguém informar-se da minha saúde?

– Não, senhor barão – respondeu o laçao.

– É estranho – murmurou o doente, visivelmente irritado com essa falta de interesse.

Houve um momento de silêncio, durante o qual eu fiz um movimento para tomar a minha bengala.

– Sabe o que me fez o seu amigo Olivier?

– Não. Ouvi falar de algumas palavras ditas a seu respeito no clube, não foi isso?

– Ele me fez, ou antes quis fazer-me perder um casamento magnífico: uma

jovem dama de dezoito anos, bela como os amores, e cinquenta mil libras de renda: tudo o que há de melhor.

– E como ele pôde fazer com que o senhor perdesse esse casamento?

– Por suas calúnias, doutor. Dizendo que não conhecia em Guadalupe pessoa alguma com o meu nome. Mas o meu pai, o conde de Faverne, possui lá duas léguas de terra, uma habitação magnífica com trezentos escravos. Mas já escrevi ao Sr. de Malpas, o governador, e em dois meses esses papéis estarão aqui. Veremos quem de nós mentiu.

– Olivier poderia ter-se enganado, senhor, mas não mentido.

– E, enquanto espero esses papéis, ele é a causa de aquele que deveria ser meu sogro não ter procurado saber notícias minhas.

– Talvez ele não saiba do duelo.

– Sabe, porque disto eu o avisei ontem.

– Avisou a ele?

– Certamente. Logo que ele me contou a opinião que o Sr. Olivier formava de mim, eu lhe disse: ‘Ah, é assim! Pois bem, esta noite mesmo irei provocar esse belo Sr. Olivier e verã se tenho medo!’

Comecei, então, a compreender a coragem momentânea do meu doente. Quem dava-lhe esta coragem era o ouro colocado aos montes. Num duelo, podia-se ganhar uma linda moça e cinquenta mil libras de renda. Por isso se batera.

Levantei-me.

– Quando voltarei a vê-lo, doutor?

– Amanhã, a estas mesmas horas.

– Espero que, se se falar desse duelo em sua presença, doutor, diga o senhor que me portei com bravura.

– Direi o que vi, senhor.

– Esse miserável Olivier... – murmurou o ferido. – Eu daria cem mil francos para matá-lo de um só golpe.

– Se é tão rico, senhor, que pode pagar com cem mil francos pela morte de um homem – respondi-lhe –, deveria

conferir pouco valor ao seu casamento, que somente juntaria à sua fortuna cinquenta mil libras de renda.

– Sim, mas esse casamento me colocaria na posição de cessar terríveis especulações. Um moço criado com gostos aristocráticos não é nunca bastante rico. Também jogo. É verdade que sou feliz: o mês passado, ganhei mais de trinta mil francos.

– Dê-me as suas ordens, senhor. Até amanhã.

– Espere. Bateram à porta?

– Sim.

– Vem alguém?

– Sim.

Um criado entrou.

Pela primeira vez, vi os olhos do barão olharem fixamente para alguém.

– O que há de novo? – perguntou ele, sem dar tempo ao criado falar.

– Senhor barão – disse o criado –, é o senhor conde de Macartie que quer saber notícias suas.

– Em pessoa?

– Ele enviou o seu criado particular.

– Ah! – disse o doente. – E o que tu disseste a ele?

– Que o senhor barão estava gravemente ferido, mas que o médico respondia pelo seu restabelecimento.

– Será verdade, doutor, que o senhor responde por mim?

– Ah, sim, mil vezes sim – respondi-lhe. – A menos que o senhor não faça alguma imprudência.

– Ah, quanto a isto, o senhor pode ficar tranquilo. Diga-me, doutor: o fato de o Sr. de Macartie mandar saber notícias de minha saúde prova que ele não dá crédito ao que o Sr. Olivier disse?

– Sem dúvida.

– Pois bem! Então cure-me depressa e o senhor assistirá às bodas.

– Farei tudo o quanto puder.

Despedi-me dele e saí.

IX- A NOTA DE QUINHENTOS FRANCOS

Logo que saí, respirei mais livremente: coisa singular! A visão daquele homem inspirava-me uma repulsa que eu não podia compreender, e que se assemelhava ao asco que se experimenta à vista de uma aranha ou de um sapo. Desejava com ansiedade vê-lo fora de perigo para romper toda a relação com tal espécie de pessoa.

No dia seguinte, fui, como lhe havia prometido, fazer-lhe a minha visita. A ferida estava quase sarada.

O característico das feridas feitas pela espada é o de matar imediatamente ou de facilmente sarar-se.

A ferida do Sr. de Faverne prometia uma cura rápida,

Oito dias depois, o Sr. de Faverne estava quase que completamente restabelecido.

Segundo o propósito que eu tinha formado, anunciei-lhe, então, que, a se ter que as minhas visitas seriam, doravante, inúteis, eu terminaria com elas a partir do dia seguinte.

Ele insistiu para que eu continuasse da mesma maneira, mas a minha decisão já estava tomada. Persisti no meu propósito.

– Em todo caso – disse o convalescente –, espero que o tenha a bondade de trazer, o senhor mesmo, a carteira que eu lhe confiei. Seu valor é imenso para que eu a confie a um criado, e eu conto com este último ato de complacência de sua parte.

Obriguei-me a fazer o que ele me pedia.

No dia seguinte, levei-lhe pessoalmente a carteira. O Sr. de Faverne fez-me sentar perto de seu leito e, tomando a carteira, a abriu. Poderia conter sessenta

cédulas bancárias, sendo a maior parte de mil francos. O barão tirou duas ou três delas e se divertia em amarrotá-las.

Levantei-me.

– Doutor – disse-me ele –, há alguma coisa que o espanta tanto quanto a mim?

– Que coisa? – perguntei-lhe.

– A de ter coragem de falsificar uma cédula bancária.

– Isso me espanta porque é uma conduta covarde e infame.

– Infame pode ser, mas não covarde. Sabe o senhor que é preciso ter uma mão bem firme para escrever essas duas pequenas linhas:

A LEI PUNE COM A MORTE O FALSIFICADOR

– Sim, sem dúvida – prosseguiu o Sr. de Faverne –, mas o crime tem sua peculiar coragem. Aquele que espera um homem num ângulo de um bosque para o assassinar tem quase tanta coragem como

um soldado que vai a um ataque ou o que toma uma bateria: isso não impede que se concedam honras a um e que se envie o outro ao cadafalso. Ao cadafalso! É compreensível que envie um homem ao cadafalso quando ele é um assassino, mas o senhor não acha, doutor, que é bem cruel guilhotinar um homem somente por ele ter feito cédulas falsas?

Ao dizer estas palavras, a voz do barão alterou-se. A sua fisionomia tomou uma tal expressão que não deixei de notar.

– O senhor tem razão – disse-lhe. – Eu também sei de uma fonte segura que esta pena será brevemente modificada e que será limitada às galés.

– O senhor sabe disto, doutor? – exclamou, com vivacidade, o doente. – Sabe disto com certeza?

– Ouvi daquela mesma pessoa que a proporá.

– O rei! Com efeito, é verdade que o senhor é médico junto à pessoa do rei. Ah,

o rei disse isso! E quando ele apresentará tal proposta?

– Não sei.

– Informe-se, doutor. Eu lhe peço. Isto me interessa.

– Isto interessa ao senhor? – perguntei, surpreso.

– Sem dúvida. Um amigo da humanidade não deve ter o interesse em saber que uma lei severa demais será abrogada?

– Não será ab-rogada, senhor. Unicamente as galés substituirão a pena de morte. O senhor acha que com isso se melhora bastante a sorte dos culpados?

– Não, sem dúvida que não! – respondeu o barão, embaraçado. – É possível mesmo dizer-se que é pior. Mas ao menos resta a vida e, com ela, a esperança. A calceta não é mais que uma prisão de onde não se pode evadir.

Cada vez que eu ouvia aquele homem, mais ainda aumentava a repulsa

que eu sentia por ele. Fiz um movimento para me despedir.

– Como assim? O senhor já está me deixando? – disse o barão dobrando, embaraçado, em sua mão, duas ou três cédulas bancárias com a visível intenção de passá-las às minhas.

– Sem dúvida, senhor – respondi-lhe, dando um passo para trás. – O senhor não se encontra completamente restabelecido? Já não lhe sou mais útil.

– O senhor tem por coisa pequena o prazer de sua companhia?

– Infelizmente, senhor, para nós, médicos, resta pouco tempo para empregarmos em tal prazer, por mais agradável que seja. A sociedade a que pertencemos é a dos doentes e, depois de ter repellido a doença que existia em uma casa, precisamos combatê-la em outra. Assim, pois, Sr. barão, permita que eu me despeça.

– Mas ficarei privado de tornar a ver o senhor?

– Assim o creio, senhor. O senhor corre o mundo; quanto a mim, meus passeios são muito limitados. Minhas horas são contadas e cada uma dela tem o seu emprego.

– Mas se, por acaso, eu adoecer novamente?

– Oh, isso é um caso diferente, senhor.

– Então, em tal caso, posso contar com o senhor?

– Decididamente.

– Doutor, peço a sua palavra.

– Não tenho necessidade de dá-la, já que não faria mais que cumprir com o meu dever.

– Não importa. Dê-me a sua palavra assim mesmo.

– Pois bem: dou a minha palavra.

O barão me estendeu a mão novamente. Todavia, como eu julgava que esta ainda ocultava as cédulas bancárias, fingi não perceber o gesto amigável que me fazia para receber a minha despedida e saí.

No dia seguinte, recebi uma carta do Sr. Barão Henri de Faverne e, com ela, duas cédulas bancárias, sendo uma nota de mil francos e a outra de quinhentos.

Imediatamente, passei a escrever-lhe, em resposta, a seguinte carta:

“Sr. Barão.

Se tivesse esperado que eu lhe apresentasse a minha conta, veria, à vista dela, que o alto preço com o qual o senhor avalia meu fraco mérito não é, de maneira alguma, aquele que lhe dou.

Tenho o costume de fixar, por mim mesmo, o preço de minhas visitas. E para não ofender a sua generosidade, previno-o que, para o senhor, eu as elevo ao maior preço, ou seja, vinte francos.

Tive a honra de ir dez vezes à sua casa. Portanto, o senhor só me deve duzentos francos: eu lhe envio mil e trezentos.

Tenho a honra de ser etc., etc.
Fabien.”

Com efeito, guardei a cédula de quinhentos francos e enviei ao barão de Faverne a de mil com mais trezentos francos em prata. Depois, guardei essa cédula em uma carteira, onde já havia uma dezena de cédulas do mesmo valor.

No dia seguinte, tive de fazer algumas compras na loja de um ourives. Estas compras montavam a dois mil francos; paguei com quatro cédulas bancárias de quinhentos francos.

Oito dias depois, o ourives, acompanhado por dois agentes de polícia, apresentou-se em minha casa.

Uma das quatro cédulas que eu lhe tinha dado, ao fazer ele um pagamento do banco, havia sido reconhecido como falsa.

Inquiriam a ele de quem recebera esses bilhetes. Ele me deu o meu nome e, imediatamente, vieram proceder a indagações junto a mim.

Como eu havia tirado estas quatro cédulas de uma carteira onde, como já disse,

havia uma dezena delas, e como essas notas procediam de diferentes partes, era-me impossível dar qualquer esclarecimento à Justiça.

Como eu conhecia o meu ourives por homem de muita probidade, declarei apenas que estava pronto a entregar outros quinhentos francos, desde que me entregassem a cédula em questão. Responderam-me que esse não era o costume: o banco pagava todos os bilhetes que lhe fossem apresentados, embora reconhecidamente falsos.

O ourives retirou-se perfeitamente lavado da suspeita de ter passado, com conhecimento de causa, uma nota falsa.

Depois de algumas novas questões, os agentes de polícia saíram, e eu não ouvi mais falar desse triste acontecimento.

X – UMA PARTE DO VÉU DESCOBERTO

Três meses tinham-se passado quando, em minha correspondência da manhã, achei a lacônica carta abaixo transcrita:

“Meu caro doutor,

Acho-me verdadeiramente enfermo e necessito com toda urgência de toda a sua ciência. Tenha, pois, a bondade de chegar hoje à minha casa, e não me guarde rancor.

Seu muito obrigado

Henri, barão de Faverne.

Rua Taitbout nº 11.”

Esta carta que eu transcrevi, palavra por palavra, com dois erros ortográficos, confirmou a opinião que eu formava sobre a falta de educação do meu cliente. Contudo, se ele tinha, como disse, nascido

em Guadalupe, isto tornava-se mais desculpável.

Sabe-se geralmente qual é o desleixo dos colonos quanto à educação.

Mas, por outro lado, o barão de Faverne não tinha pés ou mãos pequenos, seu talhe nada tinha de gracioso ou esbelto, não se revelava nele o falar encantador dos habitantes dos trópicos. E, quanto a mim, parecia-me evidentemente que estava a tratar com um provinciano desnaturado pela vida da capital.

Finalmente, como ele podia estar realmente enfermo, fui à sua casa.

Entrei e achei-o em um grande gabinete decorado de damasco roxo e laranja.

Admirei-me ao ver que esta espécie de retiro era de um gosto superior ao resto da casa.

Ele estava recostado em um sofá, numa posição ensaiada, e vestido com calça de seda e um rico robe de chambre. Passava

entre os seus grossos dedos um frasquinho de Klagman ou de Benvenuto Cellini.

– Ah, o quanto é agradável e satisfatória a sua visita, doutor – disse ele, erguendo-se um pouco e fazendo sinal para que eu me sentasse. – Eu lhe falei a verdade: padeço horrivelmente.

– O senhor padece? – perguntei-lhe. – E como vai a sua ferida?

– Graças a Deus, ela agora me parece não mais que uma mordedura de sanguessuga. Não, eu não sei, doutor, se deva temer que rirá de mim. Digo-lhe que acredito estar mentalmente perturbado.

Ri.

– Ah, então o senhor sorri, não é assim? – continuou ele. – Essa é uma doença que o senhor reserva exclusivamente para as suas belas enfermas. Mas tudo isto não obsta a que eu sofra muito e sem poder dizer de que e como soffro.

– Diabos! O caso vai tomando uma má figura. Estará o senhor atacado de hipocondria?

Repeti a palavra, mas ela não tinha qualquer significado para o barão de Faverne. Enquanto esperava, tomei-lhe a mão e fui apoiando dois dedos sobre a artéria.

Com efeito, ele tinha o pulso nervoso e agitado.

Enquanto eu calculava as pulsações da artéria, alguém bateu, o barão estremeceu e as pulsações se repetiram mais fortemente.

– O que o senhor sente? – perguntei.

– Nada – respondeu ele. – Apenas sinto-me tão fraco que o simples som de uma campainha me faz estremecer. E eis aí por que estou pálido. Ah, doutor! Afirme-me que estou seriamente enfermo.

De fato, o barão havia-se tornado lívido.

Comecei a crer que ele não exagerava e que realmente sofria muito. Mas estava convencido de que esta revolução física tinha uma causa moral.

Olhei fixamente para ele. Ele baixou os olhos e à palidez que se esboçava em seu rosto sucedeu uma vívida vermelhidão.

– Sim – eu disse. – É evidente o seu sofrimento.

– Não é verdade, doutor? – exclamou ele. – Pois bem, eu já tinha consultado dois de seus colegas, porque, na realidade, o seu comportamento para comigo foi tão estranho que eu não ousei mandar chamá-lo. Os imbecis puseram-se a rir quando eu lhe disse que eu padecia dos nervos.

– Decerto que o senhor está sofrendo, mas a sua enfermidade não provém de alguma causa física. Tem o senhor alguma dor moral, talvez uma grave inquietação.

Estremeceu.

– E que inquietação o senhor quer que eu tenha? Ao contrário, tudo me vai feliz. Meu casamento... a propósito, não sabe o que há a respeito? Meu casamento com a senhorita de Macartie, que o seu amigo, o Sr. Olivier quase tinha feito romper-se...

– Sim, e que mais?

– Terá lugar em quinze dias. O primeiro proclama já foi publicado... Finalmente, ele restou adequadamente punido pelo que dissera e já me deu as devidas satisfações.

– Como assim?

– Germain – disse o barão –, traz-me essa carteira que está no canto da chaminé.

O criado obedeceu. O barão tomou a carteira e a abriu.

– Tome – disse ele com um ligeiro tremor na voz –, eis aqui minha certidão de nascimento: nascido a Point-à-Pitre, como o senhor vê. Agora, aqui está o certificado do Sr. de Malpas, confirmando que o meu pai é um dos primeiros e mais abastados proprietários de Guadalupe. Esses papéis foram exibidos ao Sr. Olivier, e como ele conhecia a firma do governador, viu-se forçado a confessar que a assinatura era mais que verdadeira.

À proporção que continuava este exame, o tremor nervoso do barão aumentava.

– O senhor sofre muito? – indaguei.

– Como quer que eu não sofra? Perseguem-me, injuriam-me, a calúnia segue meus passos. Não sei se até se lembraram um dia de imputar-me algum crime... Oh, sim, sim, doutor, tendes razão – continuou o barão, estirando-se –, eu sofro muito.

– Vejamos. É preciso que o senhor se acalme.

– Acalmar-me... é bem fácil de se dizer! Por minha alma, se eu pudesse me acalmar, estaria são. Veja, há momentos em que os meus membros se entesam como se quisessem estalar, em que meus dentes rangem como se querendo quebrar-se, em que minha cabeça está de tal maneira atribulada que parece que ressoam em meus ouvidos todos os sinos de Notre-Dame. Então julgo ter enlouquecido. Doutor, qual é a morte mais doce?

– Por que me faz tal pergunta?

– É porque, às vezes, desejo me matar.

– Que lembrança!

– Doutor, dizem que o envenenamento com ácido cianídrico mata imediatamente.

– É efetivamente a morte mais rápida que eu conheço.

– Doutor, há casos que o homem não pode prever e o senhor me deveria preparar um frasco com ácido cianídrico.

– O senhor enlouqueceu.

– Ouça-me. Pagarei o que o senhor quiser: mil escudos, seis mil francos, dez mil se o senhor me afiançar que morrerei sem sofrer.

Levantei-me.

– Por que se vai? – disse ele, retendo-me.

– Sinto muitíssimo, senhor, que me diga continuamente coisas que não só contribuem para abreviar as minhas visitas, mas ainda tornam impossíveis mais longas relações com vossa senhoria.

– Não, não, fique! Eu lhe peço. O senhor não vê que tenho febre, que é ela quem me faz falar assim?

Tocou a campainha; voltou o mesmo criado.

– Germain, tenho sede – disse o barão. – Dá-me algo de beber.

– O que o senhor quer beber, meu barão?

– O senhor há de tomar alguma coisa comigo, não é assim?

– Não, absolutamente. Muito grato – respondi-lhe.

– É indiferente – continuou ele. – Traz-me dois copos e uma garrafa de rum.

Germain saiu.

Algun tempo depois, ele retornou, trazendo numa bandeja os objetos pedidos. Reparei somente que os recipientes, em lugar de serem taças para licor, eram copos para vinho de Bordeaux.

O barão encheu os copos, mas sua mão tremia tão fortemente que derramou sobre a bandeja uma parte da aguardente

pelo menos equivalente ao conteúdo dos dois copos.

– Prove – disse ele. – É um excelente rum que eu trouxe de Guadalupe, onde o seu amigo Olivier d’Hornoy pretende que eu jamais estive.

– Agradeço, mas não bebo nunca.

Ele alcançou um dos copos.

– Como? O senhor irá beber tudo isso? – disse-lhe.

– Sem dúvida.

– Se continuar assim, irá queimar o colete de lã que lhe cobre o peito.

– Então o senhor acha que beber muito rum é mortal?

– Não, mas pode resultar numa gastroenterite, da qual se morre em cinco ou seis anos de atrozes sofrimentos.

Ele pôs o copo sobre a bandeja, deixando cair a cabeça sobre o peito, e as mãos sobre o joelho.

– Assim, doutor – murmurou, após um suspiro –, reconhece que estou doente?

– Não digo que esteja doente. Digo que sofre.

– Não é a mesma coisa?

– Não.

– Enfim, o que o senhor me aconselha? A medicina deve ter recursos para todas as moléstias. Assim não fosse, não valeria pagar tão caro aos médicos.

– Não é por minha causa que o senhor diz isso, presumo – respondi, sorrindo.

– Oh, não! O senhor é um modelo em tudo.

Ele tomou um copo de rum e o bebeu sem pensar no que fazia. Não o impedi, pois desejava saber o efeito que nele produziria a forte aguardente.

O efeito foi nenhum. Parecia a mesma produzida por um copo de água.

Tornou-se evidente que aquele homem tinha por muitas vezes procurado atordoar-se pelo uso de bebidas alcólicas.

De fato, após uns instantes, ele pareceu ganhar alguma energia.

– Realmente – disse ele, interrompendo o silêncio e respondendo a seus próprios pensamentos –, na realidade eu faço bem em me atormentar assim! Por Deus que não tenho razão. Sou moço, rico, gozo a vida e isto durará enquanto for possível.

Lançou mão do segundo copo e o esvaziou como o primeiro.

– Então, doutor – disse –, o que o senhor me aconselha?

– Aconselho que tenha confiança em mim e me conte o que o atormenta.

– O senhor acredita que escondo alguma coisa? Algo que não ouse dizer?

– Digo que tem algum segredo que guarda consigo.

– Importante – disse ele, com um sorriso forçado.

– Terrível.

Ele empalideceu e tomou maquinalmente o gargalo da garrafa para encher um terceiro copo.

Eu o impedi.

– Eu já lhe disse que, assim, o senhor se matará.

Deixou-se cair para trás, apoiando a cabeça na parede.

– Sim doutor, sim. O senhor é um homem de gênio. Sim, adivinhou tudo. Enxergou onde os outros veriam apenas fogo. Sim, eu tenho um segredo e, como disse, um segredo que me matará mais seguramente que o rum que o senhor me impediu de beber. Um segredo que eu jamais confiaria a alguém e que eu lhe participaria como se o senhor tivesse feito voto de silêncio, qual um padre confessor. Mas julgue por si mesmo – já que esse segredo me atormenta tanto, tendo eu certeza de que só é por mim conhecido –, qual não seria o meu eterno tormento se soubesse que ele era conhecido por outro.

Levantei-me.

– Senhor – disse-lhe –, eu não pedi que confessasse. O senhor me chamou como médico e eu lhe respondi que a medicina nada tinha a fazer em seu estado.

No entanto, guarde para si o seu segredo, pois é dele o seu soberano. Que esse segredo pese sobre o seu coração ou sobre a sua consciência. Adeus, barão.

E o barão me deixou sair sem responder, sem fazer um só movimento para me reter, sem tornar a chamar-me. Voltando-me para fechar a porta, pude ver que ele estendia pela terceira vez a mão à garrafa de rum, a sua fatal consoladora.

XI – UMA TERRÍVEL CONFIDÊNCIA

Continuei meus afazeres, embora não pudesse repelir de meu pensamento o que havia visto e ouvido.

Conservando para com esse desgraçado o desgosto moral e instintivo, que já observei, comecei a experimentar essa piedade física, se assim me é lícito exprimir, que um homem destinado a sofrer sente por todo ser que sofre.

Jantei na cidade e, como eu destinava sempre uma parte da tarde a visitas, voltei a casa somente após a meia-noite.

Disseram-me que um jovem, que tinha vindo para consultar-se comigo, esperava-me havia uma hora em meu gabinete. Perguntei como ele se chamava. Responderam-me que ele não quisera dizer.

Entreí e reconheci o Sr. de Faverne.

Estava mais pálido e mais agitado que de manhã. Um livro que ele ensaiava ler

estava abeto sobre o bufê. Era o tratado de Toxicologia d'Orfila¹⁹.

– Pois bem – disse-lhe –, sente-se pior?

– Sim – respondeu-me ele. – Sinto-me muito mal. Aconteceu-me algo de terrível, uma aventura espantosa. E eu vim para contá-la ao senhor. Desde que estou em Paris, depois que passo a vida que o senhor conhece, vossa mercê é o único homem que me inspira confiança. Assim, agora eu o procuro não para lhe pedir um remédio para o que sofro – o senhor já o disse –, já que para este não existe cura, mas para solicitar-lhe um conselho.

– É bem mais difícil para mim dar-lhe um conselho que aviar uma receita e, confesso, raramente dou conselhos. Em geral, somente se pede um conselho para corroborar uma resolução, se esta já está

¹⁹ Mateu Josep Bonaventura Orfila i Rotger (1787–1853), médico e cientista catalão, é considerado o pai da toxicologia forense.

tomada. Ou então, indeciso sobre o que se fará, segue-se o conselho dado para se ter o direito de dizer algum dia ao conselheiro: a culpa é tua.

– É verdade o que diz, doutor. Mas, assim como eu creio que um médico não pode recusar uma receita, também creio que um homem não tem o direito de negar-se a dar um conselho a outro homem.

– Tem razão. Não posso recusar. Somente faça-me o favor de não o seguir.

Sentei-me, então, perto dele, mas, em vez de me responder, ele deixou cair a cabeça entre as duas mãos e ficou como que mergulhado em seus próprios pensamentos.

– Pois bem... – disse-lhe, após um momento de silêncio.

– Pois bem – respondeu ele –, o que vejo mais claramente em tudo isto é que eu estou perdido.

– Havia em suas palavras um tal acento de convicção que eu estremeci.

–Perdido por quê? – indaguei.

– Sem dúvida *ela* vai perseguir-me. Vai dizer a todo mundo quem sou eu. Vai fazer ecoar por toda parte o meu verdadeiro nome.

– O que o senhor está dizendo?

– Ela, por Deus! Marie.

– Quem é Marie?

– Ah, é verdade, o senhor não a conhece. É uma miserável, uma ridícula mulher de má vida, com quem eu tive a bondade de me ocupar e com quem tive a loucura de fazer um filho.

– Está bem! Mas se é uma dessas mulheres que se interessam com dinheiro, o senhor é bastante rico.

– Sim – replicou ele, interrompendo-me –, mas ela não é, infelizmente, uma dessas mulheres. É uma filha do campo, uma pobre filha, uma santa filha.

– Mas ainda há pouco o senhor a chamava mulher de má vida.

– Fiz mal, meu caro doutor. Fiz mal. Era o ódio o que me fazia falar assim. Ou antes... era o medo.

– Essa mulher pode influir de uma maneira fatal sobre o seu destino?

– Pode impedir o meu casamento com a senhorita Macartie.

– Como?

– Dizendo o meu nome e declarando quem eu sou.

– Não se chama Faverne?

– Não.

– O senhor não é barão?

– Não.

– Não é nascido em Guadalupe?

– Não. Veja: tudo isso era uma fábula.

– Então Olivier tinha razão?

– Sim.

– Mas, em assim sendo, como o Sr. de Malpas, governador de Guadalupe, pôde certificar...

– Silêncio! – disse o barão, apertando-me a mão com todas as forças. – Esse é o meu outro segredo, o segredo que pode me matar, o senhor sabe.

Ficamos ambos por um instante mudos.

– Pois bem, essa mulher, essa Marie, o senhor tornou a vê-la?

– Hoje, doutor. Hoje à tarde. Ela deixou a sua aldeia, veio a Paris, e tanto fez que me descobriu. E esta tarde, sem dizer quem era, apresentou-se em minha casa com a criança.

– E o que o senhor fez?

– Eu disse – respondeu o Sr. de Faverne, com uma voz sombria –, eu disse que não a conhecia, que a expulsaria de minha casa por meus criados.

Recuei involuntariamente.

– O senhor disse isso? Renegou o seu próprio filho e expulsou a mãe da criança por seus lacaios?

– O que queria que eu fizesse?

– Ah, isto é terrível!

– Bem o sei.

E ambos mergulhamos em profundo silêncio. Após um instante, eu me levantei.

– E o que eu tenho a fazer em tudo isso? – perguntei.

– O senhor não vê que tenho remorso?

– Vejo que tem medo.

– Pois bem, doutor, eu gostaria que o senhor procurasse essa mulher.

– Eu?

– Sim, o senhor. Faça-me o favor de procurá-la.

– Mas onde eu a encontrarei?

– Algum tempo depois de tê-la expulsado de minha casa, afastei a cortina da janela e a vi sentada com a criança sobre uma pedra.

– O senhor acredita que ainda era ela?

– Sim.

– E a viu novamente?

– Não. Saí pela porta dos fundos e corri à sua casa.

– E porque não saiu, como de costume, pela porta principal, em sua carruagem?

– Tive medo que ela se atirasse sob as patas dos cavalos.

Estremeci.

– O que o senhor quer que eu faça?
Em que posso servi-lo?

– Doutor, preste-me um serviço. Veja se consegue entabular um acordo com ela, para que retorne com a criança a Trouville. Darei a ela o que quiser. Dez mil francos, vinte mil, cinquenta mil.

– Mas se ela recusar tudo isso?

– Se ela recusar, se ela recusar...

Então, vamos ver.

O barão pronunciou estas palavras com um tom de tal maneira sinistro que eu temi pela sorte da pobre mulher.

– Está bem, senhor, eu a verei.

– E conseguirá que ela parta?

– Não posso assegurar-lhe isto. Tudo o que lhe posso prometer é falar-lhe na linguagem da razão; é fazer-lhe ver a distância que há entre o senhor e ela.

– A distância?

– Sim.

– O senhor se esquece que confessei que não era barão. Eu sou um camponês, senhor, um simples camponês, que, por

minha... inteligência, me elevei acima de minha condição. Somente lhe peço silêncio; suplico-lhe. Compreende que se o Sr. de Macartie soubesse que eu era um camponês, não me daria a sua filha.

– O senhor aspira, então, desesperadamente, a esse casamento?

– Já lhe disse que é o único meio que tenho de deixar as especulações terríveis às quais forçosamente me entrego.

– Verei essa jovem moça.

– Esta noite?

– Esta noite. Onde a acharei?

– Lá, onde eu a vi.

– Sobre a pedra?

– Sim.

– E crê que ela ainda está lá?

– Eu garanto que sim.

– Vamos.

Ele se levantou vivamente, lançou-se à porta e eu o segui.

Saímos.

Distávamos apenas quinhentos passos da casa de Faverne. Chegando à

esquina da rua Taitbout com a Helder, ele se deteve e apontou-me algo informe, da qual se distinguia apenas a sombra.

– Ali, ali – disse ele.

– Quem é que está ali?

– Ela.

– A jovem moça?

– Sim. Vou entrar pela rua Helder. A casa, como sabe, tem duas entradas. Vá encontrá-la.

– Sim, eu vou.

– Espere. Eu lhe peço um último obséquio. Parece que eu estou louco. Sinto vertigem. Tudo parece girar. O seu braço, doutor. Conduza-me até a pequena porta.

– De boa vontade.

Tomei-lhe o braço. Ele bambaleava como se estivesse embriagado. Levei-o à porta.

– Obrigado, doutor. Eu lhe juro que sou deveras agradecido. Se o senhor fosse um desses homens cujos serviços se cobram, eu lhe pagaria essa ajuda pelo preço que quisesse.

– Bem, eis-nos em casa. O senhor virá amanhã para dar-me a resposta? – perguntei.

– Eu iria de bom grado à sua casa, mas de dia não me atrevo a sair: tenho medo de encontrá-la.

– Eu virei.

– Adeus, doutor.

Ele bateu à porta. Abriram-na.

– Um momento – eu disse, retendo-o.

– Qual o nome da mulher?

– Marie Granger.

– Bem, até a vista.

Ele entrou. Tomei a rua Helder para entrar na rua Taitbout.

Chegando na esquina em que as ruas se encontram, no lugar onde eu havia visto aquela mulher, ouvi um rumor, e percebi que um grupo considerável se agitava na penumbra.

Corri.

Aquela desgraçada fora vista por uma patrulha que passava e, como, interrogada sobre o que fazia nesse lugar, às

duas horas da manhã, não quis responder, a patrulha julgara conveniente levá-la ao corpo da guarda.

A pobre mulher parecia marchar no meio dos guardas nacionais, levando nos braços a criança que chorava, mas os seus olhos não vertiam uma só lágrima, e sua boca não se abria para deixar sair um só queixume.

Aproximei-me, rapidamente, do chefe da patrulha.

– Perdão, senhor, mas eu conheço essa mulher.

Ele levantou, com vivacidade, a cabeça e me olhou.

– Não é ele – disse ela e deixou cair tristemente a cabeça.

– O Sr. conhece essa mulher? – perguntou-me o líder da patrulha.

– Sim... ela se chama Marie Granger e é da aldeia de Trouville.

– É o meu nome... É o nome de minha aldeia. Quem é o senhor? Pelo amor de Deus, quem é o senhor?

– Sou o doutor Fabien e venho da parte dele.

– Da parte de Gabriel?

– Sim.

– Então, senhores, deixai-me ir. Eu vos suplico, deixai-me ir com ele.

– O senhor é, na realidade, o doutor Fabien? – perguntou-me o chefe da patrulha.

– Aqui está o meu cartão, senhor.

– E responde o senhor por essa mulher?

– Responsabilizo-me por ela.

– Então, senhor, pode levá-la.

– Obrigado.

Apresentei o braço à pobre moça. Mas ela me mostrou, com um gesto, a criança que era obrigada a carregar:

– Eu o seguirei, senhor. Para onde vamos?

– Para minha casa.

Dez minutos depois, ela estava em meu gabinete, sentada no mesmo lugar onde meia hora antes estivera sentado o

pretensso barão de Faverne. A criança, deitada sobre uma poltrona, dormia no cômodo que ficava ao lado do gabinete.

Houve entre nós um longo silêncio, que ela foi a primeira a romper.

– Pois bem, senhor – disse ela –, o que quer que eu lhe conte?

– O que a senhorita julgar necessário que eu deva saber. Note que eu não a interrogo. Somente espero que fale.

– Ah, o que eu tenho a lhe dizer é bem triste, senhor. Mas nada disso o interessa.

– Todos os sofrimentos físicos e morais me interessam. Portanto, não tema confiar a mim os seus, se julgar que eu possa aliviar as suas dores.

– Somente ele, e mais ninguém, pode aliviar o meu sofrimento – disse a pobre mulher.

– Está bem. Mas como foi ele quem me encarregou de vê-la, toda a esperança não está perdida.

– Então, senhor, me ouça. Mas lembre-se de que ouvirá uma pobre camponesa.

– A senhorita diz e eu acredito. Entretanto, a julgar pelo modo como se expressa, qualquer um a tomaria por pessoa de condição mais elevada.

– Sou filha do mestre de escola da vila onde nasci. Então, aparento alguma educação. Posso ler e escrever um pouco melhor que os outros camponeses. Isto é tudo.

– Então, a senhorita é da mesma terra que Gabriel?

– Sim, embora eu seja quatro ou cinco anos mais nova que ele. Até onde a minha memória pode recuar, eu o vejo sentado com uma vintena de outros rapazes do campo, que o meu pai reunia no fim de uma longa mesa, toda crivada de nomes e desenhos, que os estudantes traçavam com os seus canivetes. Meu pai os ensinava a ler, escrever e contar. Gabriel era filho de um

bravo meeiro cuja reputação de honestidade era proverbial.

– O pai dele ainda é vivo?

– Sim, senhor.

– Mas faz muito tempo que ele não vê o filho.

– O pai ignora onde ele está. Acredita que o filho partiu para Guadalupe. Mas, espere: cada fato virá em sua vez. Perdoe a minha demora, mas tenho a necessidade de contar tudo detalhadamente para que o senhor possa julgar a nós dois.

Gabriel, apesar de muito alto para a sua idade, era fraco e doentio. Por isto, era sempre ameaçado, mesmo pelos garotos mais novos que ele.

Lembro-me que ele não se atrevia a sair com os outros, na hora em que os estudantes voltavam para a casa de seus pais, e quase sempre o meu pai o encontra na escada, para onde ele, com medo de apanhar, se refugiava, pois sabia que ali ninguém se atreveria a ir buscá-lo.

Então meu pai lhe perguntava o que ele fazia ali e o pobre Gabriel, chorando, dizia que tinha medo que batessem nele.

Imediatamente, meu pai me chamava para que eu escoltasse o pobre fugitivo. Sob a minha proteção, ele chegava em casa são e salvo, porque, na minha presença, na companhia da filha do mestre de escola, ninguém se atrevia a sová-lo.

O resultado foi que Gabriel pareceu tomar por mim uma grande afeição, de forma que contraímos o costume de estar juntos. Mas havia uma diferença: de sua parte, a afeição vinha do egoísmo; de minha, da compaixão.

Com grande dificuldade Gabriel aprendeu a ler e a calcular. Mas para caligrafar, tinha ele grande facilidade. Não apenas caligrafava maravilhosamente, como ainda tinha a singular capacidade de imitar as escritas de todos os seus colegas, e a tal ponto que, colocados lado a lado a imitação e o original, o próprio autor ficava mesmo indeciso.

Os garotos riam, divertiam-se com esse singular talento. Mas o meu pai abanava tristemente a cabeça e dizia sempre:

– Gabriel, creia-me, não faça essas coisas... isto ainda vai dar errado.

– Bah! Por que dará errado? Serei mestre de escrita e não lavrador.

– Não é grande coisa ser mestre de escrita em um vilarejo – dizia o meu pai.

– Pois bem, irei exercer a profissão em Paris – respondia Gabriel.

De minha parte, eu não via como o talento de imitar a letra alheia pudesse ser prejudicial a alguém. A habilidade de Gabriel era, para mim, um grande divertimento. Nessa arte, ele progredia incrivelmente a cada dia. Gabriel não se limitava a imitar escritas: imitava tudo.

Certa feita, caiu em suas mãos uma gravura. Com uma paciência maravilhosa, Gabriel copiou linha por linha, e com uma exatidão tal que, a não ser o tamanho do papel e a cor da tinta, seria difícil dizer, a

um exame do original e da cópia, qual seria a obra da pena e qual seria a do buril. O pobre pai, que via na gravura o que ela realmente era – uma obra-prima –, a mandou pôr em uma moldura pelo vidraceiro do vilarejo, e a mostrou a todo mundo.

O prefeito e seu vice vieram vê-la. Ao retirar-se, disse o prefeito ao vice:

– Esse rapaz tem a sua fortuna nas pontas dos dedos.

Gabriel ouviu estas palavras.

Meu pai já lhe tinha ensinado tudo o que podia ensinar-lhe e Gabriel voltou à gleba do pai.

Como era o mais velho de outros dois filhos, e Thomas não era rico, Gabriel teve que começar a trabalhar.

Mas o trabalho no arado lhe era insuportável.

Completamente ao contrário dos camponeses, Gabriel gostava de dormir e acordar tarde. Seu grande prazer era demorar-se acordado até a meia-noite,

fazendo com a sua pena toda sorte de letras decoradas, desenhos e imitações: o inverno era o seu tempo preferido e as horas de vigília os seus instantes festivos.

Por outro lado, a sua aversão aos trabalhos do campo era o desespero de seu pai. Thomas Lambert não era rico o suficiente para ter em sua casa uma boca inútil e ele imaginara que a presença de Gabriel o pouparia de assalariar um peão. Viu, com grande desgosto, que se tinha enganado.

XII- PARTIDA PARA PARIS

Um dia, feliz ou infelizmente, o prefeito, que havia profetizado que Gabriel teria a sua fortuna na ponta dos dedos, veio fazer uma visita a Thomas Lambert, e lhe propôs tomar Gabriel como seu secretário, pagando-lhe, além da alimentação, quinhentos francos anuais.

Gabriel saudou a proposta como uma boa fortuna, mas Thomas abanou a cabeça, dizendo:

– Aonde isto te levará, rapaz?

Contudo, ambos aceitaram a proposta do prefeito. Gabriel trocou o arado pela pena.

Continuamos a ser bons amigos. Gabriel parecia mesmo ter-me amor. Quanto a mim, eu o amava de todo coração.

Todas às noites, como é habitual nas aldeias, saíamos para caminhar, às vezes à beira-mar, às vezes à margem do Touque.

Ninguém nos incomodava. Ambos éramos pobres e convínhamos perfeitamente um ao outro.

Mas Gabriel parecia atormentado por um forte desejo: o de ir a Paris. Estava convicto de que, se o fizesse, faria fortuna.

Portanto, para nós, Paris era o fundo de toda nossa conversa. Era a cidade mágica, que deveria abrir-nos as portas da riqueza e da felicidade.

Oh, sim! Paris! Paris!

Em nossos sonhos com o futuro tínhamos sempre encadeado as nossas existências. Assim, eu já me via, de antemão, como mulher de Gabriel, embora, devo confessar, nunca tivéssemos falado de casamento ou mesmo feito promessas recíprocas.

O tempo passou.

Gabriel, mesmo para entregar-se à sua ocupação predileta, escrevia todos os dias, e se via, nos registros da Prefeitura, ordem e gosto admiráveis.

O prefeito estava encantado por ter um secretário assim.

A época das eleições se aproximava. Um dos deputados que deveriam ser colocados na lista de votação já estava em viagem de campanha. Chegou a Trouville. Gabriel era a maravilha da comuna. Exibiram ao candidato o registro da Prefeitura e nesta mesma noite Gabriel lhe foi apresentado.

O candidato havia redigido uma circular, mas não havia imprensa senão no Havre. Era preciso enviar o manifesto à cidade, o que significaria três ou quatro dias de demora.

A distribuição do manifesto era urgente e o candidato tinha encontrado uma oposição maior do que esperava.

Gabriel propôs fazer no dia e noite seguintes cinquenta circulares. O deputado lhe prometeu uma centena de escudos se ele entregasse em vinte e quatro horas os cinquenta exemplares. Gabriel tomou a si a

responsabilidade e, em vez de cinquenta, entregou setenta manifestos.

O candidato, no cúmulo de sua alegria, deu-lhe não trezentos, mas quinhentos francos, e prometeu recomendá-lo a um rico banqueiro de Paris que, em razão de tal recomendação, provavelmente o contrataria como secretário.

Naquela mesma noite Gabriel me procurou, embriagado de alegria.

– Marie – disse ele –, estamos salvos. Dentro de um mês, irei para Paris. Terei um bom lugar e, então, eu te escreverei. E tu virás para minha companhia.

Nem mesmo me lembrei de perguntar-lhe se iria como sua mulher, tão longe que estava de mim a ideia de que ele poderia me enganar.

Pedi-lhe, então, a explicação de tal promessa, que para mim era ainda um enigma. Ele contou-me tudo, falou-me da proteção do banqueiro e me mostrou um papel impresso.

– O que há nesse papel? – perguntei.

– Uma nota de quinhentos francos – disse ele.

– Como – exclamei – esse pedaço de papel pode valer quinhentos francos?

– Vale – disse ele. – E bastaria somente mais vinte desses para que fôssemos ricos.

– Seriam dez mil francos – redargui.

Durante este tempo, Gabriel devorava o papel com os olhos.

– Em que estás pensando, Gabriel? – perguntei.

– Penso – disse ele – que imitar um bilhete destes não é tão difícil quanto uma gravura.

– Sim... Mas – disse-lhe –, isto não será um crime?

– Olha – disse-me ele, mostrando duas linhas escritas na parte de baixo da cédula:

A LEI PUNE COM A MORTE O FALSIFICADOR

– Ah, se não fosse isso – exclamou –, teríamos imediatamente dez, vinte, cinquenta cédulas como esta.

– Gabriel – repliquei, trêmula –, o que estás a dizer?

– Nada, Marie, estou brincando.

E pôs a nota no bolso.

Oito dias depois, as eleições tiveram lugar.

Apesar das circulares, o candidato não foi eleito.

Depois deste infortúnio, Gabriel foi à casa do candidato para lembrá-lo de sua promessa. Mas ele já havia partido.

Gabriel ficou desesperado. Com toda a probabilidade, o deputado não eleito esqueceria a promessa feito ao secretário da prefeitura.

De repente, uma ideia pareceu germinar em seu espírito e ele se afastou, sorrindo. Depois de alguns instantes, disse:

– Felizmente, guardei o original desta circular idiota.

E me mostrou o original escrito e assinado pelo candidato, de próprio punho.

– O que tu farás com esse original? – perguntei.

– Oh, meu Deus! Absolutamente nada – respondeu Gabriel. – Somente quando for preciso, este papel poderá fazer lembrar-me dele.

Em seguida, Gabriel não mais falou desse papel, e parecia até ter-se esquecido da circular.

Oito dias depois, o prefeito veio encontrar Thomas Lambert com uma carta na mão. Esta carta era do candidato que perdera a eleição.

Contra todas as probabilidades, ele manteve a sua promessa e escreveu ao prefeito dizendo que tinha obtido, com um dos principais banqueiros de Paris, uma colocação de escriturário para Gabriel. Exigia-se, apenas, um supranumerário de três meses. Seria um sacrifício de tempo e dinheiro indispensáveis, depois do que

Gabriel iria receber um salário de mil e oitocentos francos.

Gabriel correu para trazer-me esta boa notícia, mas, ao passo em que o enchia de prazer, a boa-nova me entristecia profundamente.

Por várias vezes, eu havia, incitada pelos esperançosos sonhos de Gabriel, desejado tanto quanto ele ir a Paris. Mas, para mim, o ir a Paris era apenas o único meio de não deixar o homem que eu amava. Toda a minha ambição confinava-se em me tornar esposa de Gabriel, e isto me parecia mais fácil de realizar-se na humilde e monótona existência do campo do que no rápido e ardente turbilhão da capital.

Diante desta notícia, pus-me a chorar.

Gabriel caiu a meus joelhos e procurou tranquilizar-me com suas promessas e seus protestos. Mas um pressentimento profundo e terrível me dizia que estava tudo acabado para mim.

Apesar de tudo, a partida de Gabriel estava decidida.

Thomas Lambert concordou em fazer um pequeno sacrifício. O prefeito, garantido por hipoteca, é evidente, emprestou-lhe quinhentos francos. E como ninguém sabia da generosidade do candidato, Gabriel encontrou-se possuidor de uma soma de mil francos.

Convieram que ele partiria naquela mesma tarde para Pont-l'Eveque, e lá tomaria uma carruagem para Rouen. Mas, entre nós, houve um acordo diferente. Ele faria um rodeio e passaria a noite comigo.

Eu deixaria a janela de meu quarto aberta.

Era a primeira vez que eu o recebia assim e esperava ter tanto domínio contra ele, e contra o meu coração, quanto sempre tivera.

Ai de mim! Eu estava enganada! Sem esta noite, eu não teria sido uma mulher desprezível. Aquela noite me pôs a perder.

Ao nascer do dia, Gabriel me deixou. Era preciso que nos separássemos. Eu o

conduzi pela porta do jardim que dava para as dunas.

Ali, ele me renovou todas as promessas. Ali, jurou-me que jamais teria outra mulher além de mim. E se ele, de alguma maneira, amenizou os meus temores, em nada diminuiu os meus remorsos.

Nós nos separamos. Eu o perdi num ângulo do muro. Porém, corri para vê-lo novamente. E, na verdade, eu o vi seguir num ritmo rápido, penetrando na vereda que conduz à grande estrada.

Parecia que havia, na rapidez de seus passos, alguma coisa que singularmente contrastava com a minha dor.

Chamei-o com um grito.

Ele virou-se para mim, agitou o seu lenço em sinal de despedida, e continuou o seu caminho.

Ao tirar o lenço, ele deixara cair do bolso, sem perceber, um papel.

Tornei a chamá-lo. Mas, provavelmente com medo de se deixar

enternecer, seguiu o seu caminho. Corri atrás dele.

Cheguei ao lugar onde o papel havia caído e o achei no chão.

Era uma nota de quinhentos francos, que somente diferia no papel daquela que eu havia visto. Então eu reuni todas as minhas forças e o chamei pela última vez. Ele se virou, viu-me acenando com a nota e parou. Remexeu em todos os bolsos e, percebendo que havia perdido alguma coisa, veio correndo para mim.

– Toma – disse-lhe –, perdeste isto e estou muito feliz porque poderei beijá-lo pela última vez.

– Ah – disse ele, sorrindo –, foi somente por tua causa que eu voltei, querida Marie! Essa nota não vale nada.

– Como não vale nada?

– Não vale porque o papel é diferente daquele que viste.

Ele sacou uma outra nota do bolso.

– E então, de onde veio essa nota?

– É uma nota que me diverti imitando aquela outra, mas não tem nenhum valor. Tu bem vêes, querida Marie, que foi somente por tua causa que voltei.

E, para me dar uma última prova dessa verdade, ele rasgou a cédula bilhete em pequenos pedaços, e os jogou ao vento.

Depois tornou a renovar as suas promessas e seus protestos e, como o tempo urgia, e eu senti que não mais tinha forças para sustentar-me em pé, ele se sentou à beira do fosso, deu-me um último beijo e partiu.

Eu o segui com os olhos e tinha os braços estendidos para ele, enquanto pude vê-lo. Mas, desde o momento em que numa tortuosidade do caminho o roubou dos meus olhos, deixei cair a minha cabeça entre as mãos, e os meus olhos derramaram copiosas lágrimas.

Não sei quanto tempo fiquei concentrada e perdida em minha dor.

Acordei com um ruído causado por uma jovem camponesa que pastava suas

ovelhas e que me olhava com espanto por não compreender a minha imobilidade.

Levantei a cabeça.

– Bem – disse-me ela – és a senhorita Marie. Por que choras?

Enxuguei os olhos, tentando sorrir.

E, depois, para me aproximar de Gabriel pelos objetos que ele tinha tocado, pus-me a reunir os pedaços de papel que ele tinha lançado ao vento. Enfim, pensando que o meu pai podia se levantar e inquietar-se por minha ausência, segui com passos rápidos o caminho que me levava a casa.

Teria caminhado apenas vinte passos quando ouvi alguém chamar-me. Voltei-me e vi a pequena pastora correr em minha direção.

Eu a esperei.

– Que queres, minha filha? – perguntei.

– Senhorita Marie – disse-me ela –, vi que tu juntavas todos os pequenos pedaços de papel e te trago um, que ficou esquecido.

Lancei os olhos para o que ela me apresentava e era realmente um fragmento do bilhete que Gabriel tão habilmente imitara.

Tomei-o nas mãos da garota e rapidamente o olhei.

Por estranho acaso, era a porção do bilhete sobre a qual estava escrita a fatal ameaça:

A LEI PUNE COM A MORTE O FALSIFICADOR

Estremeci, sem poder compreender de onde me vinha o terror que instintivamente se apoderava de mim.

Somente por estas linhas se podia ver que o bilhete era uma imitação: via-se que a mão de Gabriel tremera ao escrevê-las, ou, antes, ao gravá-las.

Deixei cair todos os demais fragmentos, mas esse eu conservei.

Entreí em casa sem que o meu pai percebesse.

Mas, ao adentrar a câmara em que Gabriel tinha passado a noite, senti-me inteiramente dominada pelo remorso. Enquanto ele lá estivera, a confiança que nele depositava me havia sustentado. Mas, uma vez ausente, cada um dos detalhes que deviam diminuir esta confiança surgia em meu pensamento e eu me senti verdadeiramente isolada com o meu erro.

XIII – CONFISSÃO

Oito dias se passaram sem que eu tivesse notícia alguma de Gabriel. Finalmente, no fim da manhã desse do oitavo dia, recebi uma carta dele.

Ele havia chegado a Paris, dizia que já estava instalado no estabelecimento de seu banqueiro e que morava, provisoriamente, num pequeno hotel da rua dos Veieux-Augustins.

Depois vinha uma descrição de Paris e do efeito que a capital tinha produzido dele.

Estava louco de prazer.

Um pós-escrito dizia que, dentro de três meses, eu iria compartilhar a sua felicidade.

Em vez de tranquilizar-me, esta carta me entristeceu profundamente, sem que eu pudesse entender o porquê.

Sentia que uma desgraça iminente pairava sobre mim, prestes a abater-me.

Respondi-lhe, todavia, como se a sua alegria houvesse chegado a mim. Dava ares de acreditar nesse futuro que ele me prometia, e que uma voz interior me dizia, sonoramente, não ser para mim.

Quinze dias depois recebi uma segunda carta.

Esta me encontrou em cruel desespero.

Ai de mim! Se Gabriel não cumprisse o que me prometera, eu seria uma filha desonrada: em oito meses, eu seria mãe.

Hesitei algum tempo se deveria fazer Gabriel ciente de minha gravidez.

Mas eu não tinha no mundo mais ninguém em que pudesse confiar além dele. Além disso, metade do meu erro pertencia a ele e, se alguém deveria me consolar, era justo que fosse ele.

Respondi-lhe, pois, que abreviasse o máximo o nosso encontro, fazendo-lhe ver que para o futuro seus esforços deveriam

ter por fim não unicamente a nossa felicidade, mas também a de nosso filho.

Correio por correio eu esperava receber uma carta sua. Ou, antes, mal envie a carta e comecei a temer que não receberia notícia alguma e isto porque, como já disse, um surdo pressentimento me dizia que tudo estava acabado para mim.

Com efeito, não foi a mim que Gabriel respondeu, mas a seu pai. A ele anunciava que o banqueiro, em cujo estabelecimento estava empregado, tendo interesse de grande relevância em Guadalupe, e tendo reconhecido nele uma inteligência superior à de seus colegas de trabalho, acabava de encarregá-lo de cuidar desses negócios, prometendo-lhe que, quando retornasse, iria associá-lo numa parte de seus lucros. Em consequência disto, ele anunciava que partiria nesse mesmo dia para as Antilhas, e que não podia fixar a data de seu retorno.

Ao mesmo tempo, do dinheiro que o banqueiro lhe tinha dado para a sua

viagem, ele enviava os quinhentos francos que o pai tomara emprestado para lhe dar.

Essa soma era representada por uma cédula do banco.

Dizia mais a seu pai, em um pós-escrito, que, por não ter tempo de me escrever, pedia-lhe que me desse esta notícia.

Como é bem compreensível, o golpe foi terrível.

Entretanto, não tendo recebido pelo correio notícia alguma de Gabriel, eu ignorava quantos dias eram precisos para chegar uma carta a Paris e, por consequência, quanto tempo era necessário para que eu recebesse resposta.

Eu tinha, pois, ainda uma esperança: ele teria escrito ao pai antes de receber a minha carta.

Procurei um pretexto, fui à casa do prefeito, pedi-lhe informações a esse respeito. Eu o encontrei tendo às mãos a cédula bancária que o pai Thomas acabava de lhe mandar.

– Felicito-te, Marie – disse ele, ao verme. – O teu apaixonado está em vias de fazer fortuna?

Respondi-lhe com lágrimas.

– Por que choras? – perguntou-me. – Causa-te desgosto que Gabriel enriqueça? Quanto a mim, sempre disse que esse rapaz tem uma fortuna na ponta dos dedos.

– Ah – disse-lhe –, o senhor está enganado a respeito dos meus sentimentos! Agradecerei sempre ao céu todas as felicidades que a providência trouxe a Gabriel. O que eu temo, unicamente, é que, em meio à sua felicidade, ele se esqueça de mim.

– A esse respeito, minha pobre Marie – respondeu-me o prefeito –, seria muito difícil para mim prestar garantia. E, se eu tivesse um conselho a te dar, acredita-me, tal seria o de que, em se apresentando alguma ocasião, tu deverias tomar a dianteira. Tu és uma jovem trabalhadora, bem-educada, e sobre quem nada há a dizer, não obstante a tua intimidade com

Gabriel. Ora, pois! Por minha vida, o primeiro rapaz belo, que se apresentasse para substituir Gabriel, eu o aceitaria. E julgo que já o tens, pois, ainda ontem, André Morin, o pescador, falou-me disso.

Eu o interrompi. Disse-lhe:

– Sr. Prefeito, serei mulher de Gabriel ou ficarei solteira. Há promessas entre nós que ele pode esquecer, mas que eu jamais esquecerei.

– Sim, sim – disse ele, sei disso. – É assim que todas elas se perdem, essas pobres moças infelizes. Mas, enfim, faz o que quiseres, minha filha. Nenhum poder tenho sobre ti. Mas, se eu fosse o teu pai, bem saberia o que deveria fazer.

Ele me deu todas as informações que eu fora buscar. Voltei, pois, para casa calculando o tempo decorrido.

Gabriel tinha escrito a seu pai *depois* de ter recebido a minha carta.

Esperei com impaciência o dia seguinte, o outro, toda a semana, todo o mês. Não recebi notícia alguma de Gabriel.

Uma esperança ainda me sustentava: não tendo tempo de me escrever de Paris, ele me escreveria do porto onde deveria embarcar, ou, se não desse porto, ao menos de Guadalupe.

Procurei um mapa e perguntei a um de nossos marinheiros, que tinha feito muitas viagens à América, qual era o caminho que seguiam os navios com destino a Guadalupe.

Ele traçou uma comprida linha a lápis e, ao menos, tive o lenitivo de ver o caminho que Gabriel seguiria, afastando-me de mim.

Seriam necessários três meses para que eu pudesse receber notícias suas. Esperei com bastante resignação que esses meses se findassem, mas carta alguma me chegou. E fiquei mergulhada nessa semiobscuridade terrível que se chama dúvida e que é cem vezes mais negra que a noite.

Todavia, o tempo corria e eu experimentava todas as sensações íntimas que anunciam em si a existência de um ser

que se forma a partir de nosso ser. Sensações deliciosas, sem dúvida, no estado ordinário da vida, e quando a existência desse ser é o resultado de condições sociais; sensações dolorosas, amargas, terríveis quando cada movimento nos recorda uma transgressão e nos pressagia a desgraça.

Eu estava grávida de seis meses. Até então, eu havia, felizmente, ocultado de todos os olhos o meu estado, mas uma ideia terrível me atormentava: se continuasse a apertar-me, poderia pôr em risco a vida de meu filho.

A Páscoa aproximava-se. E, como se sabe, esta é a época, em nossos campos, de gerais devoções. Aquela dentre as jovens donzelas que não cumprisse os seus deveres pascais seria apontada amargamente pelas suas companheiras.

Eu tinha profundamente enraizados no coração os sentimentos religiosos para poder aproximar-me do confessionário sem fazer uma completa revelação das minhas culpas e, não obstante – coisa espantosa! –,

eu via aproximar-se a época dessa revelação com um misto de alegria e temor.

O nosso pároco era um honrado sacerdote, indulgente para com as faltas alheias, mas severo na expiação dos próprios pecados.

Era um santo ancião de cabelos brancos. Diante dele, sempre calmo e risonho, o fraco, o desgraçado ou o culpado sentiam, à primeira vista, que haviam encontrado apoio.

De antemão, eu havia resolvido contar-lhe tudo e deixar-me guiar por seus conselhos.

Na véspera do dia em que todas as donzelas deveriam confessar-se, eu me apresentei em sua casa.

Confesso que foi com um terrível estremecimento que levei a mão à campainha da casa do presbítero.

Eu havia esperado a noite para que ninguém me visse entrar na casa do padre, onde outrora eu ia à vista de todo mundo duas ou três vezes por semana. Ao transpor

o portal, senti o peito oprimido, e eu me vi obrigada a apoiar-me ao muro para não cair.

Entretanto, recobrei as minhas forças, e, com um movimento brusco e selvagem, toquei a campainha. A velha criada imediatamente abriu a porta.

Segundo os meus cálculos, o cura estava só, em uma pequena câmara retirada, onde, à luz da lamparina, lia seu breviário.

Segui a velha Catherine, que abriu a porta e me anunciou.

O pároco levantou a cabeça. Os raios de luz iluminaram, então, toda aquela calma e majestosa figura, e eu compreendi que se há, no mundo, alguma consolação para certas desgraças irreparáveis, esta consiste em confiar os males a homens como o padre.

Apesar disto, fiquei junto à porta e não me atrevi a entrar.

– Está bem, Catherine – disse o cura – , deixa-nos a sós. E se alguém vier me procurar...

– Direi que o Sr. cura não está em casa – respondeu a governanta.

– Não – disse o cura –, porque não é preciso mentir. Tu dirás, minha boa Catherine, que eu estou em oração.

– Certo, padre.

Ela se retirou, fechando a porta atrás de si.

Fiquei imóvel, sem dizer uma só palavra.

O pároco buscou-me com os olhos na escuridão, onde a luz da lamparina me deixava circunscrita. Depois, percebendo-me, estendeu a mão para o meu lado e me disse:

– Vem, minha filha. Eu te esperava.

Dei dois passos, tomei as suas mãos e caí a seus pés.

– O senhor me esperava, meu pai? Então sabe por que eu vim aqui?

– Ai de mim! Eu o adivinhei – replicou o digno sacerdote.

– Oh, meu pai, meu pai, eu sou bem culpada! – exclamei, em soluços contínuos.

– Antes diz, minha pobre filha – respondeu o sacerdote –, diz que és bem infeliz.

– Mas, meu pai, talvez o senhor não saiba de tudo. Afinal, como poderá adivinhá-lo?

– Escuta, minha filha. Eu te direi – replicou o sacerdote – para te poupar uma confissão, ainda que esta seja feita a mim. Tal seria, para ti, uma tortura.

– Oh! Eu sinto profundamente que ao senhor poderei contar tudo. Não é o senhor ministro de Deus, este que tudo sabe?

– Pois bem. Fala, minha filha – disse o sacerdote. – Fala e eu te escuto.

– Meu pai – disse-lhe –, meu pai!...

E minha voz se abafou em meu peito. Eu já tinha contado muito com minhas forças. E não podia ir mais longe.

– Eu percebi tudo – disse o sacerdote
– no mesmo dia em que Gabriel partiu.
Naquele dia, minha filha, eu te vi, sem que tu me visses. Haviam-me chamado à noite para ouvir a confissão de um moribundo e eu voltava às quatro da manhã quando encontrei Gabriel, que todo mundo julgava ter partido na véspera à tarde. Ao me ver, ele se escondeu por detrás de um pomar e eu fiz como quem não o via. Cem passos adiante, à beira de um fosso, eu encontrei uma jovem com a cabeça entre as mãos. Eu te reconheci, mas tu não levantaste a cabeça.

– Eu não o vi, meu pai – respondi-lhe.
– Estava toda entregue à dor de deixar Gabriel.

– Portanto, passei. Então, tive vontade de retornar para falar contigo. Mas uma ideia me deteve: talvez tu me tivesses visto, mas, assim como Gabriel, esperavas sem dúvida ocultar-te. Continuei, pois, o meu caminho. Chegando ao canto do muro do jardim de teu pai, vi que a porta estava aberta. Então, compreendi tudo: Gabriel, a

quem todos imaginavam ter partido, tinha passado a noite em tua companhia.

– Ai de mim! Ai de mim, meu pai! Esta é, desgraçadamente, a verdade.

– Depois deixaste de vir ao padre como vinhas antes. Eu disse comigo: “pobre filha, ela não vem porque teme achar-se face a face com um juiz, mas eu a verei quando ela tiver necessidade do perdão”.

Os meus soluços redobraram.

– Pois bem – perguntou-me o padre – , o que posso fazer em teu favor? Vejamos, minha filha.

– Meu pai, eu queria saber se Gabriel realmente partiu às Antilhas ou se ainda está em Paris.

– Como? Tu duvidas que...

– Meu pai, uma ideia terrível me passou pelo espírito: foi para ver-se livre de mim que ele escreveu, dizendo que partiria em viagem.

– E quem te sugeriu tal ideia? – perguntou o sacerdote.

– O silêncio dele. Por mais precipitada que tivesse de ser a sua partida, ele teria tempo de me escrever ao menos uma palavra. Se não me escrevesse de Paris, ao menos o faria do lugar onde teria que embarcar. E finalmente de Guadalupe, se é que ele está lá. Por que ele não tem me dado notícias suas? Não sabe que de uma carta sua depende a minha vida e a de meu infeliz filho?

O pároco suspirou.

– Sim, sim – murmurou ele. – O homem em geral é egoísta. Todavia, eu não quero caluniar ninguém. Mas Gabriel, Gabriel... Minha pobre filha, sempre vi com grande pesar o amor que tinhas por esse homem.

– O que quer, meu pai? Fomos criados juntos. Jamais nos deixamos. Achava que nossa vida deveria acabar como havia começado.

– Está bem. Estás dizendo, pois, que desejas saber se...

– Se Gabriel partiu realmente de Paris.

– É fácil. E parece-me que pelo pai dele... Escuta! Tu me autorizas a contar tudo ao pai de Gabriel?

– Meu pai, ao senhor confiei a minha vida e a minha honra – repliquei. – O senhor pode fazer o que julgar necessário.

– Espera-me, filha – disse o sacerdote.
– Vou à casa de Thomas Lambert.

O digno sacerdote saiu.

Permaneci ajoelhada como estava, com a cabeça apoiada sobre o braço da cadeira, sem orar, sem chorar, mergulhada em profundos pensamentos.

Após quinze minutos, a porta se abriu novamente.

Ouvi passos que repercutiam a meu lado e uma voz me disse:

– Levanta-te, minha filha, e vem para os meus braços.

Essa voz era a de Thomas Lambert.

Ergui a cabeça e me achei face a face com o pai de Gabriel.

Era um homem de quarenta e cinco a quarenta e oito anos, de reconhecida honradez, um desses homens que tudo sacrificam para conservar a sua palavra, que acreditam nada existir acima de seus deveres.

– Meu filho te disse, alguma vez, que te desposaria, Marie? – perguntou-me ele. – Vejamos, responde-me como se fosse Deus quem te perguntasse isto.

– Veja, senhor – disse-lhe, mostrando-lhe a carta de Gabriel, na qual ele me prometia que dentro de três meses eu iria para a sua companhia, e na qual me chamava de sua mulher.

– E tu cedeste a ele porque estava convencida de que ele seria o teu marido?

– Ai de mim! Cedi – respondi – porque ele ia partir e eu o amava.

– Bem respondido – disse o sacerdote, fazendo com a cabeça um sinal de aprovação. – Bem respondido, minha filha.

– Sim, o senhor tem razão – disse Thomas ao padre. – Bem respondido. –

Marie – continuou ele –, tu és minha filha; o teu filho, meu filho. Em oito dias, saberemos onde Gabriel está.

– Como? – perguntei.

– Há muito que eu pretendia fazer uma viagem a Paris, a fim de tratar pessoalmente de certos interesses com o meu proprietário. Partirei amanhã. Irei ao estabelecimento do banqueiro e, onde quer que Gabriel esteja, eu lhe escreverei em nome de minha autoridade de pai para forçá-lo a cumprir a sua palavra.

– Bem – disse o cura –, bem, Thomas, eu juntarei à tua carta uma minha, na qual falarei a ele em nome da religião.

Agradei a ambos, como Agar²⁰ agradeceu ao anjo que lhe indicava a fonte em que ela devia saciar a sede de seu filho.

²⁰ Segundo a Bíblia (Gênesis, capítulo 21), Agar era escrava de Sara, mulher do patriarca Abraão. Estéril, e com o escopo de garantir a descendência de marido, Sara permitiu que a serva mantivesse relações com Abraão e desta união nasceu Ismael. Depois de haver

Depois, como eu tinha de retirar-me, o cura me acompanhou.

– Até amanhã – disse-me ele.

– Ó, meu pai! – respondi. – Posso ainda apresentar-me na igreja juntamente com as minhas amigas?

– E para quem a igreja guardaria as suas consolações? – disse o sacerdote. – Tu não és a Madalena, nem a mulher adúltera. E Deus perdoou a ambas.

No dia seguinte, eu me confessei e recebi a absolvição.

Mais tarde, no dia de Páscoa, comunguei com as minhas companheiras.

concebido, milagrosamente, Isaque, Sara incitou Abraão, com êxito, a abandonar Agar e seu filho no deserto de Berseba. Mas Agar e Ismael, quase a perecer de sede, foram salvos por um anjo, que lhes indicou uma fonte de água.

XIV – APÓS A CONFISSÃO

Desde a véspera, conforme anunciara, Thomas Lambert seguira o caminho de Paris.

Oito dias se passaram, durante os quais eu ia todas as manhãs à casa do padre e lhe perguntava se havia recebido notícias do pai Thomas. Nesses oito dias, não havia chegado carta alguma.

Na tarde de domingo seguinte à Páscoa, vi entrar, pelas sete horas da noite, a velha Catherine. Ela me vinha buscar a pedido de seu amo.

Levantei-me toda trêmula e me apressei em segui-la. Porém, não tive a coragem de transpor a distância que havia entre a casa do meu pai e a do presbítero sem a interrogar.

Ela me disse que nesse mesmo instante acabava de chegar de Paris o pai

Thomas. Não tive ânimo para continuar a fazer perguntas.

Ceguei.

Estavam ambos no pequeno gabinete que já tinha sido muda testemunha da cena que acabei de narrar. O cura estava triste e a fisionomia do pai Thomas se mostrava sombria e severa.

Fiquei inclinada contra a porta. Profundo pressentimento me dizia que minha causa fora julgada e perdida.

– Coragem, minha filha – disse-me o sacerdote –, pois Thomas está aqui e nos traz más notícias.

– Gabriel não me ama! – exclamei.

– Não se sabe o que é feito de Gabriel – disse-me o padre.

– Como assim? – exclamei. – Por acaso o navio em que ele se achava se perdeu? Ele está morto?

– Quisera o céu assim o fosse – respondeu Thomas –, e que toda a fábula que ele nos contou fosse realidade.

– Que fábula? – perguntei, aterrorizada, porque então comecei a ver tudo como se através de um véu.

– Sim – disse o pai –, eu me apresentei no estabelecimento do banqueiro. Este nem entendia o que eu lhe dizia. Ele jamais tivera um escriturário que se chamasse Gabriel Lambert. Jamais tivera negócios em Guadalupe.

– Oh, meu Deus! Seria preciso ir à casa de quem lhe conseguiu o emprego, o senhor sabe, do candidato a deputado...

– Eu estive lá – disse o pai.

– E qual foi o resultado?

– O resultado! Ora, em tempo algum ele escrevera a meu filho ou a mim.

– Mas... e a carta?

– Levei a carta comigo e a exibi. Ele reconheceu perfeitamente a sua letra. Mas não fora ele que escrevera essa carta.

Deixei cair a minha cabeça sobre o peito.

Thomas Lambert continuou:

– De lá fui a rua dos Vieux-Augustins, no Hotel de Veneza.

– Pois bem – perguntei –, acaso o senhor encontrou algum vestígio dele lá?

– Morou seis semanas no hotel. Depois, tendo pago as despesas, deixou-o e ninguém sabe do seu paradeiro.

– Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! – exclamei. – Quer dizer que isto é tudo?

– Isto quer dizer – murmurou Thomas Lambert – que de nós dois, minha pobre filha, o mais desgraçado provavelmente sou eu.

– Assim, o senhor ignora completamente o que foi feito dele.

– Ignoro.

– Mas – disse o padre –, talvez a polícia pudesse informar...

– Pensei nisto – murmurou Thomas Lambert –, mas temi que a polícia me desse mais informações do que desejava saber.

Um horrível calafrio se apoderou de todos nós. Eu estava gelada de terror.

– O que, portanto, devemos fazer? – perguntou o cura.

– Esperar – respondeu Thomas Lambert.

– Mas ela – disse o sacerdote, apontando-me com um dedo – não pode esperar.

– É verdade – disse Thomas Lambert. – Então, que venha morar comigo. Ela não é minha filha?

– Sim, mas como não é mulher de teu filho, dentro de três meses ficará desonrada.

– Assim como o meu pai – exclamei – , a quem esta notícia matará de tristeza.

– Não se morre de tristeza – disse Thomas Lambert. – Mas sofre-se muito e não é necessário que o pobre homem sofra. A um pretexto qualquer, Marie irá passar um mês na casa de minha irmã, que mora em Caen, e seu pai nada saberá de tudo o que acontecer durante esse tempo.

Tudo foi feito como havia sido acordado.

Fui passar um mês na casa da irmã de Thomas Lambert. Nesse interregno, dei à luz a essa criança infeliz que dorme na poltrona.

Meu pai sempre ignorou tudo o que me aconteceu e o segredo foi tão bem guardado que da mesma ignorância partilham os habitantes do lugar.

Cinco ou seis meses se passaram sem que eu tivesse qualquer notícia de Gabriel. Mas, finalmente, correu o rumor de que o Prefeito chegara de Paris e que, nessa viagem à capital, encontrara Lambert.

A respeito desse encontro, contavam-se coisas tão singulares que faziam duvidar a veracidade da notícia.

Saí para me informar na casa de Thomas Lambert sobre o que poderia haver de verídico nos rumores que haviam chegado a meus ouvidos. Mal dera cinquenta passos fora de casa, encontrei o próprio prefeito.

– Ora, minha bela – disse-me ele –, não me surpreende que teu amor deixou de escrever-te: parece que ele fez uma fortuna.

– Oh, meu Deus, como assim? – perguntei.

– Como, eu não sei. Mas o fato é que, quando eu voltava de Courbevoie, onde havia jantado com o meu genro, encontrei um belo senhor a cavalo, um elegante, um dândi, como dizem lá, seguido de um criado também a cavalo. Adivinha quem era?

– Como o senhor quer que eu adivinhe?

– Bem, era o mestre Gabriel. Eu o reconheci e me lancei meio para fora do meu cabriolé para chamá-lo. Mas, sem dúvida, ele também me reconheceu, porque antes que eu tivesse tempo de pronunciar o seu nome, ele e seu criado meteram as esporas nos cavalos e partiram a galope.

– Oh, o senhor se enganou! – disse-lhe.

– Também julguei como pensas. Mas, à noite, fui à ópera, e fiquei plateia, é claro. Sou um simples paisano, e a plateia me convinha totalmente. Mas Gabriel, como se fosse um grande senhor, estava nos primeiros camarotes, num dos melhores, entre duas colunas, conversando e cortejando lindas senhoras. E tinha no peito uma camélia na largura de uma mão.

– Impossível, impossível! – murmurei.

– Foi como eu estou dizendo. Eu também pensava assim, mas queria tirar a prova. No entreato, saí e fui me postar perto do camarote. Bem depressa, a porta se abriu e o nosso moço elegante passou por perto de mim. “Gabriel!”, chamei-o a meia voz. Ele virou-se rapidamente e me viu. Então ficou vermelho como carmesim e se lançou à escadaria com tanta rapidez que quase derrubou um senhor e uma senhora que se encontravam em seu caminho. Eu o segui. Mas, quando cheguei ao peristilo, vi que ele subiu em um cupê dos mais elegantes, um

criado de libré fechou a portinhola e a carruagem partiu rapidamente.

– Mas, como quer o senhor que ele pudesse ter carruagem e criados de libré? O senhor, seguramente, se enganou. Com certeza, não era Gabriel.

– Eu te digo que o vi como te vejo agora. Estou certo que era ele. Creio que o conheço bem, já que por três anos o tive como secretário na prefeitura.

– Contou isso a outra pessoa além de mim, senhor prefeito?

– Por Deus! Conte a quem queria ouvir. Ele não me pediu segredo, pois não fez a honra de me reconhecer.

– E quanto ao pai dele? – eu disse a meia voz.

– Bem, o pai só pode estar feliz. O que isto prova? Seu filho fez fortuna.

Suspirei e me encaminhei para a casa de Thomas Lambert.

Encontrei-o sentado diante de uma mesa, com a cabeça mergulhada entre duas mãos. Ele me ouviu abrir a porta, mas não

me viu aproximar-se dele. Pus-lhe a mão sobre o ombro. Ele estremeceu, virando-se.

– Está bem – disse-me ele. – Tu também sabes de tudo.

– O prefeito acaba de me contar que encontrou Gabriel a cavalo e na ópera. Mas pode ser que ele esteja enganado.

– Como queres que ele esteja enganado? O prefeito não o conhece tão bem quanto nós? Oh, não! É a mais pura verdade.

– Se ele enriqueceu – respondi timidamente –, é preciso que nos alegremos. Ao menos ele será feliz.

– Enriqueceu! – exclamou o pai Thomas. – E por que meio imaginas que ele fez fortuna? Por ventura ele poderia fazê-la por meios honestos em um ano e meio? Acaso um homem, cuja riqueza é o resultado do honroso trabalho, desconhece os homens de seu torrão natal, oculta a sua existência de seu pai, esquece as promessas feitas à sua noiva?

– Oh – disse –, no que me toca, entendo o seu comportamento. Sendo ele agora rico, não sou mais digna dele.

– Marie, Marie – disse o pai, abanando a cabeça –, temo muito mais que ele não mais seja digno de ti.

Ele dirigiu-se ao pequeno quadro que continha o desenho à pena, feito há muitos anos por Gabriel, quebrou-o em pedaços, amarrotou o desenho com as mãos e o lançou ao fogo.

Eu não o impedi em sua ação: pensava naquele fragmento de bilhete de banco que, na manhã de sua partida, a pequena camponesa apanhara, fragmento que eu tinha conservado e sobre o qual estavam escritas estas palavras:

A LEI PUNE COM A MORTE O FALSIFICADOR

– O que nos resta fazer? – perguntei.

– Deixá-lo perder-se, se é que já não está perdido.

– Escute-me, senhor – repliquei. –
Obtenha de meu pai a permissão de ir
novamente passar quinze dias na casa de
sua irmã.

– E para quê?

– Para quê! É a minha vez de ir a
Paris.

Ele balançou a cabeça, murmurando:

– Jornada inútil, acredita em mim.

Jornada inútil.

– Talvez.

– Se me restasse alguma esperança,
acreditas que eu não iria? Além disto, não
sabemos onde ele mora. Como achá-lo sem
o auxílio da polícia? E se formos procurar
informação com a polícia, quem sabe o que
acontecerá?

– Tenho um meio – respondi-lhe.

– De encontrá-lo?

– Sim.

– Vai, então! Talvez seja o bem Deus
quem te inspira. Necessitas de alguma
coisa?

– Necessito unicamente da permissão de meu pai.

Neste mesmo dia a permissão foi pedida e obtida, ainda que com mais dificuldade que da primeira vez. Há algum tempo que o meu pai estava adoentado e eu mesma bem via que a ocasião era mal escolhida para o deixar. Mas um sentimento mais forte que a minha vontade me compelia.

XV – A FLORISTA

Três dias depois eu parti. Meu pai julgava que eu ia a Caen. Thomas Lambert e o cura eram os únicos que sabiam que eu ia a Paris.

Passei pela aldeia onde estava meu filho e o trouxe comigo.

Pobre louca que eu era em esquecer que não tinha forças para tanto!

Dois dias depois, estava em Paris.

Desci pela rua dos Vieux-Augustins e dirigi-me ao Hotel de Veneza: era o único cujo nome eu sabia. Era o que ele havia abandonado e para onde eu lhe tinha escrito.

Lá, pedi informações a seu respeito. Todos lembravam-se perfeitamente dele. Ele vivia sempre encerrado em seu quarto, trabalhando continuamente com um gravador de cobre, sem se soubesse em quê.

Lembraram-se perfeitamente que algum tempo depois de sua mudança, um homem, que parecia ter cinquenta anos, e que aparentava ser um camponês, tinha vindo procurar informar-se, assim como eu.

Informei-me onde era a ópera. Indicaram-me o caminho que eu deveria seguir e eu me lancei pela primeira vez nas ruas de Paris.

Eis aqui qual era o plano que eu havia acalentado no espírito: Gabriel iria à ópera. Lá, eu esperaria por todas as carruagens que chegariam. Se Gabriel descesse de alguma, eu o reconheceria imediatamente. Perguntaria o seu endereço ao lacaios e, no dia seguinte, escreveria para lhe dizer que estava em Paris e pediria que me viesse ver.

Desde a tarde que chegara, tinha posto este plano em execução.

Foi numa terça-feira, há oito dias. Eu não sabia que somente nas segundas, quintas e sábados a ópera abria as portas ao público.

Esperei, pois, inutilmente que se abrissem as portas. Procurei saber do motivo da escuridão e solidão que observava. Disseram-me unicamente que a representação seria no dia seguinte.

Voltei ao hotel, onde fiquei todo o dia seguinte sozinha com a minha pobre criança. Eu não sabia o quanto eram deliciosos essa solidão e esse isolamento.

Em Paris, desconhecida como eu era, podia ao menos atrever-me a ser mãe.

Chegou a noite e saí de novo.

Julgava que poderia esperar no peristilo, mas os guardas proibiram-me de permanecer ali.

Vi duas mulheres que circulavam livremente. Perguntei-lhes por que a elas era permitido o que me era proibido. Elas me responderam que eram vendedoras de flores.

Em meio a todas estas preocupações, muitas carruagens chegaram, mas eu não pude ver os que desceram. Talvez Gabriel estivesse entre eles.

Era uma noite perdida e eram ainda dois dias que esperar. Estava, porém, resignada. Voltei ao hotel com um novo plano.

Este consistia em trazer, no dia seguinte, um ramalhete em cada mão e me fazer passar por uma florista.

Comprei flores, fiz dois ramalhetes e fui me colocar no meu posto. Desta vez, deixaram-me circular livremente.

Aproximei-me de todos os carros que paravam e examinei todas as pessoas que desciam.

Eram quase nove horas e já me parecia que todos já haviam chegado quando um último carro apareceu e parou diante de mim.

Através da abertura da portinhola julguei reconhecer Gabriel.

Apossou-se de mim um tão grande estremecimento que me foi necessário encostar-me sobre um marco para não cair. O laçao abriu a portinhola, um jovem com a aparência de Gabriel saltou para fora. Dei

um passo para me dirigir a ele, mas deixei-me cair, exausta, sobre o pavimento.

– A que hora devo esperar o senhor?
– perguntou o cocheiro.

– Às onze e meia – disse ele, subindo ligeiro as escadarias.

E desapareceu do peristilo, enquanto o carro partia rapidamente.

Eu o havia reconhecido pela fisionomia. A voz que eu ouvira era a sua. Mas como eu podia ver no pobre Gabriel esse jovem elegante e de maneira aristocráticas? A metamorfose parecia-me impossível.

No entanto, a julgar pela minha emoção, era-me impossível também supor que fosse outra pessoa.

Esperei.

Deram onze horas e meia. Todos começavam a sair da ópera, porque as carruagens começaram a avançar uma após outras.

Um grupo que se compunha de um homem de cerca de cinquenta anos, de um

jovem e duas senhoras se aproximou para uma das carruagens. O jovem era Gabriel. Ele dava o braço à mais velha das duas senhoras. A mais jovem me pareceu encantadora.

Entretanto, ele não saiu com ela para a carruagem. Apenas a acompanhou ao carro. E, depois de tê-las cumprimentado, voltou e esperou sobre o lajedo que a sua carruagem viesse buscá-lo.

Tive, pois, muito tempo para examiná-lo e fiquei convencida de que o jovem era mesmo Gabriel. Ele já começava a se mostrar impaciente quando o cocheiro se aproximou e, em consequência de um atraso de cinco minutos, o serviçal foi asperamente repreendido.

Este, portanto, era o humilde e tímido Gabriel? A frágil criança que eu protegia contra as agressões dos outros meninos?

– Para onde? – perguntou o cocheiro fechando a portinhola.

– Para casa – respondeu Gabriel.

A carruagem seguiu rapidamente. Ganhou o bulevar e virou à direita.

Voltei ao hotel sem saber se dormiria ou permaneceria acordada. Às vezes, achava que havia sido vítima de um sonho.

Dois dias depois, o mesmo aconteceu. Mas dessa vez eu tive a cautela de, em vez de esperar a partida da carruagem na ópera, postar-me na esquina da rua Lepelletier. A carruagem seguiu algum tempo pelo bulevar e entrou na segunda rua à minha direita. Fui até essa rua para saber como a chamavam. Disseram-me que aquela era a rua Taitbout.

Na vez seguinte eu fui esperá-lo na esquina da rua Taitbout. Assim, acreditei que poderia ver de onde pararia a carruagem.

Com efeito, a carruagem entrou no número 11. Era a prova de que aquela era a sua residência.

Aproximei-me da casa no preciso instante em que o porteiro fechava a porta.

– O que queres? – perguntou-me.

– Não é aqui – perguntei, buscando em vão dar à minha voz um tom de firmeza – que mora o Sr. Gabriel Lambert?

– Gabriel Lambert? – exclamou o porteiro. – Não conheço ninguém com esse nome. Não mora aqui alguém que se chame assim.

– Como chamas, então, esse senhor que entrou?

– Qual?

– Aquele que é dono deste carro.

– Eu o chamo por barão Henri de Faverne e não Gabriel Lambert. Se era isso, minha bela menina, que querias saber, agora estás a par de tudo.

E fechou a porta sobre mim.

Voltei ao hotel insegura sobre o passo que deveria dar. Estava bem certa de que o jovem aristocrata era Gabriel. Disto não me restava a mínima dúvida. Mas era um Gabriel em meio à riqueza, que escondia o verdadeiro nome e a quem por duplo motivo a minha visita seria desagradável.

Eu lhe escrevi. No endereço escrevi apenas: “Ao Sr. Barão Henri de Faverve, para fazer chegar ao Sr. Gabriel Lambert”.

Nessa carta, pedia uma entrevista e assinei: MARIE GRANGER.

No dia seguinte, enviei uma carta por um emissário com a recomendação de que esperasse a resposta.

Recebi do emissário a notícia de que o Sr. barão não estava em casa.

No dia seguinte, fui eu mesma. Seguramente, eu estava destinada a não passar da porta, pois os criados me disseram que o sr. barão não podia me receber.

Voltei ainda no outro dia. Os criados me disseram que o Sr. barão respondera que não me conhecia e lhe tinham proibido de permitir a minha entrada.

Então tomei nos braços o meu pobre filho e fui sentar-me sobre uma pedra em frente à porta.

Estava resolvida ficar ali até que ele saísse.

Ali, fiquei durante todo o dia. A noite chegou.

Às duas horas da manhã passou uma patrulha e me perguntou quem eu era e o que eu fazia ali fazia há dez horas.

Respondi que eu esperava alguém.

O chefe da patrulha intimou-me a segui-lo.

Eu o segui, sem saber para onde me levavam.

Foi então que o senhor chegou e me reclamou.

O que ocorreu depois, o senhor já sabe. Além do senhor, não tenho nenhum esteio em Paris. O senhor parece-me uma boa pessoa. O que devo fazer? Diga-me. Dê-me um conselho.

– Nada tenho a lhe dizer – respondi.

– Mas eu o verei amanhã de manhã.

– O senhor acha que me resta alguma esperança?

– Sim – respondi –, tenho esperanças de que ele não vai querer vê-la.

– Oh, meu Deus! O que o senhor quer dizer?

– Quero dizer, minha cara filha, que mais vale ser, acredite-me, a pobre Marie Granger do que a baronesa de Faverne.

– Ai de mim! O senhor pensa, como eu, que ele é...

– Creio que é um miserável e estou quase certo que não me engano.

– Ah, minha filha! Minha filha! – exclamou a pobre mãe, lançando-se de joelho sobre a poltrona em que dormia a criança, apertando-o contra o peito com as duas mãos, como se quisesse protegê-la contra o futuro que o aguardava.

Era muito tarde para voltar ao seu hotel da rua de Vieux-Augustins.

Chamei a minha camareira e entreguei a seus cuidados a mãe e a filha.

Depois, mandei um dos meus criados participar à dona do Hotel de Veneza que a senhorita Marie Granger, achando-se com uma indisposição na casa do Dr. Fabien,

onde jantara, somente poderia voltar no dia seguinte.

XVI – CATÁSTROFE

No outro dia, ou antes neste mesmo, meu criado particular veio ter comigo às sete horas da manhã.

– Senhor – disse-me ele –, está aqui um criado do Sr. barão Henri de Faverne e já espera há meia hora. Mas como o senhor se deitou às três horas, eu não quis acordá-lo. Eu ainda hesitava em fazê-lo quando a isso me decidiu a chegada de outro criado que, urgentemente, dizia que o Sr. barão de Faverne queria falar-lhe.

– Está bem! Mas o que querem esses dois criados?

– Eles vêm chamar o senhor em nome de seu amo. Parece que o barão está em grande sofrimento. Passou a noite em claro.

– Responde a eles que vou neste mesmo instante.

Com efeito, eu me vesti apressadamente e me dirigi à casa do barão.

Como me disseram os criados, não só ele não dormira, como se atirara ainda vestido à cama.

Encontrei-o, pois, de calças e botas, vestido com um grande robe de chambre de Damasco.

Sua casaca e o seu colete estavam atirados a uma cadeira e o quarto exibia um aspecto de total desarrumação, denotando seguramente uma noite de agitação e insônia.

– Ah, doutor, é o senhor! – disse-me.
– Que ninguém, além do doutor, entre!

E, com um aceno, despediu o criado que me havia introduzido.

– Perdoe-me por não ter vindo mais cedo – disse-lhe. – O meu criado não quis me acordar, já que eu me deitei às três da manhã.

– Sou eu que preciso me desculpar. Eu o incomodo, doutor. Eu o canso. E com o senhor as coisas tornam-se bem mais difíceis, porque não sei como posso pagá-lo. Mas bem vê que eu verdadeiramente estou

sofrendo, não é mesmo? E o senhor se compadece de mim.

Olhei para ele.

Realmente, seria difícil ver uma figura mais atordoada que ele. Causava-me dó.

– É certo que o senhor sofre – disse-lhe. – Compreendo quanto a vida deve lhe ser insuportável.

– Antes digo-lhe que não há entre essas armas – punhal ou pistola – uma só que eu não tenha dirigido contra o meu peito, ou apontado ao meu ouvido. Mas o que quer?

Abaixou a voz num murmúrio ininteligível.

– Sou um covarde. Tenho medo de morrer. O senhor acredita nisto? O senhor, que me viu duelar, acredita que a ideia da morte me gela de terror?

– Desde o primeiro instante que eu o vi, percebi de pronto que o senhor não tinha coragem moral.

– Como ousa, doutor, dizer-me isso cara a cara?

– Digo-lhe que o senhor, barão, não tem coragem sanguínea, a que resulta da subida do sangue à cabeça. O senhor não tem resolução alguma. E a prova é a de que, tendo o senhor à sua disposição todo tipo de armas, pediu-me veneno.

Um lastimoso suspiro escapou de seu peito. Ele caiu sobre uma cadeira e não disse uma palavra sequer.

– Mas – disse-lhe, após uns instantes –, não foi para que eu sustentasse uma tese sobre a coragem física ou moral, sanguínea ou biliosa, que o senhor me convocou, não é mesmo? Foi para falar sobre ela?

– Sim, tem razão. Foi para falar sobre ela. O senhor a viu, não é verdade?

– Sim.

– Bem, o que me diz?

– Digo-lhe que ela é dotada de um nobre coração. Digo que ela é uma jovem santa.

– Sim, mas se ela nutrir esperanças, a minha ruína torna-se inevitável. Por que ela nada quis barganhar? Ela recusa toda e qualquer indenização, quer que eu a espose, ou irá proclamar em alto tom quem eu sou, e talvez o *que* eu sou.

– Não devo ocultar que foi com este propósito que ela veio a Paris.

– E não mudou ainda de intenção? Por acaso o senhor foi capaz de dissuadi-la?

– Disse-lhe, pelo menos, o que penso: mais valia chamar-se Marie Granger que Sra. Faverne.

– O que o senhor está querendo dizer com isso?

– Quero dizer, Sr. Lambert – respondi friamente –, que entre a desgraça passada de Marie Granger e a futura da senhorita Macartie, eu prefiro a da moça pobre, que nem mesmo tem um sobrenome para dar ao seu filho.

– Ai de mim! Sim, sim, doutor! O senhor tem toda razão. É um patronímico

fatal, o meu. Mas diga-me, o meu pai ainda está vivo?

– Está.

– Dou graças a Deus. Há quinze meses que não tenho notícias dele.

– Ele veio a Paris à sua procura, quando soube que o senhor não havia partido para Guadalupe.

– Grande Deus! E o que ele ficou sabendo em Paris?

– Ficou sabendo que o senhor jamais esteve empregado para um banqueiro, que a carta que recebera de seu pretenso protetor não havia sido escrita por este.

O desgraçado exalou um suspiro abafado que mais se assemelhava a um gemido. Depois tapou os olhos com as mãos.

– Ele sabe disso, sabe disso! – murmurou ele após um instante de silêncio.

– Mas, enfim, o que ele poderá dizer? Que essa carta era falsa, eu o confesso, mas com isso não prejudiquei a terceiro. Queria vir a Paris. Ficaria louco, se não viesse.

Empreguei esse meio: era o único que eu tinha. O senhor não faria o mesmo, doutor, se estivesse no meu lugar?

– O senhor me pergunta isso seriamente? – respondi, cravando os olhos nele.

– Doutor, o senhor é o homem mais inflexível que eu conheço – replicou o barão, levantando-se e passando a largos passos. – O senhor só me diz coisas duras. E, no entanto, porque isso acontece? O senhor é o único homem em que eu deposito plena confiança. Se algum outro chegasse a supor a metade do que o senhor sabe...

Ele se aproximou de uma pistola pendente à parede e levou a mão à coronha com uma expressão de ferocidade própria de animal selvagem.

– Eu o mataria!

Neste momento entrou um criado.

– O que queres? – perguntou, bruscamente, o barão.

– Perdão se o interrompo, senhor, contra a sua ordem. Mas o senhor renovou o seu estábulo há três meses e é um empregado do banco que vem para trocar umas das notas que o barão lhe deu.

– E de quanto é essa nota? – perguntou o barão.

– De quatro mil francos.

– Pois bem – disse o barão, indo à sua escrivaninha e tirando da carteira, que me tinha dado outrora para guardar, quatro notas de mil francos cada uma. – Aqui estão. E traz-me o bilhete de quatro mil francos.

Era uma ação muito simples tirar de uma carteira notas bancárias e entregá-las ao criado.

Todavia, o barão praticou essa ação com visível agitação e o seu rosto normalmente pálido tornou-se lívido quando ele seguiu, com o olhar inquieto, o criado a sair com as cédulas.

Houve entre nós dois um momento de sombrio silêncio, durante o qual o barão

moveu duas ou três vezes os lábios para falar. Mas as palavras morriam antes de pronunciá-las.

O criado abriu novamente a porta.

– E então, o que há mais ainda? – perguntou o barão, com viva impaciência.

– O portador deseja dizer uma palavra ao senhor.

– Esse homem nada tem a me dizer – exclamou o barão. – Ele tem o seu dinheiro. Que se vá embora.

O portador apareceu por detrás do criado e se interpôs entre ele e a porta.

– Perdão – disse ele –, perdão, mas o senhor se engana. Eu tenho algo a lhe dizer.

E prosseguiu, atirando-se ao colete do barão:

– Tenho que lhe dizer que o senhor é um falsário e que, em nome da lei, está preso.

O barão soltou um grito de terror e tornou-se cor de cinza.

– A mim – murmurou ele –, a mim, doutor! Joseph, chama os meus criados!

– A mim! – gritou também, com uma forte voz, o pretense empregado do banco.

– A mim, os outros!

Imediatamente, abriu-se a porta de uma escada secreta e dois homens se precipitaram no quarto do barão.

Eram dois agentes da polícia de segurança.

– Mas, quem sois vós? – exclamou o barão, debatendo-se. – Quem sois vós e o me quereis comigo?

– Senhor barão, eu sou V***²¹ – disse o falso empregado do banco – O senhor foi

²¹ É possível, e mesmo provável, que V*** seja, em verdade, o policial Eugène-François Vidocq (1775-1857) que, de criminoso e condenado às galés, veio a ser o fundador e primeiro diretor da *Sûreté Nationale* (Segurança Nacional), polícia francesa especializada em investigações criminais. Vidocq fundou, igualmente, a primeira agência de detetives particulares da história. A figura de Vidocq teria inspirado a criação de famosos personagens da literatura, como Jean Valjean e Javert (*Os miseráveis*, de

agarrado. Não faça barulho. Nada de escândalo. E me siga gentilmente.

O nome que esse homem acabava de pronunciar era tão conhecido que estremei.

– Seguir-vos? – continuou o barão, debatendo-se. – Para onde?

– Por Deus! Para onde se levam as pessoas da sua classe? Não é preciso dizer para onde. O senhor já deve saber perfeitamente. Para a delegacia de polícia.

– Nunca! – exclamou o prisioneiro. – Nunca!

E com um violento esforço, desembaraçando-se dos dois homens que o agarravam, correu para o seu leito e agarrou um punhal turco.

Victor Hugo), Valtrin (*A comédia humana*, de Balzac), Auguste Dupin (*Os assassinatos da Rua Morgue*, de Allan Pöe), Rodolphe de Gerolstein (*Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue) e o policial Jackal (*Os moicanos de Paris*, de Alexandre Dumas).

No mesmo instante, e com um movimento tão rápido como o pensamento, o falso bancário tirou duas pistolas da algibeira e apontou-as para o barão.

Mas ele se enganara quanto as intenções daquele. Foi contra si mesmo que o barão dirigiu a arma.

Os dois agentes quiseram lançar-se sobre ele e arrancá-la.

– É inútil – disse V*** –, inútil! Ficai tranquilos. Ele não se matará. Conheço os falsificadores há muito tempo. São pessoas que têm grande respeito à própria pessoa. Portanto, ficais aliviados.

E continuou, cruzando os braços, e deixando ao desgraçado toda a liberdade para se apunhalar:

– Não se incomode conosco, senhor. Faça o que tem de fazer!

O barão pareceu querer dar um desmentido àquele que acabava de lhe fazer o estranho desafio. Aproximou energicamente a mão do peito, feriu-se com

dois golpes e caiu gritando. Sua camisa se cobriu de sangue.

Lancei-me ao barão, dizendo aos demais:

– O desgraçado se matou!

O policial começou a rir.

– Ele se matou? Ah, não sou tão tolo para acreditar nisto. Abra, senhor doutor, a camisa dele!

– Doutor? – repliquei, surpreso.

– É evidente que eu o conheço. O senhor é o doutor Fabien. Abra a camisa dele. E se encontrar um só ferimento que tenha mais de quatro ou cinco linhas de profundidade, quero ser guilhotinado no lugar do falsário.

Eu, no entanto, duvidava: o miserável estava desmaiado e sem movimento.

Abri a sua camisa e examinei as suas feridas.

Eram seis. Mas como V*** havia predito, eram verdadeiros arranhões de alfinete.

Desgostoso, afastei-me.

– E então – disse-me V*** –, eu não sou um bom fisiologista, senhor doutor? Vamos, vamos! Algememos esse sujeito, senão ele andará fazendo piruetas por todo o caminho.

– Não, não senhores! – exclamou o barão, que, a esta ameaça, saiu prontamente de seu desmaio. – Deixem-me ir numa carruagem. Não direi uma só palavra, não farei uma única tentativa de fuga. Eu lhes dou a minha palavra.

– Ouvistes, meus filhos, ele deu a sua palavra de honra! A sua palavra, barão, é mesmo digna de atenção, não é verdade?

Os dois agentes se puseram a rir e avançaram para o barão com algemas.

Senti uma sensação de desconforto, que não sei exprimir. Fiz menção de retirar-me.

– Não, não! – exclamou o barão, agarrando-se ao meu braço. – Não vá. Se o senhor for embora, eles não terão

compaixão. Irão tratar-me na rua como um criminoso.

– Mas em que eu posso ajudá-lo, senhor? – perguntei. – Não tenho influência alguma sobre esses senhores.

– Sim, sim! O senhor é médico. Pense novamente – disse ele a meia voz. – Um homem honesto sempre tem influência sobre essas pessoas. Peça a eles para me acompanhar até a polícia e verá que me deixarão ir num carro e que não irão me amarrar.

Um profundo sentimento de piedade apertava-me o peito. E este sentimento falava mais forte que o desprezo.

– Sr. V*** – disse eu ao chefe dos agentes –, este desgraçado está me pedindo para que eu interceda em seu favor. Ele é conhecido da cidade e foi recebido nos altos círculos... Pois bem! Eu suplico aos senhores que o poupem de humilhações desnecessárias.

– Senhor Fabien – respondeu V*** com requintada polidez –, não tenho nada a

negar a um homem como o senhor. Ouvi esse homem pedir-lhe que o acompanhasse até a delegacia. Pois bem, se o consentir, irei num carro em sua companhia, doutor, e tudo será feito com parcimônia.

– Doutor, eu lhe suplico – disse o barão.

– Está bem – eu disse. – Cumprirei a minha missão até o fim. Senhor V***, tem a bondade de mandar buscar um cabriolé de aluguel?

– E trazê-lo para a porta que dá para a Rua de Helder – gritou o barão.

– Fio de Seda – disse V*** com um tom de ironia difícil de descrever –, executa as ordens do barão.

O indivíduo apelidado de Fio de Seda saiu para cumprir a missão de que fora encarregado.

– Enquanto isto – disse V*** –, vou fazer uma inspeção na escrivaninha.

Gabriel fez um movimento em direção à escrivaninha.

– Oh, não se incomode, senhor barão
– disse V***, estendendo o braço. – Ainda
que achemos algumas notas falsas aí
dentro, estas nada acrescentariam. Temos
pelo menos uma centena delas saídas de
sua fábrica.

O prisioneiro caiu sentado numa
cadeira e aquele que impediu o seu avanço
disse:

– Ah! Ah! Conheço essa escrivantina.
Ela é semelhante à de Barthélémy. Vejamos
primeiro as gavetas. Depois veremos os
compartimentos secretos.

Ele remexeu todas as gavetas onde, à
exceção da carteira de que já falei, havia
apenas cartas.

– Agora – disse o policial – vejamos os
compartimentos secretos.

Foi então que admirei a destreza
daquele homem.

Havia na escrivantina quatro
diferentes locais secretos. Não só nenhum
escapou à sua argúcia, como, no mesmo

instante, sem hesitar, descobriu o mecanismo.

– Eis aqui o seu vaso de rosas – disse ele, reunindo uma centena de bilhetes de quinhentos e de mil francos. Peste! O senhor barão segue à toda pressa! Quatro falsários como o senhor e, no fim de um ano, o banco iria pelos ares.

O prisioneiro respondeu com um gemido profundo e escondeu a cabeça entre as mãos.

Neste momento, Fio de Seda, o agente, entrou.

– Senhores, o cabriolé já está na porta – disse ele.

– Neste caso – respondeu V*** –, partamos.

– Mas – interrompi –, note o senhor que o barão está simplesmente com um robe de chambre. O senhor não pode levá-lo assim.

– Sim, sim. Preciso vestir-me.

– Então, vista-se depressa. Creio que nos temos portado com gentileza, hein? É

verdade que não fazemos isto em atenção à sua pessoa. Portamo-nos assim por respeito ao doutor Fabien.

Ele se voltou para mim e me saudou.

Mas, em vez de aproveitar a permissão que lhe davam, Gabriel ficou imóvel sobre a cadeira.

– Vamos, vamos! Movamo-nos mais depressa que isso! Às nove horas temos que agarrar um outro senhor e não é preciso que um nos faça perder o outro.

Gabriel abriu o guarda-roupas em que estavam penduradas as suas vestes, mas ele tirou cinco ou seis peças sem que se agradasse de nenhuma.

– Com a permissão do Sr. barão – disse –V*** –, nós lhe serviremos de camareiros.

E deu sinal aos agentes, que tiraram de uma cômoda um colete e uma gravata, malgrado ele escolhesse no guarda-roupas uma sobrecasaca.

Então começou o mais estranho toalete que já vi em toda a minha vida. Em

pé, e como sustendo-se sobre as suas pernas, o prisioneiro deixou que lhe fizessem tudo, fixando sobre cada um de nós um olhar de espanto.

Ataram-lhe a gravata ao pescoço; vestiram-lhe o colete, a casaca, como se fosse um autômato; depois, puseram-lhe o chapéu na cabeça e na mão uma bengala com castão de ouro.

Parecia que, se não o sustivessem, ele cairia.

Os dois agentes puseram-no cada um sobre seus ombros e foi então que ele pareceu despertar.

– Não, não! – exclamou, agarrando-se ao meu braço. – O senhor me prometeu, doutor...

– Sim – respondi-lhe –, mas venha.

– Senhor barão – disse V*** –, eu o previno de que, à menor tentativa de evasão, eu lhe faço saltar os miolos.

Senti todo o seu corpo estremecer a esta ameaça.

– Não lhes dei a minha palavra de honra de que não fugiria? – ele disse, procurando, com um sentimento de honrosa aparência, acobertar seu desânimo.

– Ah! É verdade! – disse V***, armando as pistolas. – Tinha-me esquecido. Vamos!

Descemos as escadas. O desgraçado, apoiado a meu braço, caminhava seguido do chefe e de seus dois companheiros.

Chegando à rua, um dos agentes encaminhou-se para o carro e abriu a portinhola.

Antes de subir, Gabriel lançou um olhar alucinado à direita e à esquerda, procurando ver se havia algum meio de fugir.

Mas, neste momento, sentiu que lhe encostavam alguma coisa entre as espáduas. Virou-se: era o cano de uma pistola.

De um só pulo, Gabriel subiu ao carro de aluguel. V*** fez-me um sinal para que eu também subisse e me sentasse no

recôndito do carro. Cerimônias eram impostas para semelhante ocasião. Fui me postar no lugar que me haviam designado.

V*** pronunciou, então, algumas palavras a seus dois agentes numa linguagem policial que para mim era enigmática, incompreensível, mas, para eles, de uso contínuo. Depois, subiu no carro e sentou-se na dianteira.

O cocheiro fechou a portinhola.

– À delegacia, meu senhor?

– Sim – respondeu V***. – Mas como sabes aonde vamos, meu amigo?

– Ora, eu reconheci o senhor. É a terceira vez que eu o conduzo. E sempre com companhia – disse o cocheiro.

– Está bem. – disse V***. – Mas conserva o incógnito!

O carro começou a rodar ao lado do bulevar. Depois tomou a rua Richelieu, ganhou a ponte Nova, seguiu pelo cais de Orfèvres, voltou à esquerda, passou por baixo de um arco, enfiou-se por uma

espécie de beco e parou diante de uma porta.

Foi somente nesta ocasião que o prisioneiro pareceu sair de seu entorpecimento. Durante todo o trajeto, ele não tinha proferido uma só palavra.

– Como? – exclamou ele. – Já?

– Sim, senhor barão – disse V*** –, eis aqui a sua habitação provisória. É menos elegante que a da rua Taitbout. Mas, por minha vida, na sua profissão há altos e baixos. É preciso ser filósofo!

Ao dizer estas palavras, abriu a portinhola do carro e saltou.

– O senhor tem, antes que eu o deixe, alguma recomendação a me fazer? – perguntei ao prisioneiro.

– Sim, sim! Que ela nada saiba do que me aconteceu.

– Ela quem?

– Marie.

– Ah, é verdade – respondi. – Pobre mulher. Eu havia me esquecido dela. Fique

o senhor tranquilo. Farei o que puder para ocultar-lhe a verdade.

– Obrigado, obrigado, doutor! Bem que eu sabia que o senhor era o meu único amigo.

– Às suas ordens! Estou esperando – disse o chefe da brigada.

Gabriel exalou um suspiro. Sacudiu melancolicamente a cabeça e se dispôs a descer.

Como para o ajudar, V*** o tomou pelo braço e ambos se aproximaram da porta fatal, que por si mesma se abriu, como se conhecesse o seu grande provedor.

O prisioneiro lançou-me um último olhar de tristeza e a porta se fechou às suas costas com um ruído surdo e lúgubre ecoar.

No mesmo dia, Marie deixou Paris e voltou a Trouville. Como havia prometido a Gabriel, eu nada lhe disse, mas ela tudo adivinhou.

XVII – A CADEIA BICÊTRE

Seis meses tinham decorrido desde os acontecimentos que acabo de narrar, e mais de uma vez, apesar dos esforços que eu fazia para os esquecer, eles estavam sempre presentes no meu pensamento. Certa feita, pelas seis horas da tarde, quando me preparava para sentar-me à mesa, recebi a seguinte carta:

“Senhor,

Prestes a comparecer perante o trono de Deus, aonde vai conduzi-lo uma sentença de morte, o infeliz Gabriel Lambert, que tem gravada em sua memória profunda lembrança de suas bondades, deseja reclamar do senhor um favor. Ele espera que o senhor obtenha do prefeito a permissão para visitá-lo, e descer pela última vez a seu calabouço.

Não há tempo a perder, já que a execução tem lugar às seis horas da manhã. Tenho a honra de ser etc., etc.
O abade ***
Capelão das prisões.”

Eu tinha duas ou três pessoas para jantar comigo.

Mostrei-lhes a carta, expliquei-lhes em resumo o objeto em questão, constituí uma delas meu representante e a encarreguei de fazer as honras da casa.

Tomei um cabriolé e parti rapidamente.

Como eu havia previsto, não tive dificuldade de obter um livre-conduto e cheguei à cadeia Bicêtre às sete horas da noite.

Era a primeira vez que eu transpunha o portal dessa prisão. Depois que as execuções deixaram de ocorrer na praça da Greve, tinha-se tornado a última morada dos condenados à morte.

Portanto, não foi sem um profundo aperto no coração e sem uma espécie de temor pessoal, do qual o mais correto dos homens não poderia se isentar, que ouvi se fecharem sobre mim as portas maciças.

Parece que ali, onde toda palavra é uma queixa, todo ruído é um gemido, não se respira o ar que Deus destinou aos homens e, certamente, quando eu mostrei ao diretor da prisão o livre-conduto para visitar um dos seus custodiados, eu devia estar tão pálido e trêmulo quanto o estariam os hóspedes que ele estava habituado a receber.

Mal ele havia lido o meu nome, fez uma pausa para cumprimentar-me novamente.

Então, chamando um carcereiro, disse:

– Françoise, conduza o senhor ao calabouço de Gabriel Lambert. As regras comuns da cadeia não se aplicam a ele. Portanto, se o doutor quiser ficar sozinho

com o condenado, tu lhe darás imediatamente essa liberdade.

– Em que estado encontrarei esse infeliz? – perguntei.

– Como um novilho que se conduz ao matadouro, a menos que não me tenham dito a verdade. Está tão abatido que julgamos inútil metê-lo numa camisa de força.

Enterneci-me. V*** não se enganara em suas previsões e, em face da morte, a coragem abandonava-o.

Fiz com a cabeça um sinal de agradecimento ao diretor, que continuou a partida de baralho que interrompera com a minha chegada, e eu segui o carcereiro.

Atravessamos uma pequena galeria. Entramos em um corredor sombrio. Descemos algumas escadas.

Alcançamos um segundo corredor, no qual os carcereiros passeavam. Estes, de momento em momento metiam as caras nos buracos das grades.

Esses aposentos eram os destinados aos condenados à morte, cujos últimos momentos eram assim continuamente vigiados. Temia-se que o suicídio os roubasse ao cadafalso.

O carcereiro abriu uma dessas portas e, como se presa de uma última sensação de pavor, eu permaneci imóvel.

– Entre, senhor. Ele está aqui. Olá, amigo! – ele acresceu. – Alegra-te um pouco, aqui está a pessoa com quem tu desejas falar.

– Quem? O doutor? – perguntou uma voz.

– Sim, senhor – respondi entrando. – E vim ao seu convite. Aqui estou.

Então eu pude abarcar, com um rápido olhar, a miserável e sombria solidão daquela masmorra.

Havia no fundo uma espécie de cama, sobre a qual grossos varões de ferro indicavam a existência de um respiradouro.

Os muros, carcomidos pelo tempo e pela fumaça, estavam crivados, de todos os

lados, de nomes que ali tinham escrito, talvez com a ajuda de seus ferros, os sucessivos hóspedes dessa lúgubre morada.

Um deles, de uma imaginação mais caprichosa, ali tinha traçado a imagem de uma guilhotina.

Junto a uma mesa, que o negro e frouxo clarão de uma lâmpada mal iluminava, estavam sentados dois homens.

Um deles era um homem de quarenta e oito a cinquenta anos, a quem os seus cabelos brancos davam a aparência de setenta anos.

O outro era o condenado.

Ao ver-me, o prisioneiro se levantou, mas o outro ficou imóvel, como se nada tivesse visto ou ouvido.

– Ah, doutor! – disse o condenado, apoiando-se à mesa com a ajuda das mãos, a fim de poder permanecer em pé. – Então o senhor consentiu em visitar-me! Eu bem que conhecia o seu excelente coração. Todavia, confesso, imaginei que não viria. Meu pai, meu pai! – exclamou o condenado,

batendo nos ombros do velho. – É o doutor Fabien, de quem eu tenho falado... Perdoe – continuou o jovem, vindo a mim e mostrando-me Thomas Lambert –, mas a minha condenação o chocou de tal modo que pensei que ele havia enlouquecido.

– O senhor gostaria de falar comigo. Assim, apressei-me a vir – respondi. – Na minha condição, condescender com pedidos de tal natureza não é um ato de bondade. É um dever.

– Bem doutor... o senhor sabe – disse o condenado –, é amanhã.

E ele caiu sentado em seu banco, enxugou a fronte molhada de suor com um lenço úmido e levou aos lábios um copo de água, da qual bebeu algumas gotas, mas sua mão tremia tanto que eu ouvia o vidro batendo contra os dentes.

Durante o momento de silêncio que então se fez, eu o examinei com atenção.

Nunca a mais dolorosa das enfermidades havia produzido, creio eu, num homem uma tão terrível mudança.

Falso e ridículo em seu figurino de dândi, Gabriel, sob a roupagem de condenado à morte, havia se tornado uma criatura digna de pena. Seu corpo, sempre muito delgado para a sua altura, estava ainda mais magro. Os globos de seus olhos fundos pareciam estar nadando em sangue. Seu rosto estava lívido, e o suor tinha grudado à sua frente as mechas de cabelos hirtos.

Ele usava a mesma roupa, a mesma jaqueta e as mesmas calças do dia em que foi preso. Estavam apenas sujas e rasgadas.

– Meu pai – disse ele, sacudindo o velho ainda imóvel e mudo –, meu pai, é o médico.

– Hein? – murmurou o ancião.

– Eu disse que é o médico – ele continuou, erguendo a voz –, e eu gostaria de falar com ele.

– Sim, sim – murmurou o ancião. – Bem, podes falar.

– Mas falar a sós. O senhor não entende que eu quero falar com ele

sozinho? Ah, meu Deus – ele gritou com impaciência –, não temos tempo a perder. Levanta-te, meu pai, e deixa-nos a sós.

Em seguida, ele passou a mão sob os ombros do velho e tentou levantá-lo.

– O que foi? O que foi? – disse o velho.
– Eles já vieram te buscar? Ainda não é tempo. Não será às seis horas da manhã?

O condenado caiu de seu banco, soltando um gemido profundo.

– Doutor – disse ele –, faça-o ouvir a razão. Diga a ele que eu quero ficar sozinho com o senhor. Quanto a mim, desisto. Não tenho mais forças.

E se inclinou, soluçando, os braços estendidos e o rosto contra a mesa.

Fiz um sinal, pedindo ajuda ao carcereiro. Ele se aproximou de mim com o velho.

– Senhor – disse-lhe –, eu sou um velho amigo de seu filho. Ele tem um segredo a me contar. O senhor faria a gentileza de nos deixar a sós?

Ao mesmo tempo nós o erguemos, cada um por um braço, para conduzi-lo ao corredor.

– Não foi o que me prometeram – chorou. – Prometeram-me que eu iria ficar com ele até o último momento. Eu obtive a permissão. Por que irão me levar embora? Oh, meu filho, meu garoto, meu Gabriel!

E o velho, lembrando a si mesmo o excesso de sua dor, atirou-se sobre o homem estendido sobre a mesa.

– Ele não quer ir – murmurou o condenado. – E, ainda assim, deve compreender que cada minuto é mais precioso para mim que um ano na vida de qualquer outra pessoa.

– Nós não vamos afastar o senhor de seu filho – disse-lhe. – Entenda isto. – É o seu filho, ao contrário, que deseja permanecer um instante comigo.

– É verdade, Gabriel? – perguntou o velho.

– Ah, meu Deus! Sim! É isto o que eu o repito há uma hora.

– Então, tudo bem, eu irei. Mas eu quero ficar perto de tua cela.

– O senhor permanecerá lá no corredor – disse o carcereiro.

– E eu posso voltar?

– Assim que o seu filho pedir que o senhor retorne.

– O senhor não iria me enganar, doutor. Seria terrível enganar um velho pai.

– Dou-lhe a minha palavra de honra que, muito em breve, o senhor poderá retornar.

– Então eu vou deixar-vos – disse o velho. – E, levando as mãos aos olhos, saiu soluçando.

O carcereiro saiu ao mesmo tempo que ele, fechando a porta.

Fui sentar no lugar que o velho tinha deixado.

– Bem, Sr. Lambert – disse-lhe –, estamos a sós! Que posso fazer pelo senhor? Fale-me.

Ele ergueu lentamente a cabeça e estirou as mãos, lançando sobre elas os

olhos selvagens. Pouco a pouco, voltou para mim aquele olhar, que tomou uma fixidez assustadora.

– O senhor pode salvar-me.

– Eu? – exclamei, a tremer. – Mas como?

Ele agarrou as minhas mãos.

– Silêncio! – disse-me. – Ouça-me.

– Estou ouvindo.

– O senhor se lembra de um dia em que estávamos juntos na Rua Taitbout, como estamos agora, e que eu lhe mostrei numa cédula bancária as seguintes palavras: A LEI PUNE COM A MORTE O FALSIFICADOR?

– Lembro-me.

– Lembra-se que eu protestei contra a dureza da lei e o senhor me disse que o rei tinha a intenção de propor ao parlamento uma comutação da pena?

– Sim, ainda me lembro disto.

– Bem, eu sou um condenado à morte. Sou. Anteontem, o meu recurso de apelação foi rejeitado. Resta-me apenas esperar o

recurso de indulto que ontem dirigi a Sua Majestade.

– Eu compreendo.

– O senhor ainda é o médico de cabeceira do rei?

– Sim. Atualmente, estou a seu serviço.

– Bem, meu caro doutor, na sua qualidade de médico do rei, o senhor pode vê-lo a qualquer momento. Vá vê-lo, eu lhe imploro. Diga ao rei que me conhece. Tenha coragem e peça o meu perdão. Pelo amor de Deus, eu lhe suplico.

– Mas esse perdão – respondi –, supondo que eu possa obtê-lo, será apenas uma comutação da pena.

– Eu bem o sei.

– E essa comutação de pena, não se engane, será as galés por toda vida.

– Ora – murmurou o condenado com um suspiro –, é sempre melhor que a morte.

A meu turno, senti um suor frio afluir à minha frente.

– Sim – disse-me Gabriel, olhando para mim –, eu entendo o que se passa no senhor. O senhor me despreza, julga-me um covarde. Disse-me que é uma centena de vezes melhor morrer a arrastar, perpetuamente, sobretudo quando se tem vinte e seis anos, um grilhão infame. Mas o que o senhor pode querer? Uma vez julgado o meu recurso, não dormi um só instante. Olhe meus cabelos... tornaram-se metade brancos. Sim, temo a morte. Livrar-me da morte, é tudo o que lhe peço. Então, que eles façam comigo o que quiserem.

– Eu vou tentar – respondi.

– Ah, doutor! – exclamou o infeliz, agarrando a minha mão e sobre ela imprimindo os lábios, antes que eu tivesse tempo de retirá-las. – Doutor, bem eu sabia que a minha única, minha última esperança estava no senhor.

– Sim – respondi, envergonhado destas humilhantes manifestações.

– E agora – disse ele – não perca um minuto sequer. Vá, vá! Se por acaso algum

obstáculo se opuser à sua visita ao rei, insista, pelo amor de Deus! Lembre-se de que a minha vida está ligada à sua promessa. Pense que já são nove horas da noite e que a execução será amanhã, às seis das matinas. Nove horas de vida, meu Deus! Se o senhor não me salvar, terei apenas nove horas de vida.

– Às onze horas, estarei nas Tuileries.

– E por que às onze, por que não imediatamente? O senhor você perde duas horas, eu creio.

– Porque às onze horas o rei encerra, ordinariamente, o seu expediente. Neste exato momento, ele continua no salão da recepção.

– Sim, lá está uma centena de pessoas que conversam, que riem, que têm a certeza do dia seguinte, sem pensar que há um homem, um de seus semelhantes, que transpira sua agonia na prisão, à luz desta lâmpada, em face destas paredes cobertas de nome de pessoas já viveram como eles agora vivem, mas que, no dia seguinte,

estavam mortas. Eles não sabem de tudo. Diga a eles o que ocorre, e que tenham misericórdia de mim.

– Farei o que posso, senhor, não se preocupe.

– Então, se o rei hesitar, procure a rainha: ela é uma santa mulher; deve ser contra a pena de morte. Procure o Duque de Orléans; todo mundo fala sobre o seu bom coração. Ele disse um dia, estou certo disto, que, se um dia ascender ao trono, não haverá uma única execução em seu reinado. E se o senhor procurá-lo, antes de falar com o rei?

– Fique tranquilo, farei o que for necessário.

– Mas o senhor tem alguma esperança?

– A misericórdia do rei é grande. Nele, tenho esperanças.

– Que Deus o ouça! – ele gritou, apertando as mãos. – Oh, meu Deus, meu Deus! Toqueis o coração daquele que com

uma só palavra poderá me matar ou me livrar da morte.

– Adeus, senhor.

– Adeus? O que diz? Não voltará?

– Voltarei se obtiver êxito.

– Numa ou noutra hipótese, que eu o reveja! Meu Deus, o que eu faria se não o visse novamente? Junto ao patíbulo, eu o esperaria. Não me atormente com tal dúvida. Volte, eu imploro, volte!

– Voltarei.

– Ah, bem! – disse o condenado, cujas forças pareciam tê-lo abandonado quando obteve esta promessa. – Bem, eu o aguardo.

E deixou-se cair pesadamente em sua cadeira.

Caminhei em direção à porta.

– A propósito – exclamou ele –, mande-me o meu pai. Não ficarei sozinho. A solidão é o começo da morte.

– Será feito o que deseja.

– Espere! A que horas o senhor acha que irá retornar?

– Nem mesmo sei... Mas creio que por volta de uma hora da manhã.

– Veja, tocam as nove horas. É incrível como as horas passam rapidamente, sobretudo nestes dois últimos dias. Portanto, volta o senhor em quatro horas, não é assim?

– Sim.

– Vá, vá! Eu gostaria de tê-lo comigo... e de vê-lo partir. Adeus, doutor, adeus. E mande-me de volta o meu pai, por favor.

A recomendação era inútil: o pobre velho, tão logo me viu, apareceu à porta que se abria

O carcereiro, que me fez sair, deixou o ancião entrar e a porta se fechou à sua entrada.

Subi com o coração constricto. Eu jamais havia visto um tão horrendo espetáculo. No entanto, a morte é, com certeza, algo corriqueiro para nós, os médicos, que a conhecemos sob alguns aspectos. Mas eu nunca tinha visto alguém lutar tão vilmente contra ela.

Saí, prevenindo o diretor de que provavelmente voltaria no decorrer da noite.

Meu cabriolé esperava-me à porta. Voltei a casa e encontrei meus amigos, felizes com suas garrafas, e me lembrei do que aquele infeliz me havia dito: “há neste momento homens sorrindo, divertindo-se, sem imaginar que há alguém transpirando agonia.”

Eu estava tão pálido que, assim que os meus amigos me viram, lançaram um grito de surpresa – quase de terror – e eles me perguntaram, todos juntos, se algum acidente tinha acontecido.

Disse-lhes o que havia acontecido e, ao final de minha história, eles estavam tão pálidos quanto eu.

Depois, fui ao meu toucador e me vesti.

Quando saí, a animação havia acabado.

Estavam imóveis, mas conversavam.
Uma grande discussão iniciara-se sobre a
pena de morte.

XVIII – UMA VIGÍLIA DE REI

Eram dez e meia da noite. Queria me despedir dos meus amigos, mas estes me disseram que, com a minha permissão, ficariam em casa para aguardar o resultado de minha visita a Sua Majestade.

Cheguei às Tuileries. Havia um círculo de pessoas em volta da rainha.

A rainha, as princesas e as damas de honra, sentadas ao redor de uma mesa redonda, trabalhavam, como de hábito, na confecção de uma tapeçaria para instituições de caridade.

Disseram-me que o rei estava a trabalhar em seu gabinete.

Por vinte vezes eu penetrara nesse santuário com Sua Majestade. Assim, eu não precisava que me conduzissem até lá: eu conhecia o caminho.

No gabinete ao lado, trabalhava um dos secretários particulares do rei, chamado

L... Era meu amigo. Um desses homens com cujo coração sempre se pode contar.

Disse-lhe o motivo de minha presença e pedi-lhe para avisar a Sua Majestade que eu ali me encontrava e solicitava o favor de uma audiência.

L... abriu a porta e, um instante depois, ouvi o rei responder:

– Fabien, o doutor Fabien? Bem, que entre!

Eu aproveitei a permissão, sem mesmo esperar o retorno de meu introdutor. O rei percebeu a minha urgência.

– Ah, ah, doutor! – disse ele. – Parece que o senhor escuta atrás das portas. Venha, venha!

Eu estava profundamente comovido.

Jamais presenciara o rei em tais circunstâncias: uma palavra sua decidiria a vida de um homem.

A majestade real apareceu a mim em toda a sua glória. O seu poder agora participava do poder de Deus.

Havia na fisionomia do rei uma tal expressão de segurança que recuperei a confiança.

– Senhor – disse-lhe –, peço mil vezes perdão a Vossa Majestade por me apresentar assim tão tarde, sem que me tivesse feito a honra de chamar-me. Mas se trata de uma boa – se não santa – ação e espero que, em atenção ao motivo, Vossa Majestade há de me perdoar.

– Nessas circunstâncias, o senhor é duplamente bem-vindo, doutor. Fale depressa. A profissão de rei torna-se tanto pior ao correr do tempo. É, então, preciso não deixar passar a ocasião de melhorá-la um pouco. O que deseja?

– Tenho por muitas vezes tido a honra de discutir com Vossa Majestade essa grave questão sobre a pena de morte e sei quais são a tal respeito a sua opinião. Venho, pois, a ela com toda confiança.

– Ah, já adivinho por que vem o senhor.

– Um desgraçado culpado por ter fabricado falsas notas de banco foi condenado à morte pelas últimas instâncias. Antes de ontem, o seu apelo foi rejeitado e esse homem será executado amanhã.

– Sei disto – disse o rei. – E deixei o meu círculo para examinar pessoalmente todo o processo.

– Como? Vossa Majestade, pessoalmente!

– Meu caro Fabien – continuou o rei – , saiba o senhor uma coisa: na França não cai uma só cabeça sem que eu tenha verificado por mim mesmo a culpabilidade do condenado. Examino os autos desde a primeira até a última linha. Sigo a peça de acusação em todos os seus detalhes. Peso as disposições a favor e contra, longe de toda influência exterior, só com a noite e a solidão. Elevo-me em juiz dos juizes. Se a minha convicção é a sua, o que o senhor pretende? O crime e a lei estão em face um do outro. É preciso deixar que a lei trabalhe.

Se a dúvida se apossa de mim, então me lembro do direito que Deus me deu e, sem perdoar, conservo pelo menos a vida. Se meus predecessores tivessem feito como eu, doutor, talvez que tivessem eles, no momento em que Deus os condenou, por sua vez, alguns remorsos a menos sobre sua consciência, e algumas lágrimas a mais sobre o seu túmulo.

Eu deixava o rei falar e olhava, confesso, com uma veneração profunda aquele homem todo-poderoso que, enquanto riam, galhofavam a vinte passos dele, retirava-se só e pensativo, e vinha inclinar a sua fronte ante um longo e fatigante processo judicial para aí esmerilhar a verdade. Assim, nas duas extremidades da sociedade, dois homens estavam em vigília, ocupados por um mesmo pensamento: o condenado, cujo perdão somente poderia provir do rei; o rei, que podia perdoar o condenado.

– Pois bem, senhor – disse ao rei, inquieto –, qual a opinião de Vossa Majestade quanto a esse miserável?

– Que é verdadeiramente culpado. Algo que ele jamais negou um só momento. Mas creio que a lei é por demais severa.

– Assim, posso perseverar em obter o perdão que vinha pedir a Vossa Majestade?

– Eu bem gostaria de deixá-lo crer, Dr. Fabien, que faço alguma coisa pelo senhor. Mas não quero mentir. Quando o senhor entrou, a minha decisão já estava tomada.

– Então – disse eu –, Vossa Majestade o perdoa?

– E isto se chama perdoar? – disse o rei.

Ele tomou o processo aberto diante de si e escreveu nas margens estas duas linhas:

“Comuto a pena de morte na de trabalhos forçados perpetuamente.”

E assinou.

– Oh! – eu disse. – Essa seria, senhor, para qualquer outro, uma condenação mais cruel que a pena de morte. Mas, para o homem em questão, é uma graça. Por isso, respondo a Vossa Majestade: é uma verdadeira graça. Permite-me que eu lhe vá anunciar?

– Vá, senhor Fabien, vá! – disse o rei.

Depois, chamando-me:

– Mande levar essas peças ao senhor chanceler – disse. – E neste mesmo instante, já que é uma comutação de pena.

E, fazendo-me com a mão um sinal de despedida, abriu um outro processo.

Deixei imediatamente as Tuileries pela escada particular que conduz do gabinete do rei à escada principal e achei no pátio o meu cabriolé. Atirei-me nele e parti.

Soava meia-noite quando cheguei à cadeia de Bicêtre. O diretor ainda jogava o seu baralho.

Vi que eu o contrariava bastante.

– Sou eu – disse-lhe. – Já que o senhor permitiu que eu voltasse, uso da sua permissão.

– Então faça uso dela – disse ele. – Françoise, acompanha o senhor!

Depois, voltando-se para o seu parceiro, com um sorriso de profunda satisfação, indagou:

– Achas bom quatorze de damas e sete de espadas?

– Por minha vida! – respondeu o parceiro com a expressão mais contrariada possível. – Eu só tenho um cinco de ouros.

Não ouvi mais.

Parecia-me incrível como, numa mesma hora, e muitas vezes num mesmo lugar, possam reunir-se preocupações tão díspares.

Desci as escadas o mais depressa possível.

– Sou eu! Sou eu! – exclamei, do outro lado da porta. – Sou eu!

Um grito respondeu ao meu.

A porta se abriu.

Gabriel saltara de seu assento.

Ele estava em pé, no meio de sua prisão, pálido, com os cabelos arrepiados, os olhos fixos, os lábios trêmulos, não se atrevendo a arriscar uma interrogação.

– Que há... de novo? – murmurou.

– Estive com o rei. Ele lhe concedeu a vida.

Gabriel deu um segundo grito. Estendeu os braços, procurando um apoio, mas caiu desfalecido junto a seu pai, que se levantara, e que nem sequer estendeu os braços para ampará-lo.

Abaixei-me para socorrer o desgraçado.

– Um momento – disse o velho, afastando-me. – Mas, com que condição?

– Como, como, com que condição?

– Sim, o senhor disse que o rei lhe concedeu a vida. Mas, qual é a condição dessa graça?

Eu imaginava um rodeio.

– Não minta, senhor! Com que condição?

– A pena foi comutada para as galés perpétuas.

– Está bem – disse o pai –, eu adivinhava que era para isto que ele queria falar com o senhor a sós, ó infame!

E, revestindo-se de toda a altivez, ele foi com passo firme buscar sua bengala, que estava em um canto.

– O que o senhor está fazendo? – perguntei.

– Ele não precisa mais de mim. Vim para vê-lo morrer e não para vê-lo marcado a ferro. O cadafalso purifica; o miserável preferiu a calceta. Eu trazia a minha bênção ao guilhotinado; lanço a minha maldição ao forçado.

– Mas senhor... – repliquei.

– Deixe-me passar – disse o velho, estendendo para mim os braços com um ar de tão suprema dignidade, que eu me afastei, sem pensar em aventurar sequer uma palavra para retê-lo.

Ele se afastou com passo grave e vagaroso e desapareceu no corredor, sem

voltar a cabeça para ver o seu filho novamente.

É verdade que, quando Gabriel voltou a si, não perguntou sequer onde estava o pai.

Deixei esse desgraçado com o mais profundo desgosto, um desgosto tal que homem algum jamais me havia inspirado.

Li dois dias depois no *Moniteur*²² a comutação da pena.

Depois não ouvi falar mais a tal respeito e ignoro a calceta a que ele foi destinado.”

Aqui terminava a narrativa de Fabien.

²² *Le Moniteur Universel*, jornal parisiense, foi, durante muito tempo, o órgão de imprensa oficial do governo francês.

XIX – O ENFORCADO

Voltando, pelo fim de junho de 1841, de uma das minhas viagens à Itália, achei, como é costume, um maço de cartas a mim dirigidas.

Em geral, e para a certeza dos que me escrevem, confessarei que, em tais circunstâncias, a revista é rápida.

As cartas cuja escrita reconheço ser de mão amiga são postas de parte e lidas. As outras são desapiedadamente lançadas ao fogo.

No entanto, numa dessas cartas, seladas de Toulon, e cuja letra não avivava em mim lembrança alguma, obtive a graça de ser lida em consequência da impressão que me causou seu singular sobrescrito.

Esse sobrescrito era assim concebido:

“Ao senhor Alexandre Dumas, autor dramático na Europa, com endereço no Hotel de Paris, em caso de ausência.”

Abri a carta, e procurei o nome do lisonjeador que me escrevia. Era Rossignol. À primeira vista, o nome e a letra me pareceram desconhecidos. Mas, ligando esse nome ao timbre, comecei a experimentar claramente a força da memória. As primeiras palavras, finalmente, tiraram todas as minhas dúvidas.

A carta vinha de um dos doze forçados que tinham estado a meu serviço quando eu residia a pequena quinta do forte Lamalgue. Como essa carta não apenas tem relação com a história que acabo de contar, como ainda é o complemento dela, eu a exporei pura e simplesmente aos olhos do leitor, fazendo-lhe presente dos erros ortográficos, em cujo sobrescrito já havia uma amostra, e que lhe afeiam o estilo.

“Sr. Dumas

Perdoe a um homem a quem as desgraças da vida têm momentaneamente separado da sociedade (estou aqui há muito tempo, como sabe o senhor) a audácia que toma de lhe escrever. Mas a intenção deste homem obterá o seu perdão, eu espero, notando que o que ele faz nesta ocasião é na esperança de lhe ser agradável.”

Como se vê, o prefácio era amimador. Continuei:

“Por certo que o senhor se lembra de Gabriel Lambert, aquele a quem chamavam de *doutor*. O senhor sabe muito bem: aquele que não quis buscar na taverna do forte Lamalgue o famoso almoço de teve o senhor a bondade de nos oferecer.

O imbecil!

O senhor deve se recordar, porque o reconheceu por tê-lo visto outrora no belo mundo, e ele também tinha reconhecido a

sua pessoa, eis que estava de uma tal maneira com ele ocupado que encheu de perguntas o guarda forçados Chiveryny que, não obstante seu mau humor, é no todo um bravo homem.

Ora bem! Eis o que eu tinha a dizer-lhe sobre Gabriel Lambert. Ouça bem.

Depois da sua chegada ao estabelecimento, Gabriel Lambert tinha por companheiro de ferro um bom rapaz, chamado Accacia, que tinha vindo para nossa companhia por uma bagatela.

Em uma disputa que ele tivera com camaradas, ele havia dado, sem o fazer expressamente, gesticulando, uma facada em seu melhor amigo. Ele tinha então apenas dez anos de idade. O seu amigo morreu. Accacia jamais se conformou com o infeliz incidente.

Mas os juízes levaram em consideração a sua inocência, e como já o notei, ainda que a sua imprudência tivesse causado a morte de uma pessoa, eles lhes

deram por único castigo o barrete vermelho.

Quatro anos depois que passastes em Toulon, isto é, em 1838, em uma bela manhã, Accacia foi libertado.

Justamente na véspera, meu companheiro de ferros havia morrido.

Desse dúplice acontecimento de partida e de morte resultou que, achando-nos sozinho Gabriel e eu, julgaram conveniente juntar-nos.

Se se lembra o senhor, Gabriel não tinha uma aparência agradável. A notícia que me deram, de me unir a ele, não me trouxe lá esses encantos, como se diz vulgarmente.

Entretanto, refleti que não estava em Toulon para satisfazer às minhas vontades, e, como sou filósofo, resignei-me.

No primeiro dia, ele não abriu a boca, o que não deixou de aborrecer bastante, visto que sou loquaz por natureza e isso tanto mais me inquietava que, por mais de

uma vez, Accacia havia-me falado do desgosto de tinha de viver com um mudo.

Pensei que eu, que estou aqui há vinte anos, e que, por consequência, tinha ainda dez anos para completar a minha sentença – sentença bem injusta, vá lá, e que, com toda a certeza, eu teria evitado se tivesse proteções, sendo de 24 de outubro de 1828 –, tinha ainda que passar dez anos muito pouco agradáveis.

Engenhei durante a noite o que deveria fazer e, lembrando-me do meio que a raposa havia empregado para falar ao corvo²³, disse-lhe, quando despontou o dia:

²³ Fábula de La Fontaine: É fama que estava o corvo/Sobre uma árvore pousado/E que no sôfrego bico/Tinha um queijo atravessado./Pelo faro, àquele sítio/Veio a raposa matreira, /A qual, pouco mais ou menos, Lhe falou desta maneira:/– Bons dias, meu lindo corvo;/És glória desta espessura;/És outra fênix, se acaso/Tens a voz como a figura./A tais palavras, o corvo,/Com louca, estranha afouteza,/Por mostrar que é bom solista/Abre o bico e solta a

– Gabriel, tu me darás a permissão de me informar esta manhã o estado de tua saúde?

Ele me olhou com espanto, não sabendo se eu falava seriamente ou brincava com ele.

Conservei o ar mais grave possível.

– Como, de minha saúde? – respondeu ele.

Era, como vedes, já alguma coisa.

Eu lhe tinha feito descerrar os dentes.

– Sim, do estado de tua saúde – respondi-lhe. – Pareceste-me ter passado uma má noite.

Ele exalou um suspiro.

presa./Lança-lhe a mestra o gadanho/E diz: –
Meu amigo, aprende/Como vive o lisonjeiro/À
custa de quem o atende./Esta lição vale um
queijo;/Tem destas para teu uso./Rosna então
consigo o corvo/Envergonhado e confuso:/–
Velhaca, deixou-me em branco;/Fui tolo em
fiar-me dela;/Mas este logro me livra/De cair
noutra esparrela. (Tradução de Bocage.)

– Sim, má. Mas todas as noites que passo são assim como essa.

– Diabo! – repliquei.

Sem dúvida ele se enganou quanto o sentido de minha exclamação porque, após um momento, replicou:

– Mas fique descansado. Quando não dormir, procurarei ficar quieto para não te acordar.

– Ó, não te incomodes por minha causa, Lambert – respondi. – Acho-me tão orgulhoso por ser teu companheiro de ferro que de bom grado passarei sem dificuldade alguns pequenos inconvenientes.

Gabriel me olhou cada vez mais admirado.

Accacia não havia procedido assim para fazê-lo falar. A tanto, tinha-o apoquentado. Mas, ainda que Accacia houvesse conseguido algum resultado, esse não foi, sem dúvida, satisfatório e a frieza sempre reinou entre eles.

– Por que falas assim, meu amigo? – perguntou-me Gabriel Lambert.

– Porque sei com quem estou falando, Gabriel, e visto que não sou um criado, peço-te que acredites em mim.

Gabriel olhou-me com desconfiança, mas eu lhe sorri com tanta amabilidade que me pareceu dissipar-se uma parte de suas dúvidas.

A hora do almoço chegou. Trouxeram-nos, como costume, nossa gamela para dois. Mas, em vez de mergulhar no mesmo instante a minha colher na sopa, esperei, respeitosamente, que ele tivesse acabado para começar a comer. Essa atenção o tocou a tal ponto que não só me deixou a maior parte da comida como ainda as melhores porções.

Vi que neste mundo a polidez ganhava tudo.

Em curto espaço, no fim de oito dias, deixando de parte certo ar de superioridade que ele sempre conservou, éramos os melhores amigos do mundo.

Infelizmente, não ganhei muito em ter feito o meu amigo falar. Sua conversa era

das mais melancólicas e lhe faltava, em toda extensão da palavra, a natural alegria de que a providência me dotou para que eu não me perdesse em tal escola.

Passei assim dois anos, durante os quais ele continuou sombrio.

De tempos em tempos, eu percebi que ele queria fazer alguma confidência.

Então eu olhava para ele com o ar mais afável que se podia imaginar, a fim de lhe dar ânimo, mas a sua boca semiaberta se fechava, e eu via que o assunto ficava reservado para outra vez.

Eu imaginava que espécie de confidência seria essa, e esta era sempre uma ocupação que me distraía um pouco. Certa vez, quando caminhávamos lado a lado, junto a uma carroça carregada de velhas peças que levávamos para a fundição, e que pesavam bem dez mil libras, eu o vi aproximar-se dela e olhar para a roda de uma maneira que parecia querer dizer: 'Se eu não fosse um covarde,

poria a minha cabeça debaixo dela e tudo estaria acabado.’

Desde esse momento, percebi o que se passava. O suicídio é coisa comum na calceta.

Finalmente, num dia em que trabalhávamos no porto, e que, aproveitando o seu isolamento, eu o vi a olhar-me de sua maneira costumeira, resolvi dessa vez acabar com os seus escrúpulos. É preciso dizer-lhe que, afinal de contas, Gabriel começou a aborrecer-me e eu comecei a tê-lo por cima das orelhas, de sorte que não me desgostaria muito em ver-me livre dele de uma ou de outra maneira.

– O que é isso? – disse-lhe. – Vejamos o que tens para me olhar assim.

– Eu? Nada – ele me respondeu.

– Deveras – disse-lhe.

– Tu estás enganado,

– Tanto não estou enganado que, se tu quiseres, eu te direi o que tens.

– Tu?

– Sim, eu.

– Está bem. Então, diz.

– Tu queres destruir-te a ti mesmo.

Mas tens medo de te fazer mal. É isto o que tu tens.

Gabriel tornou-se branco como a roupa branca.

– E quem te sugeriu tal ideia?

– Eu percebi.

– Pois bem, Rossignol, tens razão. É a verdade: desejo mesmo matar-me, mas tenho medo.

– Bem, estamos sozinhos aqui. A calceta te causa desgosto?

– Vinte vezes me arrependi por não ter sido guilhotinado.

– Cada um tem o seu gosto. Confesso que, ainda que os dias que aqui se passam não deslizem sobre fios de ouro, prefiro as galés a Clamart²⁴.

– Sim, mas isto é contigo.

– Compreendo que a tua posição atual destoa completamente da de

²⁴ Antigo cemitério de Paris.

antigamente. É justo, quanto se teve cerca de cem mil libras de renda, quando se andou de lindas carruagens, agaloadas de librés, quando se vestiu roupas finas e se fumou charutos de quatro soldos, é deveras fastidioso levar a vida na calceta, andar vestido de vermelho e com uniforme de cabo de esquadra. Mas, o que queres? É preciso ser filósofo neste mundo quando não se tem a coragem de assinar pessoalmente o passaporte para o outro.

Gabriel deu um suspiro que mais se assemelhava a um gemido.

– E tu, não tens sentido o desejo de te matar?

– É claro que não.

– Então tu nunca pensaste, entre as diversas espécies de morte, a que é a menos dolorosa?

– Pela Virgem! Há sempre um momento que deve ser terrível de se passar. Todavia, dizem que a forca tem seus encantos.

– Acreditas nisso?

– Sem dúvida que sim. Diz-se mesmo que é por isso que se inventou a guilhotina. Um enforcado, cuja corda se arreventou, havia contado, ao que parece, coisas tão agradáveis que os condenados acabaram caminhando ao patíbulo como se estivessem indo ao casamento.

– Estás falando a sério?

– Compreendes que eu não experimentei, mas aqui é uma tradição.

– De sorte que, se tu tivesses de dar cabo à própria vida, tu te enforcarias!

– Certamente.

Ele abriu a boca e julguei que ia pedir-me que nos enforcássemos juntos. Mas sem dúvida percebeu, pela expressão de meu rosto, que eu não estava disposto a partilhar essa partida prazerosamente: ele conservou-se em silêncio.

– Pois bem – disse-lhe. – Estás decidido?

– Não completamente. Ainda me resta uma esperança.

– Qual?

– A de achar um de nossos companheiros que, mediante uma carta na qual demonstre, cabalmente, que eu me suicidei, consinta em matar-me.

Ao mesmo tempo, ele olhou para mim, como para me perguntar se esta proposta não seria destinada a mim.

Sacudi a cabeça.

– Oh, não! – disse-lhe. – Neste ponto não dou um só passo adiante. Isto tudo me assusta. Era preciso pedir isso a Accacia. Foi por um golpe deste que ele veio parar aqui. E poderia ser que, tomando todas as tuas precauções, ele tivesse aceitado. Porém, comigo, isto torna-se impossível.

– Pelo menos, tão logo eu esteja resolvido a matar-me, tu hás de me ajudar no meu projeto.

– Isto quer dizer que eu não impedirei que o executes. Eis tudo, em resumo. Diabos! Não estarei aqui para sempre e não quero me comprometer.

Aí paramos a conversa.

Cerca de seis meses se passaram sem que houvesse qualquer questão entre nós.

Entretanto, eu via que Gabriel tornava-se cada vez mais triste e concluí que ele procurava familiarizar-se com o projeto que lhe absorvia a mente.

Quanto a mim, como essas reflexões me causassem grande aborrecimento, ansiosamente desejava que ele tomasse logo uma resolução.

Finalmente, numa manhã, depois de uma noite de agitadíssima insônia, ele levantou-se ainda mais pálido que de costume. E como sequer tocou em nosso almoço, eu lhe perguntei se estaria doente.

– Será hoje – disse-me.

– Ah! – respondi-lhe. –

Definitivamente?

– Hoje, sem falta.

– Mas tu já tomaste todas as precauções?

– Não viste que ontem escrevi um bilhete na cantina?

– Sim. Mas não tive a indiscrição de observá-lo.

– Ei-lo aqui.

Ele me passou um pedaço de papel dobrado. Eu o abri e li o que se segue:

“Tendo-se tornado insuportável para mim a vida na calceta, decidi enforcar-me amanhã, 5 de junho de 1841.

Gabriel Lambert.”

– Por minha vida! – disse-me ele, como se satisfeito da prova de coragem que me dava. – Tu vês bem que minha decisão está tomada e que minha mão não tremeu quando tracei essas linhas.

– Sim, bem o vejo – respondi. – Mas esse bilhete me fará passar pelo menos um mês no calabouço.

– Por que?

– Porque não diz que eu não te ajudei em teu projeto. Porque, em suma, eu não deixarei que tu te enforques a menos que nada de mal resulte para mim.

– E o que devo então fazer? –
perguntou-me Gabriel.

– Deves escrever outro bilhete. Outro
bilhete redigido de outra maneira.

– Redigido em que termos?

– Mais ou menos nestes termos:

“Hoje, 5 de junho de 1841, durante a
hora do repouso que nos é concedida,
enquanto o meu companheiro Rossignol
estiver entregue ao sono, espero levar a
cabo a resolução que de longa data tomei de
me suicidar, haja vista que a vida na calceta
se me tornou impossível.

Escrevo esta carta a fim de que
Rossignol não sofra, sem ser culpado,
algum castigo.

Gabriel Lambert.”

Gabriel aprovou a redação, escreveu
a carta e a meteu no bolso.

No mesmo dia, quando acabava de
soar o meio-dia, Gabriel, que até então não
havia proferido uma só palavra, me

perguntou se eu conhecia algum lugar próprio à execução do plano que ele queria concluir. Vi que ele estava ainda irresoluto e que, se eu não o ajudasse, o negócio não se efetuaria com prontidão.

– Participo de teu intento – disse-lhe, fazendo um sinal com a cabeça. – Todavia, se ainda não estás resolvido de todo, guarda a execução de teu plano para outra ocasião.

– Não – disse ele, fazendo um violento esforço para dominar-se. – Disse que seria hoje. Então, assim será.

– O fato – respondi negligentemente – é que quando já se tomou tal resolução, é melhor executá-la imediatamente.

– Então, leve-me – disse-me Gabriel.

Pusemo-nos a caminho. Ele mais se arrastava que andava, mas eu dava ares de não reparar nisto.

Quanto mais nos aproximávamos do lugar, que ele conhecia tão bem quanto eu, mais Gabriel se mantinha à retaguarda. Fazendo de conta que nada via, eu seguia em frente.

– Sim, sem dúvida deve ser aqui – ele murmurou, quando chegamos.

Era a prova de que ele aprovava, tanto quanto eu, a manifesta aptidão do lugar para a execução de seu projeto.

De fato, junto a uma dessas pilhas de tábuas quadradas, que conheceis, elevava-se uma magnífica amoreira.

– Bem, o que achas do lugar? – disse-lhe.

Ele estava pálido como a morte.

– Vamos – continuei –, bem vejo que não será ainda para hoje.

– Tu estás enganado – respondeu-me ele. – A minha resolução está tomada. Falta-me somente uma corda.

– Como? – disse-lhe. – Então não conheces o lugar?

– Que lugar?...

– Aquele onde tu escondeste um pedaço de corda. A corda que meteste no teu bolso, no dia em que passávamos pela cordoaria.

– De fato – disse-me ele, balbuciando.
– Foi mesmo aqui que eu a guardei.

– Ela está bem ali – disse-lhe, mostrando-lhe com o dedo um esconderijo entre as pilhas de madeira, no qual, quinze dias antes, eu havia visto Gabriel esconder o objeto procurado.

Ele se abaixou e meteu a mão numa das aberturas.

– Na outra – disse-lhe –, na outra!

Com efeito, ele enfiou a mão na outra e dela tirou uma linda pequena corta de três braços de comprimento.

– Por Cristo! Eis o que satisfaz a nosso interesse!

– E agora, o que devo fazer? – ele perguntou.

– Eu me incumbirei de preparar o necessário. Num abrir e fechar de olhos, tudo estará arranjado.

– Por minha vida – disse ele –, sim! Com isto, tu me prestarias um grande favor.

– A minha ajuda seria de teu agrado?

– Sim.

– Tu me pedes?

– Eu te imploro.

– Que assim seja. Eu nada posso recusar a um companheiro.

Dei na corda um lindo e pequeno nó corrediço, amarrei-a num dos galhos mais fortes e elevados da amoreira e coloquei junto ao seu tronco um toro de madeira, fincado em pé. Nada mais seria preciso que empurrá-lo para se ter vinte e cinco polegadas de vazio entre os pés e a terra.

Com efeito, era mais do que suficiente para se enforcar um homem honesto.

Durante este tempo, ele me via trabalhar.

Já não mais estava pálido. Tornara-se cor de cinza.

Quando tudo estava concluído, disse-lhe:

– O grosso do trabalho está terminado. Um pouco de resolução e, num segundo, tudo estará acabado.

– Falar é muito fácil – murmurou Gabriel.

– Percebe – repliquei –, como bem sabes que eu não te induzo a nada. Ao contrário, tenho feito tudo para que renegues o teu projeto.

– Sim... Mas eu quero! – disse ele, subindo resolutamente sobre o toro de madeira.

– Muito bem! Mas agora espera que eu me deite.

– Deita-te – disse-me ele.

Deitei-me.

– Adeus, Rossignol.

Ele enfiou a cabeça no laço movediço.

– Bem, então tira a tua gravata – disse-lhe. – Irás te pendurar de gravata? Por minha vida! Será algo inusitado.

– Tens razão – murmurou.

E tirou a gravata.

– Adeus, Rossignol – disse-me ele pela segunda vez.

– Adeus, senhor Lambert. Coragem. Vou fechar os olhos. Com efeito, é terrível ver...

Dez segundos se passaram desde o instante em que eu fechara os olhos. Mas nada havia que me indicasse que algo de novo ocorria ao meu redor.

Tornei a abrir os olhos. Ele ainda tinha o pescoço metido no laço movediço, mas a sua cor não era mais a de um homem: era a de um cadáver.

– E então? – disse-lhe.

Gabriel suspirou.

– O pai Chiverny! – exclamei, fechando os olhos e fazendo um movimento que, creio eu, derrubou o toro de madeira.

– Socorro! Socor... – Gabriel tentou gritar, mas a voz embargada morreu em sua garganta.

Senti movimentos convulsos que faziam a árvore tremer, algo como um gemido...

Num minuto, tudo estava acabado.

Eu não me atrevia a mover-me, nem abrir os olhos. Fingia dormir. Eu tinha visto o pai Chiverny – sabeis, o guarda-forçados – vindo em minha direção. Ouvi o som de passos se aproximando. Enfim, senti que me davam um violento pontapé nos rins.

– Ei! Onde estão os outros? – eu disse, fingindo que me acordava naquele instante.

– Não é que, enquanto tu dormias, patife, o teu companheiro se enforcou?

– Que companheiro? Oh, ali está ele! É verdade! – disse, como se ignorasse tudo o que se passara.

Já viu alguma vez um enforcado, senhor Dumas? É algo horrendo. Gabriel estava sobremodo disforme. Deve-se julgar ter ele lutado imensamente, pois estava imensamente desfigurado. Os olhos pareciam sair das cavidades. A língua estava completamente projetada para fora da boca e ele agarrava a corda com as duas mãos, como se quisesse subir por ela.

Minha fisionomia exprimia uma tal surpresa que eles acreditaram que eu nada sabia do suicídio.

Depois, revistando o bolso de Gabriel, acharam o pedaço de papel que me absolvía inteiramente.

Despenduraram o cadáver, meteram-no numa maca e conduziram-nos a ambos para a enfermaria.

Depois, foram avisar o diretor do incidente. Durante este tempo, fiquei junto ao corpo de meu companheiro ao qual estava acorrentado.

Ao fim de quinze minutos, o inspetor entrou, examinou o cadáver, ouviu o relato de pai Chiverny e me interrogou.

Depois, absorvendo em si toda a sua sabedoria para proferir uma decisão, disse:

– Um, para o cemitério; o outro, para o calabouço.

– Mas, meu inspetor... – exclamei.

– Por quinze dias – ele completou.

Calei-me.

Tinha medo que dobrassem o meu castigo, o que ordinariamente acontece quando se reclama.

Levaram-me e me meteram na masmorra, onde fiquei quinze dias.

Saindo de lá, deram-me um novo companheiro: Perce Orelha, um bom rapaz, que não conheceis, mas que pelo menos conversa comigo.

Eis, senhor Dumas, os detalhes que tive a honra de colher, para respeitosamente oferecê-los a vossa senhoria, certo de que seria de seu agrado. Se deveras cumpri o meu propósito, eu rogo ao nosso bom doutor Lauvergne que me dê de sua parte uma libra tabaco.

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito, senhor, seu muito humilde e assaz obediente servo,

Rossignol.

Residente em Toulon.”

XX – O INQUÉRITO SUMÁRIO

Por volta do mês de outubro de 1842, visitei Toulon novamente.

Eu não me havia esquecido da estranha história de Gabriel Lambert e senti-me dominado pela curiosidade de ver se as coisas realmente aconteceram conforme meu correspondente Rossignol havia escrito.

Fiz uma visita ao comandante do porto.

Infelizmente, sem que eu soubesse, uma mudança ocorrera.

O seu sucessor me recebeu com a mesma consideração e, tendo ele me perguntado em que poderia ajudar-me, confessei que a minha visita não era de todo sem algum interesse e que eu desejava saber o que era feito de um forçado chamado Gabriel Lambert.

Imediatamente, o comandante mandou chamar o seu secretário. Era um jovem que ele havia trazido consigo e que apenas há um ano estava em Toulon.

– Meu caro senhor Durant – disse-lhe ele. – Procura saber se o condenado Gabriel Lambert ainda está aqui. Depois, trata de nos informar sobre o que é feito dele e quais as observações a seu respeito.

O jovem saiu e dez minutos depois entrou com um registro aberto.

– Eis, senhor, se quiser ter o trabalho de ler estas poucas linhas, elas cabalmente irão satisfazê-lo.

Sentei-me diante da mesa sobre a qual ele pusera o registro e li o que se segue:

“Hoje, cinco de junho de mil oitocentos e quarenta e um, eu, Laurent Chuverny, lugar-tenente de primeira classe, dando uma volta pelo estaleiro, durante a hora de repouso concedida aos condenados por causa do grande calor do dia, declaro ter encontrado o chamado Gabriel Lambert,

condenado aos trabalhos forçados perpetuamente, enforcado em uma amoreira, à sombra da qual dormia, ou fingia dormir, o seu companheiro de ferros, André Toulman, por alcunha Rossignol.

Neste aspecto, o meu primeiro cuidado foi acordar este último, que manifestou a maior surpresa possível em face de tal acontecimento, afirmando não ter nisso cumplicidade alguma. Com efeito, depois que o cadáver foi baixado, achou-se, após uma busca em seu bolso, um bilhete escrito de próprio punho, assim redigido:

‘Hoje, 5 de junho de 1841, durante a hora do repouso que nos é concedida, enquanto o meu companheiro Rossignol estiver entregue ao sono, espero levar a cabo a resolução que de longa data tomei de me suicidar, haja vista que a vida na calceta se me tornou impossível.

Escrevo esta carta a fim de que Rossignol não sofra, sem ser culpado, algum castigo.

Gabriel Lambert.’

No entanto, como o condenado era conhecido por sua excessiva covardia, e parecia inacreditável ter-se ele enforcado sem a ajuda de seu companheiro, ao qual ele estava unido somente por uma corrente de dois pés e meio, tive a honra de propor ao senhor inspetor de mandar para o calabouço, por quinze dias, André Toulman, por alcunha Rossignol.

Laurent Chiverny

Lugar-tenente de 1^a. Classe.”

Abaixo, estavam escritas em letra diferente, e assinadas de uma simples rubrica as três linhas seguintes:

“Que se enterre esta tarde o nominado Gabriel Lambert e que seja enviado imediatamente ao calabouço por quinze dias o chamado Rossignol.

V. B.”

Tirei uma cópia deste inquérito sumário e exponho aos olhos dos leitores,

sem nele alterar uma só palavra que aí encontrarão, confrontando o que me havia escrito Rossignol, o complemento natural e exauriente da história que acabo de contar.

Observarei somente que admirei a esperteza do honrado lugar-tenente, mestre Laurent Chiverny, que percebeu, ao encontrar o cadáver de Gabriel Lambert, que seu companheiro, André Toulman, por alcunha Rossignol, parecia dormir, mas não dormia verdadeiramente.

CRÉDITOS

Gabriel Lambert

Alexandre Dumas (1802–1870).

Série Clássicos Estrangeiros- vo. 68.

Tradução de Antônio José Leite Lobo, com a participação de Paulo Soriano.

Obra originalmente publicada no periódico “A nova Minerva”, do Rio de Janeiro, entre dezembro de 1844 e fevereiro de 1845. Pesquisa, recuperação, atualização ortográfica, parte da tradução, adaptação textual e notas: Paulo Soriano.

Ilustração: Henri Félix Emmanuel Philippoteaux (1815 – 1884).

Imagem da capa: David Wilkie (1875 – 1841).

© da adaptação textual e de parte da tradução: Paulo Soriano.

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL

www.freebooks.editora.com

Sites recomendados: <http://www.triumviratus.net/>

<http://www.contosdeterror.site/>,

<http://www.contosdeterror.com.br>

